

REVISTA
DO
BRASIL

RUA BOA VISTA, 52 — Cx. 2-B — S. PAULO
Assignaturas: Anno — 20\$000; Extrangeiro — 25\$000
Numero avulso — 1\$800.

SUMMARIO do N.º 59 — Novembro 1920

O Momento	REDACÇÃO	193
O Brasil na segunda Confe- rencia Pan Americana . . .	PERCY ALVIN MARTIN . . .	195
Versos	BAPTISTA CEPellos . . .	210
Na Terra Roxa	CARLOS STEVENSON . . .	225
A nudez e o vestuario . . .	HYGINO CUNHA	227
A caminho da sociedade das nações	HELIO LOBO	239
Bandeirante	OTHONIEL MOTTA	247
Academia Brasileira de Letras	ARTHUR MOTTA	255
Concursos Literarios		271
Bibliographia	REDACÇÃO	273
RESENHA DO MEZ — O esartejado de 1720 (<i>As- sis Cintra</i>) — As advertencias do recenseamento (<i>Veiga Miranda</i>) — “Cavar” (“Jornal do Com- mercio”, Rio) — As consequencias do urbanis- mo (<i>Paschoal de Moraes</i>)		282
CARICATURAS		288

S. Paulo

1920

Rio



SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com
A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o
DESENVOLVIMENTO e a F.RMEZA dos SEIOS sem causar
danno algum a saude da MULHER. — "Vide os attestados e
prospectos que acompanham cada Caixa.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e
CASAS DE PERFUMARIAS do Brasil.

✂ AVISO — Preço de uma Caixa 10\$000, pelo Correio mais
2\$000. Pedidos ao Agente Geral.

J. DE CARVALHO — Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

Gravidez

EVITA-SE usando os PESSA-
RIOS AMERICANOS; são in-
offensivos, commodos, de ef-
feito seguro e antisepticos. —
Encontram-se á venda nas
principaes DROGARIAS de S.
Paulo.

✂ AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qual-
quer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000,
enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao
Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1724
— RIO DE JANEIRO —

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista
Ingles, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, De-
fluxos, Bronchites, Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Can-
saço, Suffocações, é um medicamento de valor, composto exclusi-
vamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem
morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

"Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco".

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias do
São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. - Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 1/2 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société
Anonyme

Bloch

au Capital de 4.500.000 fracs. ———

FAZENDAS
E TECIDOS

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

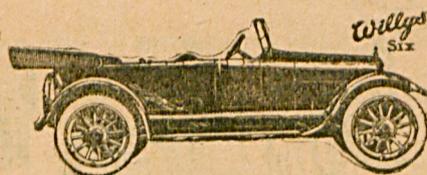
S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévisse ——



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:
ESCRITORIO Ct. N. 3479
GARAGE Cd. 5411
CAIXA POSTAL N. 534
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 **São Paulo**
AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

CANTO LIBERO BADARO'





WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZUL-
ALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM:

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas correias para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6. ^a edição	4\$000	5\$000
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a edição	4\$000	5\$000
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, crítica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a ed.	4\$000	5\$000
NARIZINHO REBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>	—	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	10\$000	12\$000
AMOR IMMORTAL, romance por <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	5\$000
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3. ^a edição	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—
ANNAES DE EUGENIA, organizados pelo <i>Dr. Renato Kehl</i>	8\$000	—
VÃO NUPCIAL, interessantissimo romance por <i>Albertino Moreira</i>	3\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2. ^a edição	3\$000	4\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	4\$000	5\$000

Pedidos aos editores: MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
CAIXA, 2-A — S. PAULO

: : Pedidos para o interior, mais 10 % para o porte : :

BREVEMENTE

Narizinho Arrebitado,

livro para creanças, por
Monteiro Lobato, com de-
senhos de Voltolino, a tres
côres 3\$500

Pedidos á
REVISTA DO BRASIL



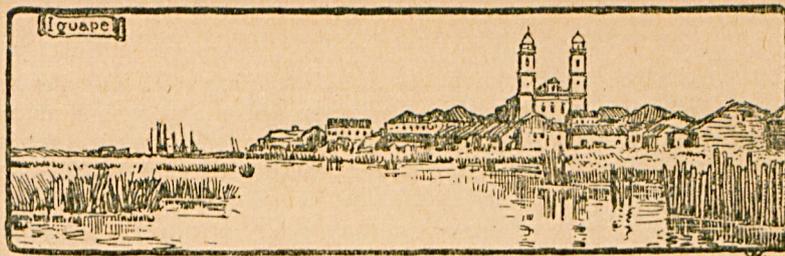
cisca Julia. Para lhe ser vedado o grande exito nacional, que se traduzisse em popularidade, não era preciso o seu concurso de deficiencias de arte. Esse milagre é vulgar. Não fosse e a poetisa illustre — conhecida e amada — teria, insensivelmente, repellido a balda injusta.

Impassibilidade, não, mas sim magestade; não frieza, porém, brilho e brilho intenso, constante. Porque não cedeu ao lyrismo entre nós tão facil, nem á exaltação tão nossa, não cahiu tambem no extremo opposto. Ha poesia, ha sentimento nos imaginosos, heroicos versos da gloriosa patricia.

Não se sente em "Argonautas" o pulsar do seu coração á aventura, entre os anceios do heroismo e o vago temor do desconhecido? E' impassivel quem pede — "a aurea bençam dos céus e a protecção dos astros" ? E' dramatico. Frio, não.

Se, de facto, mulher, Francisca Julia se apartou de suas semelhantes, pela postura nobre, pela isenção e pureza da arte, valhalhe isso. De Hypathia, a evangelisadora da cultura egypcia, que morre ás mãos do populacho, a Heloisa, cuja eloquencia é a resultante immediata da vida e do amor; de Mme. de Sevigné, cujas cartas de mãe são primores literarios, a G. Sand, que vive os seus romances, entre as damas illustres, ha um logar para a poetisa paulista, mas, logar de destaque para quem fez a arte pela arte, sem confundir o poetar brilhantissimo com o recatado viver da dona de todas as virtudes.





O Brasil na segunda Conferencia Financeira Pan-Americana

POR PERCY ALVIN MARTIN

DA STANFORD UNIVERSITY, DA CALIFORNIA

No começo deste anno realizou-se na hospitaleira cidade de Washington o que possivelmente terá sido a mais importante assembléa internacional effectuada em territorio norte americano desde a assignatura do armistício. Refiro-me, naturalmente, á Segunda Conferencia Financeira Pan americana cujas sessões se verificaram de 19 a 24 de Janeiro.

Comquanto tenha tido alguma publicidade o que se passou nesse convenio devido aos telegrammas a respeito enviados aos principaes jornaes do Rio de Janeiro e de São Paulo é bem possivel, todavia, que um resumido artigo, relatando as deliberações e os objectivos da Conferencia em suas linhas geraes, possa resultar interessante para os leitores da REVISTA DO BRASIL. Ao mesmo tempo que nesse escripto se tentará analysar o trabalho de conjuncto daquella grande assembléa, merecer-nos-á especial interesse a parte nella tomada pela delegação brasileira e pelos membros da Commissão do grupo brasileiro. Tal interesse, aliás, justifica-se perfeitamente bem, não só pela importancia do Brasil na collectividade americana como tambem pela importante contribuição que, no caso, trouxe a delegação brasileira ao estudo e á solução dos muitos vexatórios problemas de que se occupou a Conferencia. Na qualidade de secretario da Commissão do grupo brasileiro pode o autor ter o privilegio de acompanhar de perto o trabalho dos representantes do Brasil e entrar em estreito contacto com os membros norte americanos e brasileiros da secção dedicada a esse paiz.

A importancia da assembléa de Washington poderá ser bem avaliada si tivermos em conta alguns factos e idéas retrospectivas entre os brasileiros e norte americanos no movimento pan-americanista.

Devemos reconhecer, simples e preliminarmente, que até ha pouco tempo o panamericanismo repousava em bases instaveis. A julgarmos pelo seu proprio nome teriamos de exigir uma certa identidade ou ao menos uma certa communhão de interesses no dominio da lingua, da raça e da religião; ou, então, no movimento politico e economico. E por esses criterios é obvio que os Estados Unidos de uma parte e a America Hespanhola e o Brasil da outra pouco tem de commum. Separamos differenças de lingua e de raça e diversidades de planos de cultura. Ao passo que nós do Norte descendemos em larga proporção de Anglo-Saxões e de Germanos os nossos visinhos do sul são os herdeiros espirituaes da França, da Hespanha e de Portugal. E até poucas decadas a America Latina e os Estados Unidos não constituiram, no senso lato da expressão, uma unidade economica; ambos foram exportadores de materias primas e importadores de artigos machinofacturados, motivo porque as suas relações commerciaes com a Europa foram muito mais seguidas e apertadas do que entre elles proprios.

A semelhança, o motivo de approximação, está na identidade de ideaes politicos. Todas as nações ao sul desta União são actualmente republicas, ao menos nominalmente, com constituições modeladas de perto ou de longe sobre a nossa. A todas ellas anima o mesmo amor da independencia, o mesmo desejo de preservar intactas as suas tradições politicas e culturaes.

Do ponto de vista historico o panamericanismo pode remontar a sua existencia a cerca de um seculo. Entretanto não falta quem estabeleça controversia sobre a data e o local da sua manifestação inicial. O escriptor brasileiro sr. Heitor Lyra, num brilhante ensaio que recentemente appareceu na REVISTA AMERICANA procurou mostrar, documentadamente, que o panamericanismo foi de origem brasileira e precedeu por varios annos a declaração do presidente Monroe. De outra parte uma personalidade não menos conhecida, um sociologo norte americano de alto conceito em materia de direito internacional, o dr. John Bassett Moore, reivindicou para o nosso compatriota Henry Clay o titulo de primeiro panamericanista.

Certamente tal reivindicação prende-se ao facto de que para aquelle kentuckiano de largo coração tudo que era hispano-americano se apresentava singularmente attrahente, apparecendo-lhe os colonos hepanhóes em luta como cidadãos do novo mundo, que seguiam para libertar-se da metropole as gloriosas pegadas de George Washington. Como se sabe os principaes esforços de Clay foram no sentido de que os Estados Unidos se apressassem a reconhecer a independencia dos



antigos colonos hepanhões, o que se consumou em 1822. E este movimento altruístico de Clay tornou-se para nós uma realidade nacional quando em 1824 os norte americanos tiveram a distinção de ser o primeiro povo a reconhecer a emancipação do Brasil.

A influencia da doutrina de Monroe na evolução do panamericanismo não pode ser completamente exposta neste breve artigo. Comquanto seja certo que em seus desdobramentos ulteriores ella tenha contribuido para tornar suspeita a acção e a politica dos Estados Unidos, é incontestavel que, por outra parte e em seu periodo inicial, ella contribuiu decisivamente para estreitar a união entre as livres nações do Novo Mundo, provocando assim, indirectamente, a criação e o progresso de um sentimento de solidariedade continental norte americana, o que é, de facto, a essencia da doutrina panamericana.

O Brazil foi o primeiro paiz sulamericano a realizar as possibilidades da doutrina de Monroe como uma força cohesiva que mantivesse os Estados Unidos e as nações recém libertadas unidas por uma inspiração commum de liberdade e de emancipação da dictadura do Velho Mundo. Vale lembrar, por exemplo, que menos de dois mezes depois de ter sido lida a famosa mensagem do presidente norte americano o governo brasileiro dava ao seu representante em Washington instrucções para propor aos Estados Unidos uma alliança offensiva e defensiva assente nas bases da doutrina recentemente enunciada e estabelecendo o principio de que os sacrificios que os norte americanos estavam dispostos a fazer pelos outros povos da America não poderiam deixar de ser retribuidos.

Dois annos mais e Bolivar, o libertador das republicas sul americanas do noroeste e presidente da grande republica da Columbia, contribuia para a intensificação e generalisação do panamericanismo em sua formula actual. Em 1826 por motivo de um convite urgente, reuniu-se no isthmo de Panamá um congresso que foi algumas vezes dignificado com o titulo de panamericano. Todos os paizes autonomos do Novo Mundo foram convidados a participar dessa assembléa. E comquanto ella tenha sido mais productiva em promessas do que em realidades — pouco importavam os resultados tangiveis — o impulso dado ao movimento nascente de solidariedade continental não foi inteiramente perdido.

Coube ao secretario de Estado norte americano, James G. Blaine, dar o primeiro passo para tornar em realidades as aspirações de Henry Clay e de Bolivar. Victima talvez das suas illusões demasiadamente generosas Blaine estava sinceramente convencido de que os tempos eram propicios, afinal, para as



duas Americas iniciarem uma nova era de estreita cooperação e de mutuo auxilio. Effectivamente o primeiro congresso panamericano que se realizou em Washington, em 1888, como resultado dos seus esforços, despertou geral interesse em todos os paizes americanos. Os delegados dos dezoito paizes que se fizeram representar nessa conferencia eram todos homens de capacidade e de previsão, tanto que no programma submettido ás discussões plenarias tratavam-se de assumptos variados, como o da união alfandegaria, da reciprocidade dos transportes terrestres e maritimos, da uniformidade de pesos e medidas, da criação de um padrão monetario invariavel e da organização de um instituto de arbitramento internacional.

Fosse esse programma realizado integralmente e ter-se-ia caminhado muito na criação de um Novo Mundo economico.

Outros congressos panamericanos foram realizados, nas cidades de Mexico, Rio de Janeiro e Buenos Ayres, em 1902, 1906 e 1910, respectivamente. Depois houve tambem dois congressos scientificos panamericanistas, um em Santiago de Chile, em 1908, e o outro em 1916, em Washington.

A se julgar os fructos dessas convenções no tocante a accordos e tratados vê-se que os resultados obtidos de tão imponentes reuniões não correspondem ao esforço dispendido. Excepto a ractificação de alguns tratados de arbitramento e a criação, e o funcionamento, em Washington, da extremamente util União Panamericana, os seus feitos tangiveis foram diminutos.

Era comtudo inevitavel que em tal materia os progressos fossem irritantemente lentos. O campo de experiencias não era conhecido e nem os principios de cooperação, essenciaes ao bom exito, tinham sido postos á prova; por isso os problemas cuja solução dependia de acção conjuncta complicavam-se extremamente.

Apezar de tudo, porém, sempre se conseguiu alguma coisa de apreciavel. A propria existencia daquellas assembléas nas quaes as representações de tão variados interesses tiveram oportunidade de trocar idéas e de se avaliarem reciprocamente, procurando e encontrando bases de commum accordo, marca um decidido passo para a frente. No mais é de ver que a administração internacional, como ha pouco ficou dolorosamente provado, está ainda em sua infancia sendo muitos os obstaculos ao seu desenvolvimento, a ponto de parecerem insuperaveis.

Uma prova de vitalidade do panamericanismo nos foi dada, como as de tantas outras instituições humanas, no momento terrivel da guerra. Quando os Estados Unidos entraram na



luta trazendo o hemispherio occidental para a area das hostilidades logo se levantou uma questão: ficariam os outros membros da familia panamericana passivos espectadores do conflicto entre as forças da liberdade e do despotismo ou prefeririam seguir o exemplo norte americano ?

A resposta, senão unanime, foi impressionante. O panamericanismo deixou de ser um simples motivo para a reunião de congressos internacionaes, um assumpto para discursos de postasto, uma formula diplomatica. Sob a premencia da guerra tornou-se uma força dynamica, investida de nová significação e de objectivos novos. As nações do Novo Mundo tornaram-se agudamente conscientes de que o triumpho dos Imperios Centraes poria em perigo uma commum herança de ideaes democraticos e libertarios.

E manifestações não tardaram. Comquanto tenham para isso tambem contribuido a geral sympathia pela França e a indignação pela campanha de pirataria dos submarinos allemães o panamericanismo teve influencia apprehensivel na attitude dos paizes sul americanos. Muitos delles puzeram-se officialmente ao lado dos Estados Unidos e dos Alliados, quer declarando guerra á Allemanha, quer rompendo relações commerciaes e diplomaticas com ella.

O Brasil, de accordo com a sua evolução historica, tomou na questão o primeiro plano, dando expressão official ás suas crenças no ideal panamericano em sua accepção mais ampla. Em 1 de Junho de 1917, como hão de todos estar lembrados, o Brasil revogou officialmente a sua neutralidade no conflicto entre os allemães e os norte americanos. O presidente Wenceslau Braz em seu telegramma de 13 de Junho ao presidente Wilson não somente definiu admiravelmente a attitude do Brasil na luta entre a grande republica norte americana e as potencias autocraticas da Europa como ainda esforçou-se para dar ao acto do Brasil inteira significação: "O Brasil, declarou elle, formando mais uma vez ao lado dos Estados Unidos permanece fiel ás suas tradições politicas e diplomaticas de solidariedade continental".

A guerra fez mais do que revelar em sua plenitude a existencia de uma communhão de ideaes e aspirações democraticas entre as republicas americanas e principalmente entre o Brasil e os Estados Unidos: demonstrou, além disso, a urgente necessidade de uma cooperação effectiva e mutuamente aproveitavel de todas as nações do Novo Mundo, tanto do ponto de vista economico como do financeiro.

Esse panamericanismo pratico não somente appella para o interesse e o trabalho das forças governamentaes, negociastas



e financeiras, que sómente podem ter escasso effeito util nas manifestações politicas como ainda achou sua formula concreta numa serie de conferencias financeiras panamericanas das quaes a primeira foi realizada em Washington, em 1915.

Tal reunião differiu ao menos em duas coisas fundamentaes de todas as anteriores assembléas panamericanas. O programma apenas cuidava do exame e da satisfação de questões de valor pratico, prevendo a instituição de um organismo para então as resoluções dos grandes congressos continentaes nada mais eram do que bellos e ardentes desejos, devidamente vestidos em bella linguagem e que logo eram esquecidos. Da Conferencia de 1915 em diante as coisas mudaram de aspecto. Nella foi creada uma alta commissão internacional, composta de ministros ou secretarios do Thesouro de vinte republicas americanas e de auxiliares e peritos que se julgassem necessarios. Essa commissão funciona até agora, tendo character permanente e sendo custeada pelo governo. Seu objectivo essencial é transformar em acção legislativa e administrativa os relatorios da conferencia financeira. E nesse sentido já mais do que justificou a sua existencia, pois devido aos seus esforços grande parte das propostas da primeira conferencia foram levadas a effeito.

Eram obvias as razões que inspiraram a reunião de uma segunda conferencia financeira logo após a conclusão da Grande guerra. Succedia que os acontecimentos dos ultimos annos tinham affectado profundamente a estructura da maioria dos paizes sul americanos, causando notaveis alterações nas relações economicas internacionaes de todas ellas. E os Estados Unidos estavam intimamente ligados a essas transformações; relativamente a quasi todos os paizes ibero-americanos nós tinhamos deixado de occupar o terceiro para conquistar o primeiro logar como fonte e destino da importação e da exportação delles. A Inglaterra perdera a sua supremacia. E a Allemanha fora, pelo menos, eliminada provisoriamente. Revela bem essa transição o facto de que de 1913 para 1919 o nosso commercio com a America Latina cresceu de 808 milhões de dollares a mais de 2 mil milhões em 1919.

No tocante a outras materias a guerra tambem revelou a necessidade de uma mais estreita cooperação economica entre os norte e os sul americanos. Antes de 1914 praticamente todos os melhoramentos publicos na America Latina eram custeados em seu inicio pelos europeus, principalmente pelos inglezes e pelos francezes. As hostilidades fizeram quasi que immediatamente cessar o fluxo do capital do Velho Mundo e actualmente



ainda passarão muitos e muitos annos antes que os europeus possam prestar auxilios monetarios aos sul americanos.

Aggravava a situação a urgente necessidade das republicas da America Latina disporem de fundos sufficientes para levarem por deante a sua expansão economica, bruscamente suscitada durante a conflagração. Além disso era geral a convicção de que tanto os financeiros como os negociastas das duas Americas estarem ansiosos por um encontro, afim de apressar a solução de muitas questões financeiras e economicas verdadeiramente angustiosas.

Em taes condições abriu-se a segunda conferencia financeira panamericana, funcionando de 19 a 24 de Janeiro deste anno. A convite do governo dos Estados Unidos sessenta delegados das nações latino-americanas e mais duzentos dos principaes banqueiros, exportadores e negociastas norte americanos encontraram-se para estudarem detidamente os problemas financeiros e economicos que defrontavam as republicas americanas no difficil periodo da reconstrucção. A conferencia, além disso, reuniu o maior numero de ministros — principalmente ministros das finanças — porventura reunidos numa assembléa panamericana.

O objectivo essencial da tarefa de que a conferencia devia desempenhar-se será bem comprehendido mediante uma breve referencia ao programma dos topicos que os governos representados tinham resolvido discutir. Esses topicos referiam-se aos effeitos da guerra sobre o commercio, as industrias, as minas, as manufacturas, a agricultura e as obras publicas dos varios paizes sul americanos; ás necessidades de capital e de credito e aos meios de provel-os; aos factores, favoraveis e contrarios, que affectam o credito publico; á influencia da guerra nos meios de transportes e á revista das necessidades presentes e futuras para o acrescimo das communições ferroviarias, maritimas e aereas; ás medidas tendentes a favorecer o intercambio commercial; ao advento de uma legislação uniforme sobre tarifas aduaneiras, cheques, bilhetes de cambio, recibos de depositarios, patentes, exclusividades e direitos de almirantado. A urgencia da solução de pelo menos um desses problemas está bem demonstrada pela communição de um delegado argentino que, vendo-se forçado a chegar a Nova Yory, via Londres, declarou que o serviço de passageiros entre Buenos Ayres e os Estados Unidos não é actualmente melhor do que em 1816. Ha nisso um pouco de exaggero, mas grande parte de verdade.

Pela lista de assumptos exarada é visivel que a Conferencia comquanto preocupando-se essencialmente com as questões



financeiras, interpretou, entretanto, os seus deveres, com grande amplitude. E si conseguiu resultados de valor durante o curto praso da sua reunião deve-o aos processos expeditos de apresentação e discussão, ao grande trabalho preliminar e a uma cuidadosa organização.

Afim de dar a cada paiz a opportunidade de discutir os seus problemas proprios com a maxima franqueza e liberdade adoptou-se o plano de organizar commissões de grupos que realizavam sessões de character executivo. Dessas commissões havia dezenove correspondentes ás nações latino-americanas representadas na assembléa, sendo cada uma composta dos delegados officiaes de cada paiz, de um representante especial do Thesouro norte americano e de alguns norte americanos, em numero de 15, escolhidos por serem julgados autoridades nos problemas do paiz em questão. Antes de terminar cada uma das sessões plenarias o secretario da commissão fazia um minucioso relatorio das suas resoluções e recommendações que era transmittido á commissão de resoluções da Conferencia de cujo conjuncto o dr. John Bassett Moore era presidente. Essa commissão, por sua vez, preparava a lista das resoluções e recommendações que tinham de ser levadas ao plenario em ultima instancia.

Do que precede é facil ver que as commissões de grupo constituíam o coração da Conferencia. Naturalmente os leitores da REVISTA DO BRASIL, gostarão de saber alguma coisa do pessoal e das acções da Commissão brasileira. Sobre elle temos de dizer, antes de tudo, que constituia uma das mais fortes das dezenove commissões e que correspondia inteiramente ao prestigio e conceito da nação cujos interesses servia. O presidente da delegação official era o dr. Carlos Cezar de Oliveira Sampaio, engenheiro distinctissimo, eminente professor da Escola Polytechnica e da Academia Naval do Rio de Janeiro e publicista cujos trabalhos são considerados notaveis na particularidade a que se referem. Das suas obras a mais notavel é sobre mecanica applicada, pois se trata de um livro de notavel valor scientifico. Ao passo que insiste sobre a applicação pratica das theorias mecanicas, a introdução do trabalho contém uma notavel synthese de toda a sciencia moderna. Por isso occupa, de facto, um logar unico no dominio da litteratura scientifica escripta em lingua portugueza. Além disso o dr. Carlos Sampaio allia as possibilidades de um cientista ás capacidades de um homem de negocios. No decorrer da sua carreira profissional no Brazil elle ligou o seu nome a varios grandes empreendimentos. Basta notar que elle identificou-se com a Brazil Railway Company e recente-



mente foi eleito presidente da Companhia do porto do Rio de Janeiro. Deste modo acha-se em contacto com os maiores problemas economicos e financeiros do Brazil, e, de facto, referiu-se a elles, durante a conferencia, com esclarecida attenção, impondo-se ao respeito e á admiradção de todos que o ouviram.

Como consultor legal e secretario do dr. Carlos Sampaio a Commissão brasileira contava com o dr. Manoel Coelho Rodrigues, advogado de nota que durante algum tempo serviu de secretario ao dr. Lauro Muller, quando este foi ministro das relações exteriores.

Qualquer apreciação intelligente do trabalho do Brazil na conferencia seria impossivel sem alguma referencia aos norte americanos que figuravam na sua commissão de grupo. Como representante especial do secretario do Thesouro dos Estados Unidos fazia parte della o sr. Albert Strauss, vice presidente da Federal Reserve Board. O presidente dos norte americanos do grupo brasileiro era o sr. Oscar T. Crosby, anteriormente secretario ajudante do Thesouro e um cavalheiro de larga experiencia em questões financeiras. Durante a guerra foi elle um dos auxiliares do sr. Hoover na Belgica e depois representou o secretario M'Adoo em Paris, nas negociações dos nossos mais vultuosos emprestimos aos alliados. Os trabalhos da Commissão foram por elle guiados com grande tacto e efficiencia.

Entre os outros membros norte americanos podemos mencionar os srs. W. Cameron Forbes, ex-governador das Philippinas e, ainda recentemente, recebedor da Brazil Railway Co., J. H. Bagley, vice presidente da American Bank Note Company, A. H. Dick, da American Locomotive Sales Corporation da cidade de Nova York, cavalheiro mui vantajosamente conhecido no Brasil, Frederico Lage, anteriormente no Rio de Janeiro mas agora ligado á firma de Imbrie & Co., de Nova York. William S. Culbertson, de Washington, e membro da Commissão de tarifas dos Estados Unidos, e o coronel F. A. Politor, de Nova York, engenheiro com longa experiencia no Brasil.

Nas longas e semcerimoniosas sessões da commissão de grupo os problemas mais importantes do Brasil, em materia de economia e de finanças, foram submittidos a cuidadoso e interessado exame, sendo organizada uma lista de recommendações e propostas que si for realisada em apreciavel proporção poderá contribuir para reformar por completo as relações commerciaes entre o Brasil e os Estados Unidos.

Naturalmente aqui não posso fazer senão citar algumas dessas recommendações. De accordo com a exposição do sr. Carlos Sampaio sobre as necessidades presentes e as futuras pos-



sibilidades das industrias da borracha e do assucar no Brasil a commissão pede a attenção do capital norte americano para as oportunidades que taes industrias lhe offerecem. Tambem o dr. Carlos Sampaio insistiu sobre a urgencia de se reorganizarem completamente os processos de extracção e de venda da borracha brasileira, dizendo que com o auxilio do capital e iniciativa norte americana o mercado brasileiro da borracha poderá libertar-se definitivamente da ameaça que para elle é a concurrencia das plantações lactiferas das Indias.

Tambem foi bem evidenciada a necessidade de se ampliarem os serviços bancarios, tratando-se do estabelecimento de agencias dos principaes bancos brasileiros nos Estados Unidos, para o que seria mistér a modificação de certas praxes bancarias norte americanas. Finalmente a commissão foi de opinião que o publico negociista norte americano fosse estimulado a empregar capitaes em emprezas brasileiras, pois emprestimos dessa natureza além de representarem um seguro e vantajoso emprego de capital favorecem a approximação entre brasileiros e norte americanos.

São de particular interesse as seguintes resoluções relativas ao transporte maritimo:

Considerando que o presidente do Shipping Board annunciou que vae ser inaugurado um serviço de transporte de passageiros na costa oriental da America do Sul, a ser feito por navios de pequena tonelagem cuja velocidade não excederá de 15 nós por hora;

Considerando que as necessidades da America do Sul são taes que tal serviço resultará forçosamente insufficiente e que os interesses da America do Sul e da America do Norte exigem mais rapidas e mais frequentes communições maritimas, feitas por navios de grande tonelagem, afim de fazer frente á concurrencia de outras nações maritimas;

A Commissão brasileira na Conferencia emite o voto de que, sendo importantes como o são as relações entre a America do Norte e a America do Sul e as possibilidades mercantis entre a costa oriental sul americana e os Estados Unidos, o serviço de transporte de passageiros nesta costa seja feito por navios que tenham a velocidade de, pelo menos, 18 nós horarios, com 18 a 20 mil toneladas de deslocamento, sendo o serviço dos portos que não podem receber esses navios effectuado mediante transbordo.

Deste modo, sendo attendido tal desejo, os Estados Unidos ficarão ligados ás republicas sul americanas por linhas de navegação eguaes, senão superiores, ás que actualmente existem entre a Europa e a America do Sul.



Sob o titulo de "Facilidades de encommendas postaes e taxas postaes mais baratas" a commissão demonstrou a imperiosa necessidade de se ampliar o serviço de encommendas postaes no Brasil, onde delle beneficiam somente algumas localidades. E tambem mostra que até agora a principal difficuldade ao bom funcionamento desse serviço está no facto da desigual divisão das receitas, pois, actualmente cada paiz retém o total das receitas que recebe e como o Brasil recebe muito mais do que os Estados Unidos este paiz fica em situação desvantajosa. Por isso a commissão lembra uma divisão das receitas que seja favoravel egualmente ás duas nações. Finalmente, no relativo á maior facilidade dos serviços postaes a Commissão propõe o estabelecimento de uma instituição internacional na qual se preparasse um serviço postal aereo, para o transporte de cartas e pequenas encommendas.

As outras propostas e recommendações da commissão brasileira no total das recommendações da conferencia não apresentam um interesse especial.

As reuniões das commissões de grupo de diversos paizes, comquanto da maxima importancia, não exgotaram a actividade da Conferencia. Houve grande numero de sessões publicas, lanches, recepções e na ultima noite um banquete de cerimonia promovido pelo secretario do Thesouro.

Foram as sessões publicas inauguradas por uma breve mas impressiva mensagem do presidente Wilson na qual a nota do minante era a de que nenhuma oportunidade para a cooperação internacional norte americana poderia ser melhor do que a realização da conferencia. Nessas sessões foram feitas importantes declarações relativas ás relações economicas da America Latina com os Estados Unidos. O sr. M'Adoo, anterior secretario do Thesouro, discutiu os resultados da primeira conferencia no tocante ao acrescimo do commercio e ao progresso geral das relações entre as republicas americanas e os Estados Unidos. O sr. Payne, do Shipping Board, delineou um comprehensivo plano de communicações maritimas entre as duas Americas; o dr. John Bassett Moore fez um bello relatorio sobre os trabalhos da Alta commissão internacional; o sr. Huston Thompson da Federal Trade Commission, falou da "Regulamentação da competição internacional anormal" e o sr. Paul M. Warburg tratou dos "Modelos fiscaes de moeda como medida do credito das nações".

Os delegados latino-americanos tiveram, naturalmente, oportunidade de expôr as suas idéas nas varias reuniões geraes da conferencia. Houve mesmo risco de que a demasia de discursos pudesse prejudicar a attinencia dos objectivos da conferen-



cia. A proposta de que fossem eleitos tres ou quatro congressistas para dar a resposta ás boas vindas do secretario Lansing não foi acceita, pois todas as dezenove delegações insistiram em ellas mesmas manifestarem a sua satisfação por se encontrarem em Washington numa occasião tão auspiciosa.

Como era de esperar não faltaram referencias á nossa attitude na politica mundial. "Sem os Estados Unidos a Liga das Nações não está completa", declarou o dr. Carlos Sampaio, numa impressiva peroração. "Entretanto realizemos por amizade e por cooperação a Liga das Americas". O dr. Ricardo Aldao, da Argentina, provocou applausos quando elogiando a participação dos norte americanos na guerra voltou-se para a bandeira dos Estados Unidos, apposta numa das paredes do salão da Conferencia, dizendo: "Procedestes bem, irmão mais velho, e estamos contentes e orgulhosos pela tua attitude immortal".

Seria um erro, entretanto, julgar que as declarações publicas dos delegados sul americanos limitaram-se a simples expressões de fraternidade internacional. Muitos dos discursos proferidos continham suggestões constructoras de interesse original e, em alguns casos, de valor permanente. O thema mais ventilado foi o da urgente necessidade do capital norte americano para os paizes da America Latina, com a exposição das vantagens decorrentes do emprego delle tanto para o credor como para o devedor. O delegado argentino, dr. Zuberbühler, depois de estabelecer o facto de que o emprego do capital estrangeiro é um estimulante do commercio internacional, mostrou exemplos do emprego do capital inglez em seu paiz.

O delegado boliviano dr. Tejada fez uma importante proposta sobre a concessão de emprestimos estrangeiros. Resumia-se ella numa transferencia das obrigações externas dos paizes sul americanos da Europa para os Estados Unidos. "Toda a America Latina foi financeiramente auxiliada pela Europa", declarou o autor do projecto, e comb devedores nós estamos na obrigação moral de devolver as economias da Europa quando ella precisar dellas. Si os Estados Unidos querem auxiliar os povos do Velho Continente que elles o façam deixando que a America Latina pague suas obrigações aos paizes europeus. Assim as nações sul americanas aproveitariam as vantagens do cambio, com o que a Europa não perderia, pois a situação cambial pode ser reconcertada antes que comece a sua reconstrucção. Ao contrario disso não adianta coisa alguma á Europa conservar os titulos sul americanos porque mais tarde pouco lhe valerão. Uma outra vantagem do plano é a creação de um mercado para as moedas europeas na America Latina assim contribuindo para a estabilização do cambio. Basta que a Ame-



rica Latina pague seus debitos com economia e os resultados dessa economia serão applicados na construcção de estradas de ferro e no desenvolvimento de outras industrias." Depois o dr. Tejada lembrou que parte daquellas obrigações poderia ser paga em generos alimenticios.

Deve-se dizer, francamente, que a despeito dessas esplendidas perspectivas, essa proposta não mereceu a approvação dos membros da conferencia. Poude-se mesmo notar a respeito uma especie de opposição latente. Das objecções a mais seria, comquanto não exposta em publico, foi a de que essa mudança total de obrigações poderia contribuir para destruir o salutar equilibrio que na America Latina existe entre a Europa e os Estados Unidos, dando a este paiz a hemogenia commercial e economica do Continente. Certamente os leitores deste artigo lembrar-se-hão da apprehensão que acerca de tão importante assumpto foi manifestada no Parlamento brasileiro, durante as sessões de Junho de 1919, pelo deputado Mauricio de Lacerda e pelo senador Ruy Barbosa; e tambem não terão esquecido que nada menos do que uma autoridade da envergadura do dr. Leopoldo de Bulhões, anteriormente ministro da fazenda, censurou tal apprehensão, pelas columnas do "O Imparcial", declarando não ter ella fundamento em facto algum.

Entretanto existe tal receio em muitas das nações sul americanas, habilmente fomentado pelos nossos rivaes em materia de commercio. Para dissipal-o basta a attitude do governo e dos cidadãos dos Estados Unidos relativamente ás republicas irmãs.

Não é exaggero dizer que o mais importante de todos os discursos publicos pronunciados pelos delegados latino-americanos foi o do dr. Carlos Sampaio que falou sobre o thema "O Brasil como nação que deve". Depois de uma breve mas incisiva analyse das finanças do Brasil — analysé em que se não fez nenhuma exposição geral dos recursos do paiz e estabeleceu a necessidade não de emprestimos do estrangeiro mas sim da collaboração do capital e da iniciativa dos estrangeiros para a exploração das grandes riquezas do Brasil. Os proveitos que adviriam da intelligente exploração do valle do Amazonas, as oppportunidades para o desenvolvimento das installações hydro-electricas que offerecem as grandes quedas de Paulo Afonso e do Iguassu', as possibilidades de immensa expansão no cultivo de productos semi-tropicaes como o assucar, o algodão e o cacau, foram por s. s. apresentados como alguns dos pontos em que o Brazil precisa da energia e do capital dos norte americanos.



O dr. Sampaio teve a franqueza de reconhecer, comtudo, que certas condições devem ser voluntariamente satisfeitas si a America Latina e, no caso presente, o Brasil, desejam poder contar com a contribuição dos Estados Unidos. "Tudo isso, porém, disse elle, só poderá ser realizavel si em cada paiz forem dadas sufficientes garantias quanto ao capital empregado. E referentemente a isso posso declarar que o programma do governo brasileiro é reduzir as despezas publicas, melhorar o systema fiscal, realizar o equilibrio orçamentario, contrahir emprestimos exclusivamente para fins productivos, reorganizar o systema bancario afim de dar maior elasticidade á moeda e acabar de vez com o systema de emittir dinheiro incorvertivel; fazendo isso gradualmente conseguiremos o saneamento do nosso systema monetario e o melhoramento das nossas finanças.

De outra parte "le mot d'ordre" em nosso paiz, como em todas as nações que devem, não pode ser outro senão o de augmentar a producção e reduzir as importações, afim de estabilizar o cambio, pagar os juros dos emprestimos e preencher as lacunas deixadas pelos deficits".

E' uma expressão velha mas que tem ainda seu valor a proposito da conferencia panamericana que da estreita associação e do frequente intercambio dos delegados provém os melhores resultados. A conferencia de Washington não fez excepção á regra. Tanto as reuniões officiaes como as sociaes caracterisaram-se por uma genuina cordialidade e por um sincero desejo do estabelecer pontos de contacto permanentes. Um caso concreto disso foi o jantar offerecido pelo dr. Carlos Sampaio na embaixada brasileira aos membros norte americanos da comissão brasileira, para se iniciarem os trabalhos preliminares. Houve, entretanto, uma ausencia a lamentar e foi a do novo embaixador do Brasil, dr. Cochrane de Alencar, que não pôde chegar a Washington antes de terminar a conferencia.

Qualquer tentativa de louvar os resultados tangiveis e permanentes da segunda conferencia financeira pan americana será prematura, ao menos agora. Entretanto já se póde prever que a execução de qualquer parte consideravel das dezoito recommendações adoptadas nella justificará plenamente a sua existencia.

O objectivo geral dessas recommendações pode ser facilmente comprehensivel, por um breve resumo das suas caracteristicas. Assim é que a Conferencia resolveu:

augmentar os serviços de transporte de passageiros e de carga, de accordo com o esplendido relatorio apresentado pela comissão especial de transportes; melhorar e tornar mais



accessiveis as communicações postaes e telegraphicas; modificar as leis bancarias norte americanas afim de permittir que nos Estados Unidos funcionem filiaes dos bancos latino-americanos; ampliar o uso das consignações no tocante á importação e á exportação de mercadorias; adoptar a conversão internacional da moeda por meio do fundo ouro; eliminar certas desigualdades e injustiças relativamente aos individuos e ás collectividades que funcionam na America Latina; fazer ratificar por todos os paizes sul americanos as convenções internnacionaes para registo e protecção de patentes e marcas de fabrica; promover o recenseamento decennual de todos os paizes americanos; adoptar universalmente o systema metrico; fazer acceptar por todas as nações da America o plano de arbitramento das questões commerciaes que é posto em execução pelas Camaras de Commercio de Buenos Ayres e dos Estados Unidos. Uma recommendação particularmente importante foi a de que a importação de qualquer materia prima não deveria ser difficultada por impostos prohibitivos. A delegação brasileira votou a favor dessa medida, com a ampliação de que fossem consideradas materias primas as substancias alimentares. E finalmente, de accordo com a proposta do sr. Tejada, da Bolivia, a conferencia recommendou que os interessados no movimento bancario norte americano estudassem as possibilidades de auxiliar financeiramente a Europa mediante o pagamento das obrigações que os europeus possuem na America Latina por novos emprestimos que os Estados Unidos fizessem aos paizes do Novo Continente.

Do exposto se nota que a lista de recommendações adoptada pela conferencia refere-se a suggestões constructivas que valem pela solução da maioria das questões incluidas no seu programma. E que principalmente da execução dessas recommendações advirá certamente uma maior approximação entre o Brasil e os Estados Unidos.

Deste modo a assembléa de Washington não somente registará um avanço decisivo no progresso do panamericanismo pratico como tambem marcará o inicio de uma nova era na evolução da amizade secular que liga as duas grandes republicas da America do Norte e do Sul.

Finalmente o successo da alta commissão internacional — cujo nome foi bem apropriadamente mudado para o de alta commissão interamericana — conseguindo fossem praticamente adoptadas a maior parte das recommendações da primeira conferencia financeira panamericana, justifica plenamente as esperanças de que o trabalho da segunda conferencia será ainda mais fructuoso e duradouro.





MARIA MAGDALENA

BAPTISTA CEPellos

PRIMEIRO QUADRO

EM JERUSALEM, NO TERRAÇO DO TEMPLO

Vê-se á D. a soberba fachada do Templo de Jerusalem. Nos degraus da escadaria e no atrio agrupam-se os mercadores com os seus taboleiros repletos, enquanto outros circulam, offerecendo aves e anhos para os sacrificios. Em frente á porta principal, que se conserva aberta, os phariseus, que passam de continuo, curvam-se com exaggeradas mesuras, batendo no peito.

O terraço representa um grande quadrilatero ladrilhado, onde se alastram largas manchas de sol. Ao fundo da scena descortina-se um trecho da cidade — vasto amontoado de casario branquejando ao longe, entre muralhas denegridas, por cima das quaes ás vezes se lobriga a fronte verde-escura de uma palmeira ou a copa arredondada de uma figueira.

Distante alteia-se o perfil dominador da torre Antonia, em cujas ameias se destacam vultos immoveis de soldados romanos.

A E. desemboca uma rua, que se não pôde distinguir do palco.

Ao levantar-se o panno, os Discipulos Pedro e João conversam nas proximidades do Templo. As suas physionomias denotam abatimento.

SCENA I

JOÃO E PEDRO

João

*Tenho más previsões. Creio que o mestre
Por aqui não vai bem.
Fôra melhor semear num chão silvestre,
Que nesta colossal Jerusalém.*

*Tudo aqui nos repelle e nos magôa.
Terra de maldição!
É, infelizmente, a nossa fama vôa,
Para a nossa mais breve perdição!*

PEDRO

*Que saudade da minha Galliléa!
Longe deste rumor,
Ah! que saudade, ninguém faz idéa,
Do meu antigo anzol de pescador!*

*Pescar as almas desta gente espúria
Não é fácil, eu sei...
A receber injúria sobre injúria:
Peixes brutos assim nunca pesquei!*

João

*O Mestre também soffre. E quem resiste
A este amargo soffrer?*

PEDRO

O Mestre? Que tem elle?

João

*Anda tão triste,
Que só fala na morte.*

PEDRO

E quer morrer!



JOÃO

*Por que dizes assim? Sendo Elle o Christo,
Tem missão a cumprir;
E não pôde morrer, está bem visto,
Sem primeiro salvar...*

PEDRO

Fazem-me rir!

JOÃO

*E por que rir? Maldito o que duvida
De nosso Salvador!*

PEDRO

*A Elle offereci meu sangue e minha vida,
Por Elle soffrerei, sem maldizer a dôr!*

JOÃO

Logo, não te comprehendo, meu amigo...

PEDRO

*Ouve, João, por quem és,
Medita sériamente no que digo,
Olha o chão em que pousam nossos pés...*

*Os escribas estudam nossos gestos,
Emquanto os phariseus
Nos rodeiam, astutos e funestos,
Procurando intrigar-nos entre os seus.*

*E o Mestre, em meio destas gentes brutas,
Que faz elle, que faz?
— Cura ao sabbado, acolhe as prostitutas,
Sob os olhos tigrinos de Caiphaz!*

JOÃO

De facto, é uma conducta bem estranha...

PEDRO

*Eil-o que vem. Oh! céus!
Sai do Templo... Olha o povo que o acompanha!
Que grande multidão...*

JOÃO

... De phariseus!

*O povo dispersa-se por todos os lados. Jesus, seguido
pelos outros Discípulos, dirige-se ao centro do terraço.
Pedro e João acercam-se do Mestre.*

SCENA II

(Os mesmos, menos o povo, Jesus e os Discípulos)

JESUS (a João e a Pedro)

*Que fazeis aqui? Parece estranho
Tu, Pedro, fugindo á companhia,
Como ovelhas ariscas ao rebanho!*

JOÃO

*Falavamos da nossa desventura,
E a nossa frente para o chão pendia,
Como um cypreste sobre a sepultura.*

JESUS

*O coração de um justo não se abate.
É quem defende uma bandeira santa
Nunca deve temer o bom combate!*

JOÃO

Mas estamos cercados de traidores...

PEDRO

Dia a dia um protesto se levanta.

João

A suspeita chegou até aos doutores!

JESUS

*A minha cruz tão cedo vos esmaga?
Devieis bendizer, como eu bendigo,
A dôr que desabrocha numa chaga.*

*Eu vos affirmo que o meu fardo é leve.
Quem é do mundo nada tem commigo.
Minha passagem pelo mundo é breve.*

*O que é da poeira ha de voltar á poeira;
Mas eu vim de meu Pae, nelle persisto,
E nelle viverei a vida inteira.
Minha justiça abrange o céu e o inferno!*

PEDRO

Tu és o Salvador!

João

Tu és o Christo!

JESUS

Eu sou o sementeiro de um trigo eterno.

PEDRO

*Mas este povo é como um chão de areias;
E podem resequir na terra avara
As sementes do Bem, que tu semeias...*

JESUS

*Eu não quero colher, o que eu procuro
E' abrir o sulco, pois que a minha seara
Só deve florescer para o futuro.*



JOÃO

*Mestre! Jerusalem é horrenda e agreste!
Deixemol-a, e esta gente sem piedade
Pereça, dizimada pela peste!*

JESUS

*Bemdito o braço que nos apedreja;
E, pela salvação da humanidade,
Bem dita seja Sião!*

TODOS

Bem dita seja!

*O povo começa a aglomerar-se em torno de Jesus e dos
Discípulos, com o ar suspeito de quem quer surprehen-
del-os nos seus segredos.*

SCENA III

(Os mesmos, o povo, phariseus e judeus).

PEDRO (em soliloquio)

*Esta doutrina, não lhe enxergo o fundo:
Dar o bem pelo mal!
Entre os anjos, talvez; mas neste mundo...
Não me parece coisa natural...*

UM JUDEU (a Jesus)

*Tu, que explicas a lei e tens estudo,
Sendo rabbino, como affirmas que és,
Qual o principio que resume tudo,
Segundo os mandamentos de Moysés?*

JESUS (Todos se acercam para ouvir-o)

*O maior Mandamento, a Lei das leis,
Que vos cumpre seguir, em nome do Senhor,
E' que vos ameis
De um grande, eterno e generoso amor.*

*Amai-vos sem cessar, sem paga e sem escolha.
O vosso coração
Seja leve no amor e humilde como a folha
Que no galho se inclina á menor viração.*

*Cultivai a obediencia, imitando o cordeiro,
Cujo sangue, no altar, se transforma em rubi.
Quem no reino de Deus quizer ser o primeiro,
Seja o ultimo aqui.*

*E que a paz entre vós se desdobre, tamanha
Como a curva dos céus
Que envolve os bons e os maus, a planicie e a montanha,
Porque a tudo se estende a piedade de Deus.*

*E nunca vos seduza a menor recompensa,
Nas dadivas do Amor, na pratica do Bem.
Franqueai o coração numa largueza immensa,
Num sublime desdem.*

*Aquelle que seguir o Novo Mandamento,
Nada deve temer no caminho em que vai.
E si aqui perder um, ganhará cento e cento
No Reino de meu Pae.*

*Mas, para me seguir, em verdade vos digo,
Não basta o amor de Deus: a maior perfeição
Consiste em fazer bem até ao proprio inimigo
E amal-o como irmão.*

*Depois, tomar a cruz e cruzar os caminhos
Das terrenas paixões,
Ensanguentando os pés na ponta dos espinhos
E rasgando na treva um luar de perdões...*

*E, por isso, eu repito ao pobre como ao rico:
"Amai-vos sem cessar! Os prophetas e as leis
Se resumem no amor em que vos unifico
Para que vos ameis".*

*Sim, é preciso amar, amar até a loucura
De vêr na ingratidão o melhor premio; achar
Que é delicia soffrer e morrer de tortura,
Pelo crime de amar!*

O JUDEU

Donde diabo lhe vem tanta sabedoria?

OUTRO JUDEU

Então, não será elle o filho de Maria?

PRIMEIRO JUDEU

Não passa de impostor!

SEGUNDO JUDEU

Traz as turbas inquietas.

PRIMEIRO JUDEU

De Galliléa vem.

SEGUNDO JUDEU

De lá não veem prophetas!

UM PHARISEU (apontando para a fronteira do Templo)

*Que vasta construcção, que bello exemplo
De trabalho tenaz e triumphante,
Attestam estas nobres arcarias!*

JESUS

*Em verdade te digo que este Templo,
Si acaso o derribares neste instante,
Eu o levantarei apenas em tres dias!*

O PHARISEU

*A bater, a bater, sem intervallo,
Nossa gente gastou a levantal-o...
Quantos annos suppões? quarenta e seis!
E tu pensas reerguel-o em poucos dias?
E é com taes pretensões e zombarias
Que tu pretendes explicar as leis?!*

JESUS

*Eu vos falo a verdade, a verdade somente
Minha doutrina encerra;
Mas tenho a vos dizer: Infelizmente
Ninguém poderá ser phopheta em sua terra.*

O PHARISEU (ao povo)

*Vamos, irmãos! Deixemol-o ao desprezo!
Para não sermos desencaminhados,
Porque ouvir um propheta deste peso
E' rolar num abysmo de peccados!*

(Retiram-se todos, entre remoques e assuadas).

SCENA IV

(Os mesmos, menos o povo).

Os Discipulos desalentados e pensativos formam um grupo áparte.

JESUS (a falar como num sonho)

*Amar é padecer. O amor é um soffrimento.
Quem não soffre não ama e não tem caridade.
Só passa pelo mundo, esteril como o vento,
E não deixa memoria e não deixa saudade.*

*Este individuo é mau? aquelle povo é odiento?
Que importa?! Eu quero o amor de toda a humanidade!
Por isso hei de arrostar, sem nenhum desalento,
A dôr da ingratidão e a dôr da iniquidade.*

*Fogem todos. Paciencia. Eu fico prevenido,
Pois, sendo bom pastor, não posso estar contente,
Emquanto não souber todo o rebanho unido.*

*Póde o tempo correr, que o meu triumpho é certo,
Porque, soffrendo assim, não soffro inutilmente,
Porque, pregando assim, não prégo no deserto!*

*Ouve-se um vozerio que cada vez se torna mais intenso.
E' a turba que se appproxima.*

PEDRO

*Ouço um grande rumor. Que teremos de novo?
Nunca está socegado e contente este povo!
Ouves, Bartholomeu?*

BARTHOLOMEU

*Ouço perfeitamente:
Gritos, imprecações. Que canalha de gente!*

*João (indo espiar á esquina da E.)
Vinde vêr, vinde vêr, parece um formigueiro!*

*Todos (acudindo ao local)
E' verdade!*

*João (apinhando os dedos)
Está assim!*

BARTHOLOMEU

*Aquelle zombeteiro,
Na frente, é Barrabás, typo que causa pena,
Marido de uma tal Maria Magdalena.
Vem repleto de vinho o medonho farçante!
É como cantarola! e como está radiante!*

*PEDRO (com desprezo)
E' a plebe. Que haverá?*

*UMA VOZ (ao longe)
Peccou! Apedrejai-a!*

João

*Parece um grosso mar rebentando na praia!
Caminham para cá, procuram-nos de certo
Estes baixos judeus.*



PEDRO

E como já veem perto!

JOÃO

*Que vejo ! Uma mulher é arrastada no meio
Do povo, quasi núa, as mãos cobrindo o seio.**Em compridos anneis, em desfeitos novellos,
Correm-lhe pela espadua os revoltos cabellos.
Que marmore precioso é a carne dos seus hombros!
Os seus olhos, porém, estão cheios de assombros!
E' bella. Quem será?*

BARTHOLOMEU

*Não sabes, por ventura ?**Já disse que é a mulher dessa vil creatura
Chamada Barrabás, esse cão dissoluto,
Que caminha na frente, a pedir para o luto.
Ella por sua vez, inconstante e nervosa,
Tanto tem de immoral, como tem de formosa.*

JOÃO

*Coitada! causa dôr! Olha a caterva delles:
Milicianos do Templo, ouriçados de pelles,
Ladeiam-n'a, empunhando umas lanças agudas;
Que feições de raposa e que barbas sanhudas!
Sacerdotes crueis, escribas faladores,
Raivosos phariseus, pachorrentos doutores,
Vagabundos da rua, alevantando chuços:
É a pobre da mulher afogada em soluços!
É como está agitada a infrene multidão!
Cada individuo traz uma pedra na mão!**A multidão invade a scena. Magdalena, exausta, cai no
lagedo aos pés de Jesus, que durante todo este tempo per-
manece immovel, sereno, como mergulhado num pensa-
mento muito alto.*

SCENA V

(Os mesmos, Magdalena, o povo).

UM SACERDOTE (destacando-se da turba)

Que é do Rabino?

JESUS

Aqui me tens. Que queres? Fala!

VOZES (partindo da população)

O melhor é mata-la! O melhor é mata-la!

O SACERDOTE

*Tu, que ensinas a lei, e és justo e és verdadeiro,
Decide esta questão. Escuta-me primeiro.
Esta mulher peccou: é um caso muito serio!
O povo surpreendeu-a em flagrante adulterio.*

UMA VOZ

Que seja lapidada!

O SACERDOTE

*Ora tu que a doutrina
Explicas...*

(Ouve-se uma risada).

... Sabes bem o que a lei determina.

UM MERCADOR (apregoando)

Posca, quem compra posca?

O SACERDOTE

*A pergunta que faço
Não te deve causar o menor embaraço,
Pois que a lei de Moysés é clara neste ponto.
Que devemos fazer? Decide-te de prompto:*

UM VELHO PHARISEU (com desdem)

Tem graça, um gallileu! Que sabe elle, coitado?

UMA VOZ

Seguir toda mulher.

OUTRA VOZ

Perdoar todo peccado!

(Risadas, murmúrios).

JESUS (como accordando de um sonho).

Quem, no meio de vós, possuindo cem ovelhas...

O PHARISEU

Que vai elle dizer? Repetir coisas velhas!

JESUS

Vindo acaso a perder uma dellas...

O PHARISEU

E' falso...

JESUS

O rebanho não deixa e não se põe no encalço...

O PHARISEU

E' falso o que elle ensina a esta gente pasmada.

JESUS

*Para reconduzir a ovelha tresmalhada?
E, achando-a, com que gosto e com que galhardia,
Não volta para casa, a tremer de alegria,
E, os amigos reunindo e reunindo os parentes,
Não lhe diz: "Exultai, sêde todos contentes,
Porque ao meu coração a paz foi restituída:
Acabo de encontrar minha ovelha perdida!"*

O PHARISEU (áparte)

Elle sabe contar a sua historia.

OUTRO PHARISEU

Sabe...

Sabe, mas será bom que isto mal não lhe acabe!

JESUS

*Assim tambem no céu, entre os anjos augustos,
O entrarem de uma vez noventa e nove justos
Causa menor prazer (porque isso era esperado)
Que entrar um peccador remido de peccado.*

O SACERDOTE (ao povo)

*Sabei que elle perdôa. E' inutil inquiril-o.
Perdôa, claro está! Deixemol-o tranquillo!*

João (energicamente)

*E quem t'o disse a ti, bocca blasphema? Fala!
O Mestre é justiceiro e manda lapidal-a!*

JESUS (num tom energico)

Lapidai-a, pois não!

UMA VOZ (sarcastica)

Até que finalmente!

UM PHARISEU

E' a Lei, deante da Lei quem não será obediente?

JESUS (com voz imperiosa, o gesto largo)

*E aquelle de entre vós, que, sem nenhum disfarce,
Puder erguer a fronte e puder confessar-se
Limpo de coração, consciencia immaculada...
Lance nesta mulher a primeira pedrada!*

*Um por um os judeus deixam cair as pedras que traziam
à mão e retiram-se, humilhados, a olhar de esguelha para
Jesus, que permanece imóvel deante da adúltera.*

SCENA VI

(Os mesmos, menos o povo).

JESUS (a Magdalena)

*Levanta-te, mulher, contempla os arredores,
É dize-me onde estão os teus acusadores.
Que vento os dispersou, como folha outomniça,
Apenas ordenei que fizessem justiça?
Ninguém te condemnou?*

MAGDALENA

Ninguém, tudo é sereno.

JESUS

Vai-te. Não peques mais. Também não te condemno

Magdalena retira-se num enleio de cabeça baixa.

(Cae o panno)

(Continúa)



TYP0 MEXICANO — Charles White.



TYPO MEXICANO — Charles White.

NA TERRA ROXA

CARLOS STEVENSON

E' preciso ter vivido no contacto fecundo da terra roxa, ter auscultado de perto o palpar da seiva no seio das ricas vegetações, que lhe vestem a superficie transformada pelo homem, para saber estimar essa joia de tanto valor, incrustada nos carrascaes do largo Oeste paulista. Incomparavel pelo poder criador que lhe emprestam ao solo privilegiado os elementos da rocha diabásica na sua decomposição muitas vezes secular; rival das minas da California, nos tempos aureos da "preciosa rubiacea"; preferida no advento do "ouro branco", que conquistou a taça symbolica no campeonato dos preços; procurada sempre como celleiro do Estado, tem a famosa região uma qualidade mais estimavel ainda: a sua exuberancia, parece, estende prodigiosa influencia sobre a natureza intima dos seres vivos.

Efeito de particulas chimicamente activas em constante suspensão na poeira vermelho-escura, que tudo invade, penetrando até o sangue, enriquecendo-o, ou condições especialissimas de clima tropical saturado de luz e das exalações de uma natureza quente e perfumada, ou tudo em conjunto harmonico, pouco importa, o facto é que crescem os rebanhos nédios e sadios nos campos, multiplicam-se as criações em toda a parte, e ao proprio homem não ha fugir á acção do ambiente, poderosa e vivificante. A cada safra que enflora, dando o fructo da fecundação da terra pelo braço forte do lavrador, surge uma outra inflorescencia muito mais cara, desabrocha em benções com que Deus povóa os lares consagrados pelo amor e pelo trabalho; e neste hymno constante da natureza ao trabalho e ao amor, crescem as energias, transmudam-se as feições atávicas do povo, e mesmo as actividades intellectuaes são incitadas á acção viva e ao movimento.

Na terra roxa não se conhece, portanto, esse typo degenerado e máo, magistralmente pintado pelo pessimismo de Monteiro Lobato. Producto do meio, antes que de raça infeliz e inutil, é o desgraçado Geca Tatú victima da sorte madrasta que o recebe no berço desguarnecido e misero para lançal-o na ignorancia abastardadora em que vive, sugado da seiva da vida por verminoses de toda especie, desfibrado, desnutrido, abandonado da



propria Patria, a quem cumpria integral-o na sua vida de nação civilisada e culta.

Quando, nos velhos municipios cafeeiros, intensivas e compensadoras se tornaram as culturas, de dentro do silencio das florestas sertanejas do Oeste echoavam o golpe rythmado do machado, abatendo velhos troncos, e o ruido ligeiro da foice, roçando para os dois lados, espalhando destroços, juncando o solo dos membros mutilados de arvores, muitas dellas centenarias.

Era trabalho do cabloco que, destruindo a obra grandiosa da natureza, perseverou por longo tempo. Na época das queimas, todos os annos, elevava-se das roçadas vastissimas uma barreira de fogo e de fumo que empanava o brilho do sol, durante o dia e illuminava sinistramente as noutes enfumaradas de agosto.

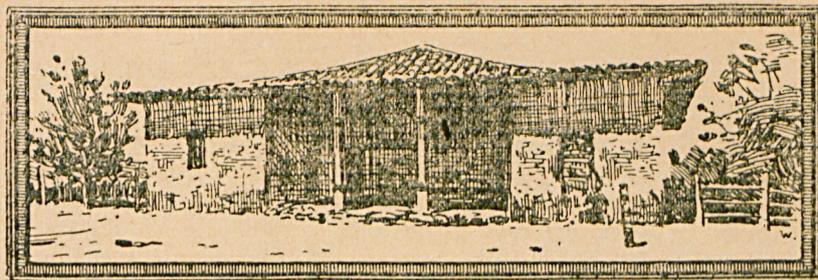
Toda a enorme riqueza do laboratorio da terra, accumulada lentamente nas fibras lenhosas das essencias florestaes, trabalho secular de um raio de sol, no dizer de Ernesto de Oliveira, se desfazia, assim, com rapidez, em fugitivas nuvens de fumo negrejante e de cinzas esparsas pelos ventos, sobre o terreno desnudado.

Desapparecera a maravilhosa vestimenta natural daquelle solo, antes que o suor do braço estrangeiro viesse regar a sua superficie; iniciara o caboclo a obra gigantesca que devia ser depois o orgulho de São Paulo e é, por si só, a gloria de uma geração! As velhas mattas deram lugar aos cafezaes que chegavam; ao lado de cada roça queimada surgiu uma cultura. Substituida a primitiva vegetação por cafeeiros magnificos, brotou desse thesouro de valores mortos uma riqueza viva, capaz de desdobrar-se, multiplicando-se, abrindo á sua influencia o Estado inteiro no invejavel surto de um progresso unico em toda a vastidão do Brasil.

Foi assim que o Geca, até agóra miseravel no pauperrimo e ainda atrazado Norte paulista, se transfigurou com a terra do Oeste e, com elle, sua prole. Perdeu na terra roxa o caracter de "velha praga" e de "piolho da terra"; não é já o autor semi-inconsciente dos fogos sinistros nem das destruições annuaes, nem da miseria que delles resulta e que se confunde, por desdita sua, com a propria obra que lhe é attribuida. Crescendo na terra roxa, os filhos do sertão fizeram-se homens nessa escola de trabalho remunerador e organizado, ganharam ambições, demonstraram iniciativas, accumularam fortuna e, transportando-se ao seio da sociedade culta, quantos constituíram familias das mais respeitaveis, conquistaram posição de alto prestigio e pódem hoje, com legitimo orgulho nativista, bater no coração dizendo: — Sinto aqui o sangue quente e generoso do caboclo!

CARLOS STEVENSON





A NUDEZ E O VESTUÁRIO

NA RELIGIÃO, NA CIÊNCIA E NA ARTE

HYGINO CUNHA

II

VII. — Tanto que os nossos primeiros pais perpetraram o peccado, segundo já vimos na lenda biblica, os olhos se lhes abriram, conheceram que estavam nus e coseram umas folhas de figueira, com que fizeram para si umas cintas. (20).

Neste passo, explica-se a origem do amor e do pudor. E' força, porém, reconhecer que tamanha simplicidade nativa se não coaduna mais com os nossos conhecimentos acêrca destes dois instinctos, que formam um conjuncto complexo e delicado de phenomenos physiologicos e psychologicos. A principio, e mesmo num estado selvagem posterior, que se estende até aos nossos dias, os homens andaram e andam nus, com tão pouco pudor como os animaes e as creanças. Os começos do vestuario, que se manifestam nos selvagens medios, não provem do sentimento do pudor, mas das exigencias do clima (povos polares), da vaidade, do desejo de ornamento (ornamento das orelhas, dos labios, do nariz, etc.). Só mais tarde nasce o pudor pelo recobrimento de certas partes do corpo por folhas, tangas, aventaes, etc." (21).

O amor tal qual o sentimos e entendemos actualmente, é um producto da natureza exalçada pela civilização: não é mais a mordedura ou a dentada feroz da paixão brutal, mas o *osculo*

(20) *Genesis*, cap. III, v. 7.

(21) Haeckel — *As Maravilhas da Vida*, p. 393.

velado e mal percebido da paixão disciplinada e culta. Entretanto, por mais que lhe occultem a rude origem animal e o idealizem com chuvas de ouro e pétalas de rosas nas expansões mysticas das almas romanticas, o amor, é, talvez, o sentimento humano mais sujeito á lei do atavismo. "Com effeito — diz Tobias Barreto — basta lembrar o commercio sexual no estado de *primitiva nudez*, que lembra o estado de primitiva selvageria. O tirar das roupas equivale a sacudir dos hombros o peso de oitenta seculos de civilização." (22).

Ninguem desconhece a influencia do amor em todos os dominios da actividade vital, maximé nas artes estheticas, a que serve de fundamento biologico. A selecção sexual produziu o colorido e o perfume das flôres, as differenças que distinguem o macho e a femea dos animaes, a plumagem maravilhosa dos colibris, as fórmas varonis do homem e os contornos deliciosos da mulher, o azul ceruleo do firmamento e os requintes da moda, as manifestações altruisticas da sociedade e as obras deslumbrantes da arte. Mas esse grande astro que é o ideal da existencia, o principio e o fim de todos os seres, tem, tambem, como o sol, as suas manchas tenebrosas e os seus effeitos devastadores.

Os antigos viam em quasi todos os phenomenos da natureza manifestações do amor universal, a certeza da victoria eterna da vida sobre a morte. "A attracção ou o amor é a energia universal. E' ella que sustem e guia os mundos astraes, os sóes immensos, os systemas de estrellas duplas que gravitam uma em volta da outra; é ella que conduz a poeira que revolteia nos ares, — guia e rege os organismos, quaesquer que elles sejam; é ella que mantem o equilibrio e regula a harmonia da natureza; é ella que produz os affectos, os desejos, os perfumes, os prazeres, as côres, as volupias; é ella que une os labios dos amantes, agita as vagas, faz subir a seiva nas arvores ou o sangue nas veias, faz desabrochar as flores e cahir as folhas, faz sorrir a donzella e chorar a creança; é ella que faz sonhar a mulher e crepitar o fogo no lar". (23).

Essa grande lei do amor domina e rege o mundo. As religiões antigas obedeceram, como quasi todas as outras, ás suas injuncções soberanas. Desde os aryanos do alto plató central da Asia até ás montanhas e planicies da Grecia e de Roma, passando pela Assyria e pelo Egypto, os templos e os lares resoaram os canticos inebriantes, quasi sempre eroticos e licenciosos, dessa divindade omnipotente. O pudor capitulava diante dos sceptros

(22) Tobias Barreto — Estudos Allemães p. 142.

(23) Émile Laurent et Paul Nagour—*O Amor através dos tempos*, trad., p. 24.



augustos dos órgãos da geração e das suas funções reparadoras e propagadoras. A história das religiões mostra, sem grande trabalho, que o culto do amor, com os seus respectivos emblemas e symbolos é uma das mais notáveis formas religiosas. Não havia nisso nada de obsceno: era uma simples homenagem aos instintos e ás necessidades naturaes, a indicação de um phenomeno essencial e necessario. Encontra-se por toda a parte, salvo na America pre-columbiana, o culto phallico ou vestígios desse culto. (24)

VIII. — Os gregos, que souberam, por seu proprio esforço e engenho, sobre escassos fundamentos peregrinos, levantar a mais alta e brilhante civilização nas épocas antigas e modernas, tambem mantiveram, no mais alto grau, o culto da belleza da raça e do individuo. As suas duas necessidades capitaes — a politica e a guerra, grangearam-lhes costumes livres, na praça publica e nos gymnasios, onde se aperfeiçoavam os homens e as mulheres desde a infancia até á idade adulta, tendo em vista principalmente o desenvolvimento physico, indispensavel ao desenvolvimento intellectual e moral. “A formosura juvenil, representada na gentileza e na graça dos mancebos, era com singular predilecção apreciada, porque nella se encontram reunidas as mais perfeitas e apraziveis proporções da figura humana, e a máscula fortaleza dos heróes”. (25) Já o pejo de exhibir certas partes do corpo humano era dominante entre muitos povos, alguns até visinhos dos gregos, mas por elles considerados barbaros. O personagem ideal não era, na divina Hellade, o homem de fronte larga e pensativa, reveladora do genio; mas o corpo nú, bem proporcionado, proprio para os jogos athleticos, a que as proprias donzellas se entregavam adoravelmente despidas. A’s grandes festas nacionaes, como os jogos olympicos e pythicos, accorriam todas as cidades hellenas, e mesmo as gentes estrangeiras, na soffreguidão de applaudirem o esplendor dos corpos em deslumbrante nudez. Os poetas endeusavam os vencedores nos seus hymnos entusiasticos, e todas as outras artes concorriam para o triumpho da belleza physica. Conta-se que um certo Diagoras, tendo assistido á coroação de seus dois filhos, vencedores num concurso de exercicios athleticos, foi conduzido nos braços da multidão extasiada, que não cessava de clamar: “Morre, Diagoras, porque emfim não podes tornar-te Deus”. E o

(24) Para os devidos desenvolvimentos, póde-se consultar, entre dezenas, a obra do dr. Émile Laurent e Paul Nagour.

(25) Latino Coelho — *A Oração da Corôa*, introd. p. CCXVIII.



pobre velho morreu devéras louco de tanta ventura. “Verdade ou lenda — pondera Taine — tal facto prova com que excesso era admirada a perfeição do corpo”. (26) A nudez era a condição do vigor e da belleza entre os hellenos. *Graeca res est, nihil velare* — diz Plinio. (27).

Por isso, a estatuaria foi a arte central dos gregos. Os deuses e os heróes eram moldados no bronze, no oiro, na prata e nos marmores, povoando os templos, as ruas e as praças. Algumas cidades contavam tantas estatuas como pessoas vivas. Roma, conquistadora, apropriou-se desse immenso espolio, que se tem desenterrado nestes ultimos séculos para admiração dos povos modernos, que ainda não puderam igualar o genio artistico da Grecia antiga. Volvendo os olhos para esses tempos longinquos de verdadeiro culto á bellêza physica, foi que Raimundo Correia pôde lapidar esta joia admiravel:

PLENA NUDEZ

*Eu amo os gregos typos da esculptura,
Pagãs nûas, no marmore entalhadas;
Nãõ essas producções que a estufa escura
Das modas crêa, tortas e enfezadas.*

*Quero, em pleno esplendor, viço e frescura,
Os corpos nûs; as linhas onduladas,
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas.*

*Nãõ quero a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes fórmãs, entrevel-a
Da transparente tunica atravês.*

*Quero vel-a sem pejo, sem receios,
Os braços nûs, o dorso nú, os seios
Nûs; toda núa, da cabeça aos pés.*

Roma afogou todo esse luxo esthetico nas suas orgias colossaes, no lodo dos morticinios nos combates de gladiadores e nas guerras civis, em que a nudez, o pudor, a belleza, a caridade e o amor

(26) H. Taine — *Philosophie de l'Art.*, p. 81.

(27) Latino Coelho — *Ob. cit.*, introd., p. CCXIX.



nafragaram sob o poderio implacável da força bruta, cujos excessos prepararam o terreno para as novas idéas regeneradoras da humanidade. Referindo-se aos descabros do imperio dos primeiros cesares romanos, diz um celebre literato francez: "Entretanto, nessa época de corrupção tão profunda, e sob esse governo tão absoluto, mesmo quando se mostrava moderado, uma grande e sublime novidade caminhava no mundo, através das ruínas mal sustentadas da sociedade romana. Do fundo da Assyria, de cidade em cidade, sobre esse longo rastilho de civilização grega derramada na Asia Menor, um culto desconhecido ganhava terreno, avançando lento lento. Por onde ia passando, ia deixando pequenas colonias, cheias de uma pureza entusiasta, e livres, porque estavam prestes a morrer... Era o christianismo nascente; era a liberdade moral refugiada na religião". (28) Foi terrível o duello entre a civilização antiga, baseada na força, e a aspiração nova, baseada no amor. Foi a idade heroica do christianismo na sua pureza primitiva. Religião dos humildes, em numero insignificante, pregando e praticando as mais bellas virtudes, e destinada a demolir e substituir o colosso imperial! Foi a época das famosas perseguições e dos inauditos martyrios em nome de um Redemptor ou Messias, filho obscuro de um pobre carpinteiro judeu, justicado ignominiosamente nos braços de uma cruz por ter pregado a fraternidade e a igualdade entre os homens. Não é preciso compulsar os grandes historiadores para se fazer idéa desse idéal d'antanho, breve engolphado nos mantos aureos da purpura papal. Basta ler o monumental *Quo Vadis?* de Sienkiewicz.

IX. — Ao fim de tresentos annos, o imperio, esmagado sob o despotismo militar e minado pela dissolução dos costumes e pela fermentação subterranea das novas idéas religiosas, não teve mais cidadãos livres e fortes para oppôr um dique ás ondas invasoras dos barbaros do norte. A Nemesis da historia começa a exercer o seu castigo terrível contra a cidade avassalladora do mundo. "Das mysteriosas florestas da Germania sahiram em batalhões indisciplinados, mas invenciveis, aquelles barbaros de *olhos feros e azues, cabellos ruivos e estatura elevada*, no dizer de Tacito, que ruíram epilepticos contra o imperio romano do occidente, e, depois de desmembrarem o colosso, espalharam-se por quasi toda a Europa, gloriosos, na plenitude da força e da victoria". (29) Foi incalculavel a devastação que produziram,

(28) M. Villemain — *Études de Littérature*, nouvelle édition, p. 144.

(29) Martins Junior — *Dissertação e Theses*.



arrazando cidades, demolindo templos, incendiando as obras das industrias, artes e sciencias e derramando por toda a parte o pavor, a ignorancia e a brutalidade. Foi nesse cahos que se elaboraram as instituições da idade média, com o seu feudalismo e o seu catholicismo prepotentes. Os barões feudaes viviam constantemente em pé de guerra entre si, queimavam as colheitas, roubavam os vassallos e os maltratavam impiedosamente. Durante mais de mil annos, a Europa gemeu na degradação, na miseria e na torpeza geral. No seculo XI, em setenta annos, contaram-se quarenta annos de fome. Comia-se carne humana, que chegou a ser exposta á venda nos açougues. "Na immundicie e na miseria universaes, por desprezo das mais comesinhas regras de hygiene, as pestes, a lepra, a epidemias, acclimaram-se como em terreno propicio". (30) Dahi o desgosto e o abatimento da vida, o terror do inferno. Quem conhece a historia desses tempos lúgubres, sabe que o fim do mundo foi designado para o anno mil, e quaes as consequencias horriveis dessa prophcia diabolica. As igrejas e os conventos encheram-se de riquezas immensas e o povo debatia-se na penuria e na histeria, orando e fazendo procissões e cruzadas.

Para esse estado tenebroso da sociedade concorreram efficazmente as idéas asceticas do christianismo triumphante. "O desgosto do mundo e o pendor para o extase, o desespero habitual e as necessidades infinitas de ternura impellem naturalmente os homens para uma doutrina que representa a terra como um valle de lagrimas, a vida presente como uma provação, o arrebatamento em Deus como a beatitude suprema, o amor de Deus como o primeiro dever." (31). Todas as vistas se voltavam para os abysmos incandescentes do inferno ou para as delicias ineffaveis do paraíso.

Os preceitos moraes da nova religião, oriundos do judaismo como os dez mandamentos, e de outras religiões anteriores á nossa éra, foram combinados com a metaphysica mystica do platonismo, em que domina o dualismo de Deus e o mundo, da alma e o corpo. O mundo contingente foi creado por um Deus pessoal, mas necessario e eterno; a alma humana, espirital e immortal, reside temporariamente no involucro do corpo, perecível e ephemero. A materia e o espirito são dois seres antagonicos, posto que este possa residir naquella, influenciar-a, organizal-a e até creal-a do nada. Pouco valor tem a vida terrestre; é preciso

(30) H. Taine — *Philosophie de l'Art.*, p. 89.

(31) H. Taine — *Op. cit.*, p. 91



desprezar tanto a civilização como a natureza, e, pois que o corpo do homem não mais é do que a transitória prisão da alma, não vale a pena prestar-lhe cuidados. “Na idade média, falsos servidores de Deus ostentavam um desprezo profundo pela matéria e chegavam a pregar, de algum modo, ao pelourinho o seu próprio corpo. Uns crucificavam-se, outros martirizavam-se por diversos processos cruéis. Grupos de flagellantes percorriam as províncias, mostrando os seus corpos dilacerados por suas próprias mãos. Os meios mais requintados eram empregados para arruinar a força e a saúde afim de deixar a preponderância ao espirito, considerado como uma essência sobrenatural e independente do corpo”. (32) A’ fôrça de ascetismo, alguns perdiam o paladar e o olfacto, vivendo sobre os próprios excrementos. Os banhos eram dispensados, quando na antiguidade eram obrigatórios e em parte ligados ás ceremonias religiosas. Retrocesso fatal, que ceifou milhões de vidas humanas nas epidemias de variola, peste negra, hysteria, etc. Christo ensinava que o seu reino não era deste mundo; logo tudo o que é terrestre, tudo quanto constitue o interesse da vida material deve ser reprovado pela unica razão de que o verdadeiro interesse, a satisfação constante não se pode encontrar sinão no futuro reino do céu. “Jesus collocára este reino numa tão proxima perspectiva que parte dos seus auditores esperavam assistir á sua vinda ou antes á sua volta, signal do advento do sobredito reino, e o proprio Paulo nos informa expressamente de que com effeito esperava ser vivo ainda nesse tempo”. (33). Os judeus sempre viveram, mesmo nas suas maiores desgraças, e ainda hoje, destruida, ha séculos, a sua nação, á espera do Messias, e do “reino de Deus”, como povo eleito que sempre se considerou, predestinado para dominar o mundo, que devêra desaparecer para o triumpho da Jerusalem celeste. A idéa messianica é a obsessão dos prophetas, dos Evangelhos e das epistolas. Estava proximo o fim do mundo; não valia a pena cuidar dos bens terrestres, do embellezamento desta vida pelas artes e pelas sciencias. O juizo final, a salvação, a penitencia, a abnegação e o desprezo da terra — eis o necessario para conquistar a bemaventurança no proximo reino do céu. “Fazei penitencia, porque o reino de Deus está proximo” — eis o pensamento que resume e explica tudo. Porém os judeus não o consideravam num sentido mystico ou metaphysico; mas num sentido theocraticamente real e concreto. As nações seriam exterminadas, e Israel, depois de expiar todos os seus peccados, tornar-se-ia a nação

(32) L. Büchner — *Force et Matière*, trad. franc., p. 91.

(33) F. Strauss — *A Velha e a Nova Fé*, pag. 121.



privilegiadamente dominadora. Jerusalem seria a capital do universo e o Messias reinaria para sempre sobre a terra. "O Filho do Homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada um a paga segundo as suas obras. Em verdade vos affirmo que dos que aqui estão, ha alguns que não hão gostar a morte antes que vejam vir o Filho do Homem na gloria de seu Reino. (34) Conclusão de um philosopho francez: "Sendo indiscutivel a perspectiva do fim do mundo presente e de uma Jerusalem nova, a conclusão a tirar, relativamente á moral evangelica, é grave e séria: é que Jesus e os redactores do Novo Testamento não tiveram nunca a idéa de dar um codigo de moral que se pudesse applicar a uma sociedade destinada a viver e a durar. Semelhante preocupação estaria em contradicção com a crença no fim proximo do mundo. A intenção unica delles foi fazer comprehender aos seus sectarios a necessidade de se prepararem para o juizo de Deus, deixando de lado tudo o que se não referisse directamente a este objecto". (35) O exemplo e a doutrina de Jesus são estereis, para não dizer contraproducentes, a respeito das virtudes civicas, guerreiras, domesticas e familiares, "porque elle proprio é um sem familia".

Os mandamentos mais importantes do christianismo, como as leis de ouro da moral — *amarás o teu proximo como a ti mesmo, não faças ao teu proximo o que não quererias que elle te fizesse, faz a cada qual o que quererias que elle te fizesse*, as virtudes negativas da abnegação, da renuncia, da humanidade, além de terem sido estabelecidos alguns séculos antes de Christo, foram neutralizados ou annullados por outros preceitos contrario, offensivos da verdadeira moral. Deste numero é o desprezo do individuo, do corpo, da natureza, da civilização, da familia e da mulher. O amor sexual foi condemnado como obra satanica. "Christo partilhava a opinião geralmente espalhada no *Oriente*, segundo a qual a mulher é inferior ao homem e o commercio com ella "impuro". (36) Os primeiros padres e doutores da igreja não pouparam os mais injuriosos epithetos á metade feminina da especie humana, como a origem de todo o mal no mundo pelo peccado de Adão. Ainda, no século passado, Tolstoi, applicando ao romance as idéas do christianismo puro, criou *A Sonata de Kreutzer*, violenta diatribe contra o amor, a procreação, o casamento

(34) Matheus. XVI, 27 e 28. Esta affirmação é repetida, em diversos termos, innumeradas vezes em todo o Novo Testamento. Todos os primeiros doutores christãos acreditavam nesta prophécia, e ainda, ha pouco, o padre Julio Maria predisse no Rio a proxima volta do Messias, como juiz inexoravel.

(35) E. Véron — *La Morale*, p. 53.

(36) Haeckel — *Enigmas*, trad., p. 410.



e a mulher. Objectando-se-lhe que a castidade absoluta daria em resultado a extinção da humanidade, o grande escriptor russo responde sobranceiramente: "Mas este raciocinio não é meu, não é invenção minha. A idéa de que o homem deve tender para a castidade, e de que o celibato é preferivel ao casamento, é uma verdade proclamada por Christo, e acha-se escripta nos nossos catecismos ha dezenove seculos". E cita diversas passagens do Evangelho, segundo S. Matheus. (37).

X. — A natureza ultrajada vingou-se terrivelmente, reagindo contra os rigores do christianismo: os torneios e as côrtes de amor, o culto de Satanaz com a sua missa negra, a prostituição dos conventos não têm outra significação.

*Amor é a meta suprema
Do idéal feminino;
Impõe-se — fatal problema —
Pela força do destino...
E' voto da Natureza,
Surto da carne indomavel;
Da vida é toda a belleza,
O encanto inestimavel.*

*Dentro de um corpo franzino
Ruge o sanhudo leão,
Esbraveja em desatino
O orgam da geração.
Amor é um termo suave,
Uma especie de euphemismo;
Não é mysterio tão grave...
Mas caso de nervosismo.*

*E' a junção espontanea
De dois centros que se attráem;
E' a magica instantanea,
Donde os seres vivos saem.
Em vão, meu padre, pretendes
Extinguir do peito a chamma!
Uma voz que bem compr'endes
Em ti fala, canta e clama.*

*Aquella velha mania
De vencer o amor e a luz*

(37) Leon Tolstoi — *A Sonata de Kreutzer*, trad., prefacio.



*Leva á mais feia hysteria,
O lodo e o erro produz.
Nãõ se abafa impunemente
Do corpo um orgam vital,
Sede augusta, omnipotente,
De uma funcção capital.*

*Queres a prova? compulsa,
Lê a historia dos conventos:
Ali uma ancia convulsa
Supprime os bons sentimentos;
Só impera o sensualismo,
Da carne as brutas desforras;
Foi-se a crença, o mysticismo,
Dentro das negras masmorras.*

*Out'ora, na idade média,
Era luxo condemnar
O mundo e a carne — comedia,
Que ia ter ao lupanar.
Felizmente outras idéas
Vãõ circulando hoje em dia;
Agora o sangue nas veias
Gira em ondas de alegria.*

Si o amor, mesmo no casamento, não é elevação moral, mas queda e peccado, passa a ser um acto vergonhoso como vergonhosos são todos os orgams que nelle funcionam directa, ou indirectamente. Todo o contacto com a mulher é impuro e peccaminoso. Tudo o que conduz á satisfação do amor, como os adornos, os galanteios, os olhares ternos, os beijos e até a roupa elegante, a moda, tudo incorre na mesma condemnação. Tertuliano, um dos luminares da igreja primitiva, attribue aos espiritos malignos a invenção das sciencias magicas, dos encantamentos e enfeitiçamentos. Attribue-lhes, ainda a criação dos principaes artificios do vestuario e dos enfeites. "E Deus, segundo o testamento de Henoch, condemnou ás trevas eternas os maus anjos por terem mostrado estas coisas perigosas: o oiro, o dinheiro, com as obras que delle se fizeram, e, principalmente, por terem ensinado a arte de colorir o rosto e de fabricar os tecidos, de que se faz o vestuario". (38) O homem devêra, em materia de vestuario, limitar-se ás pelles de animaes, com que o Senhor o ves-

(38) Émile Laurent e Paul Nagour — Op. cit., p. 63.



tiu no paraíso. O mais que inventou posteriormente foi obra diabólica e passível das penas infernaes. “A essência da moral christã — diz judiciosamente Julio Lemaitre — o que lhe é próprio e a distingue da moral natural, é seguramente o desprezo do corpo, o ódio e o terror da carne.” Muitas e longas torturas tem soffrido a humanidade para libertar-se de tão nefasto pesadelo. O pudor, que é um instinto natural, tendo por fim resguardar as fraquezas e os gosos do amor, passou a ser um impulso convencional e hypócrito, visando esconder partes pudendas e occultar impurezas da geração.

Mesmo na sciencia e na arte, onde o nu tem feito grandes conquistas, derrocando velhos prejuizos, ainda hoje notamos restricções descabidas e extemporaneas, que só servem para encandescer a imaginação, aguçando o desejo.

“La educación actual, tã imbuída de catolicismo, pasa en silencio todo lo relativo al sexo. En los cursos de anatomia e fisiología dados en las escuelas, se encuentra igual laguna en idéntica materia. A juicio de los jovens se expurga la ciencia de una función considerada como vergonzosa. Luego, en el curso de la vida nos escoltan las impresiones de la primeira edad; resisten casi siempre á cuantos esfuerzos se tiantan para sustraernos á ellas, y, por tanto, nos cuesta tener por natural eso que abordamos com tanto misterio”. (39).

Não será licito indagar si, na realidade, a mutilação de taes censores não prova, nelles, uma grande immoralidade ?

O romance naturalista rompeu em grande parte contra essa inveterada hypocrisia, salientando a herança, o meio physico e social como factores do crime e da prostituição. Por ter algumas vezes carregado as cores externas dos quadros que descreve, usando de apparencias um tanto livres, essa literatura foi tachada de immoral, tendo, aliás, cultores da estatura genial de Zola, Stendhal, Flaubert, Bourget, Anatole France, Eça de Queiroz e Aluizio Azevedo. Elles nunca se arrogaram o direito de precognizar os seus typos decadentes como exemplos edificantes. Ao contrario, tornaram odiosas as aberrações do amor e a independencia doentia da mulher rebelde. “As mulheres honestas gostam de ver a heroina audaciosa, habil em expedientes, em todas as perversidades, decahir e aniquillar-se. Dahi, precisamente, a voga do romance proclamando immoral. E’ o melhor apologista do casamento, da familia, do dever”. (40) Demais, nas obras desta escola não se encontram sómente personagens degenerados

(39) Carlos Albert — *El Amor Libre*, trad. espanhola.

(40) Paul Adam—Primeira conferencia realizada no Rio sobre *O Culto de Venus*.



e perigosos. Ha typos que consubstanciam as mais bellas virtudes individuaes e sociaes, que pódem servir de modelos á mais aprimorada educação moderna.

Os pintores, mais que os esculptores, sacrificaram, em certa épocas, a verdade ás exigencias da pudicicia convencional, ora occultando certas partes do corpo, ora desfigurando-as. Inventaram bandeirolas, ramos indiscretos, attitudes especiaes, gestos compromettedores que só serviam para despertar a malicia ou excitar o riso. A serpente seductora de Eva e os seus longos e bastos cabellos foram objectos preciosos para lhe occultar as formas divinas. A nudez de Adão, adstricta ás pelles de animaes, lucrou muito com a folha de vinha, substitutiva da folha de figueira. A proposito, E'mile Bayard faz a seguinte interessante consideração: "E' muito singular a invenção da austera folha de vinha. Constatemos a vitalidade surprehendente em plena civilização deste resto de barbaria, de hypocrisia pezada, deste pudor fingido e perigoso". (41) Seria longo e pouco prudente enumerar todos os disfarces que se têm empregado para levar o corpo humano, alem dos mandamentos categoricos da moral christã contra o mundo, o diabo e a carne, os tres inimigos irreconciliaveis da alma.

No entanto é força confessar que o nu artistico e scientifico tem feito enormes progressos nestes ultimos séculos, a contar da renascença. As antigas bastilhas dos preconceitos dogmaticos vão sendo arrastadas implacavelmente. A nudez masculina e feminina já se ostenta nos salões de pintura e na estatuaria dos praças e jardins publicos; a semi-nudez pompeia nos jogos athleticos, nos palcos dos theatros, no decôte dos grandes bailes, nas praias balneares, no traje das bicyclistas, etc. etc. E o que mais importa, para maior gloria da civilização moderna, o dr. Nilo Peçanha nos informa, na sua recente obra — *Impressões da Europa que o nú invade as igrejas e que o naturalismo governa o pensamento e se torna a alma viva das cathedraes*. O capitulo sobre Florença merece ser lido por todos os cultores das artes e tem tido larga publicidade na imprensa do Brasil.

Apreciando a permissão do cinema nos tempos catholicos, um chronista exclama diabolicamente ufano: "A igreja civiliza-se!"

(Continúa)

(41) Émile Bayard — *La Pudeur dans l'Art et la Vie*.





A CAMINHO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES

HELIO LOBO

II

O Congresso de Panamá — Os congressos panamericanos. 1826—1910

Mas não era só na sabedoria política do seu paiz mais septentrional que a America indicava aos homens a via pratica da comunhão internacional. Era tambem por um continuado esforço em approximar e unir os paizes que a formavam.

Nem por ser geralmente ignorada, a iniciativa de Panamá deve passar sem relevo. Ao orador sul-americano que, obscuramente entre os formidaveis acontecimentos daquella hora, falou pela Republica do isthmo, na sessão de 28 de abril de 1919, deviam ir todas as homenagens da Sociedade das Nações, então recém-fundada. Porque Tacubaya tem a primazia internacional, como Pliladelphia a nacional.

Sabe-se, com effeito, que em 1826 planejou Simão Bolivar a reunião da America em conferencia, sob as bases de uma federação. Esse plano teve na cidade de Tacubaya, isthmo de Panamá, certo ensaio de realização, fracassado por motivos hoje conhecidos. Era complemento do disposto nos tratados que, em 1822, 1823 e 1825, uniram a Colombia ao Peru', Mexico, Chile e America Central, e por força dos quaes, esses paizes, sem quebra de suas respectivas soberanias, deviam reunir-se em congresso solemne, composto dos representantes de todos elles com o encargo de "cimentar de modo estavel suas relações, servir de conselheiro nos grandes conflictos, de ponto de contacto nos perigos communs, de fiel interprete de seus tratados publicos e de juiz arbitral e conciliador em suas querellas e pependencias".

Reforçando esses designios, a circular convocadora (7 de dezembro de 1826) adduz argumentos para provar que só uma assembléa geral da

America, com esses intuitos, poderia manter "por influencia os principios da politica exterior do continente e enfrear as agitações prejudiciaes".

"O dia da troca de poderes, entre nossos plenipotenciarios, concluiu Simão Bolivar, formará epoca memoravel na historia diplomatica americana. Quando, decorridos seculos, a posteridade indagar de nossas instituições politicas e voltar as vistas para o pacto que houver consolidado nosso destino, consultará com veneração os protocollos do isthmo. Nelles descobrirá a base das primeiras allianças, que deverão regular nosso desenvolvimento com o universo".

Fracassado o congresso, pelo só comparecimento da Colombia, America Central, Mexico e Peru', não deixou elle de ser precursor, inspirando, ao mesmo tempo, outras conferencias na America.

E' certo que tiveram ellas, na sua primeira phase, feição mais defensiva que politica. Não havia passado o perigo de reconquista pela metropole e cumpria concertar a defesa em commum. Foram as tentativas mexicanas de 1833, 1838, e 1840; o tratado de união dos estados americanos, assignado em Santiago do Chile em 1856; e as conferencias de Lima, de 1847 e 1864. Mas sem embargo dos seus fins mediatos, tomaram essas reuniões algumas medidas de relevo, em beneficio da melhoria das relações internacionaes, á testa das quaes cumpre apontar a abolição do corso, a garantia da propridade inimiga em tempo de guerra, a necessidade do bloqueio effectivo para ser valedio, etc. (11)

Pan-americanismo ou, melhor, inter-americanismo. 1889 — 1920.

Pan-americanismo começou a chamar-se, então, o conjuncto de elos que dia a dia mais apertavam a existencia dos paizes do novo mundo entre si. Era a America o continente da democracia; ignorava a luta das raças; não conhecia as rixas de hegemonia; furtara-se desde cedo aos principios de colonisação que regiam as outras terras; e seus anaes internacionaes enchiam-se de boas praticas quando á mitigação dos horrores da guerra. Alguns dos seus aspectos, no concerto mundial, eram tão **sui-generis**, que se cuidou de crear, ou antes reconhe-

(11) Ver, para pormenores, meus livros: **De Monroe a Rio-Branco** cit. capítulos: "A Primeira Conferencia de Lima", "A Assembleia do Isthmo", e "Tentativas de uma codificação". **Brasil, Terra Chama**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913, capítulo: "A lição panamericana". E' curioso comparar os intentos do Congresso de Panamá, ahí analysados, com os ideais modernos de uma Sociedade das Nações. Já surgiam então as objecções relativas a restricção da soberania e ao perigo das allianças externas. Nos Estados Unidos, por exemplo, a custo consegui Adams, então presidente, obter a adhesão do Congresso e o momento, no seu dizer, já era diverso, quanto á realisación dessas allianças, do tempo de Washington.





Estudo — de Charles White, desenhista americano residente em S. Paulo.



ESTUDO — Charles White.

cer, a **existência de um direito internacional americano**, quando a denominação mais acertada seria a de **problema e situações americanos no direito internacional**. (12)

Para realização dos ideais pan-americanos (melhor seria a denominação inter-americanos) varias conferencias se realizaram na America: em Washington (1888), no Mexico (1902), no Rio de Janeiro (1907) e em Buenos Aires (1910). Ao rebentar da guerra, estava a quinta convocada para Santiago do Chile (1915).

Tiveram esses comicios exito crescente e, além de certas medidas de caracter financeiro, commercial e economico, taes como a uniformisação dos documentos consulares e de alfandega, a regularisação do exercicio das profissões liberaes, a codificação da legislação sobre patentes de invenção e marcas de fabrica, e a construcção de um ferro carril panamericano, as conferencias foram excellente meio de aproximação continental e conhecimento mutuo entre os paizes da America. Foi por decisão de uma dellas que se inaugurou no Rio de Janeiro o trabalho de codificação do direito internacional na America, tarefa interrompida pelo advento da guerra; e tambem em virtude de suas decisões foi que se instituiram as conferencias sanitarias e financeiras de todo o continente. A ultima destas acaba de ter sua assentada em Washington.

Entre outros traços relevantes de taes assembleias, cumpre lembrar a declaração do Secretario do Estado Root, no Rio de Janeiro, perante a terceira conferencia: "Não desejamos victorias senão as da paz; territorio senão o nosso; soberania alguma a não ser a soberania sobre nós mesmos".

Secretario da Delegação do Brasil á IV, reunida na capital da Nação Argentina, posso dar testemunho dos altos intuitos, que a dictaram.

Os tratados Bryan. 1914.

Não ficou, porem, em declarações platonicas o continente americano. Porque logo accedeu ao convite dos Estados Unidos da America para assignar os tratados que se chamaram Bryan. O convite era, aliás, para toda a civilisação.

Era intuito dos tratados Bryan resolver pacificamente as questões internacionaes por meio de uma commissão de inquerito, a que seriam sujeitas, dentro de determinado prazo. Entregando á commissão de inquerito a questão que as dividia, deviam as nações comprometter-se

(12) Consultem-se sobre essa questão: Alvarez, **Le droit international américain**, Paris, 1910. Sá Vianna, **Non existence d'un droit international américain**, Rio de Janeiro 191...

em não declararem entre si a guerra nem commetterem o menor acto hostile. Alguns desses tratados prohibiam o augmento de armamentos durante os trabalhos da commissão de inquerito.

Foi o Brasil o quarto paiz a adherir ao convite da Casa Branca, precedido apenas pela Italia, a Gra-Bretanha e a França. Foram 35 as adhesões ao tempo da abertura da guerra mundial e 26 as ratificações. A data do tratado brasileiro-americano é a de 24 de Julho de 1914, e, em virtude do artigo 1.º, " as duas altas partes contractantes assentam em submeter á investigação de uma commissão permanente, que sobre ellas dará parecer, todas as difficuldades de character internacional que surjam entre ellas e não possam ser directamente resolvidas por via diplomatica nem caibam nos termos da convenção de arbitramento vigente entre ambas; e accordam em não declarar guerra uma á outra nem começar hostilidades emquanto não fôr apresentado o resultado dessa investigação. E' de um anno, segundo o artigo 3.º, esse prazo.

O fim dos tratados Bryan é amortecer o primeiro impulso que, na politica internacional, precipita sempre os acontecimentos, tornando a guerra irreparavel. Interposto largo periodo de tempo desde as primeiras desintelligencias até a declaração da guerra ou o inicio das hostilidades,—o **cooling off period** dos tratadistas americanos,—muito ganham os interesses da paz. E' o que se chama a **moratoria** nos livros britannicos. Esta circumstancia é relevante, pois teve exito preponderante na promulgação do Pacto da Sociedade das Nações. (13).

A cooperação internacional na Europa. Política de equilibrio e conferencias de Haya. 1870 — 1914.

Seguia, entretanto, seu rumo a politica de approximação dos paizes europeus. Si falhava o principio do arbitramento na maioria dos casos, algumas vezes elle se impoz com evidente vantagem para a paz universal. Entre todos os outros, o do **Alabama** deu-lhe prestigio e notoriedade.

Por outro lado, multiplicaram-se, no campo das exigencias praticas, os elementos de approximação internacional. Trinta nações constituem em 1875 a União Telegraphica Universal; vinte e tres acceitam no mesmo anno a convenção que adoptou o systema decimal de pesos e medidas; sessenta adherem, em 1878, á União Postal Internacional; dezenove ratificam a convenção internacional de Berna, de 1883, para a regulamentação das patentes de invenção; vinte e seis comparecem á Primeira Conferencia de Haya e quarenta e cinco á segunda.

(13) Ver o **Relatorio do Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil** de 1915, I, pag. 140.



São conhecidas as circunstancias nas quaes foram convocadas essas duas assentadas internacionaes. Vivia a Europa desde 1870 sob a atmosphera pesada das competições militares.

O Congresso de Berlim, em vez de sanar a borrasca, mais a provocou. Potencia de primeira classe, a Allemanha emprehendeu a realisação de tres guerras, para consolidação do seu poderio.

Espoliada a Dinamarca, abatida a Austria, mutilada a França, ella ia preparar-se para a conquista do mundo.

Onze guerras se desencadearam entre 1870 e 1914, por nenhuma das quaes foi a Allemanha especialmente responsavel: a Russo-Turca de 1877, a Chileno-Peruana, a Serbo-Bulgara, a Turco-Grega, a Sino-Japoneza, a Hispano-Americana, a Anglo-Trasvaliana, a guerra dos Boxeres, a Russo-Japoneza de 1905 e as duas Balkanicas de 1912 — 1913. Nem por isso era menor seu aparelhamento militar e mais reduzida sua ambição. Dizem os cinco dolorosos annos da guerra, hontem encerrada, como a Allemanha preparou-se para ella, a procurou, e nella viu sua hegemonia sobre o mundo. Sobre tardia, a licção era tremenda. Podia, acaso, prevenil-a a lição do direito, ensaiando a custo levantar-se na Haya?

Não pôdia a assembleia de 1907, completando a iniciativa de 1899, sobrestar a catastrophe. Politica de equilibrio, atmosphera de desconfianças, luta do capitalismo desenfreado com o proletariado, tudo presagiava irremediavelmente o desfecho de 1914. Mas nem por isso foi menos benefica a obra das duas conferencias. A primeira tem no seu activo a applicação da convenção de Genebra á guerra maritima, a instituição do tribunal de arbitramento, mais tarde melhorada. A segunda pode orgulhar-se, entre outras cousas, da decretação do arbitramento obrigatorio, da criação do tribunal permanente de arbitragem e da convenção regulando os deveres e direitos dos neutros. Léon Bourgeois, pioneiro da Sociedade das Nações em França, deixou dito, num formoso livro, dos resultados das duas reuniões diplomaticas (14).

Nesse interim, a Conferencia Naval de Londres (1908 — 1909) tornava possivel, alem de outros resultados apreciaveis, o funcionamento da Côte Internacional de Prezas, estabelecida pela Conferencia de Haya de 1907. E a União Interparlamentar procurava approximar, de paiz a paiz, os homens de boa vontade, num esforço meritorio em bem da paz universal.

A contribuição do Brasil 1822 — 1914.

Foi o idealismo brasileiro nossa melhor credencial no convivio das nações. Tivemos no cumprimento de uma severa moral internacional, nossa mais pura fonte de orgulho. Se a solução não foi, ás vezes, a

(14) Léon Bourgeois, *Pour la Société des Nations*, Paris, George Cres, 1914.



que mais consultava os interesses materiaes do paiz, nunca deixou de ser a que reclamou a honra do Brasil no seu culto da justiça e da paz.

Em quatro ou cinco livros puz em revista alguns dos antecedentes historicos e diplomaticos brasileiros. Diante quatro universidades estrangeiras, em tres paizes amigos, falei de nossos titulos de nobreza no trato das nações. E tive ensejo de declarar que jamais me cahiu sob os olhos papel ou acto que destoasse de uma severa pauta internacional. Que melhores antecedentes para a Sociedade das Nações ?

“A todos quantos, argentinos amigos, — tive a honra de falar perante a Universidade de Buenos Aires, a 27 de Junho de 1918 —, passastes pelo Rio de Janeiro, tem ido buscar nossa hospitalidade para os extremos em que se apraz. De bordo dos transatlanticos ao passeio pelas alamedas em flor, fizestes muitas vezes poiso na velha casa modelar, onde, entre **aubussons** de custo e o gosto das tradições, se vela pela nossa situação exterior. Não vos é extranho o nome, aqui já o pronunciei eu, está nos livros, na linguagem dos jornaes, no conhecimento do mundo. E' o Itamaraty. A serenidade do ambiente vos terá comovido, tão pausada ali é a lição das cousas, tão segura a pratica do serviço, tão discreta a attitude dos homens. Velhos e moços só têm um fito, o de que o Brasil não desmereça de tradição internacional em que nasceu, e viveu — honrado, sereno e justo.

“Vai para muitos annos, candidato ao socego fecundo daquella casa, eu tambem ali penetrei para a meditação e o estudo. Era uma dessas manhãs de sol, que são o orgulho da mocidade e compõem a mais doce recordação da idade madura. Eu sonhava ter a mancheias, sob os dedos curiosos, os archivos imperiaes, taes nol-os indicava a imaginação, com seus segredos seculares, sua linguagem em cifra, sua alma e sua significação. Eram cincoenta annos de um reinado, que reviveriam assim, com todo seu encantamento, para meus olhos extasiados. E o que então vi, o que desde então me puz a verificar dia a dia, num trabalho de benedictino, eu poria em livros sem conta, traria para a gazeta, a tribuna, desfraldaria como uma bandeira gloriosa ao sol tropical, faria resoar pela America, a Europa, o mundo inteiro, como as mais bellas credenciaes de uma raça. Que nobre e formosa lição aquella... Reviviam os homens para minha admiração, renasciam as edades da papelada informe, sem o mais leve deslize na linha directiva, sem o mais pequeno recuo na significação generosa. Erros casuaes podia haver tão naturaes nas sociedades em formação. Imprudencias, acaso, existiam, tão communs nas democracias inexperimentadas. Mas pensamento não vi, que se não pudesse publicar, papel não topei, que nos fizesse corar, instrucção não surprehendi cujo conteúdo nos não ennobrecesse”.

Nosso intuito foi sempre tornar mais intima a cooperação internacional, sob a base dos principios liberaes.



Assim, em assumptos de guerra maritima, não somente alherimos com effusão ás declarações do Congresso de Paris, de 1854, como também pedimos que se juntasse, corollario natural, a garantia da propriedade particular sobre agua, tão a peito defendida cincoenta e tres annos mais tarde, na Haya, pelo Embaixador do Brasil. Foi, então, de Paranhos a palavra de que "toda propriedade particular inoffensiva, sem excepção dos navios mercantes, deve ficar ao abrigo do direito marítimo contra os ataques dos cruzadores de guerra". Já tínhamos de facto abolido o corso (1822), e a exigencia da effectividade do bloqueio, para sua validez, era já commum, desde 1825, em nossa tradição. Quanto á permanencia de navios neutros belligerantes em aguas neutraes, deu-nos a guerra de secessão americana tal notoriedade, que nossa lição constituiu exemplo.

O assumpto do arbitramento demandaria larga explanação, tal a pratica que d'elle temos. O Brasil não só procurou praticar o arbitramento como o enxertou na sua constituição como recurso obrigatorio antes da declaração da guerra. Apenas independentes entregava o Brasil ao julgamento de commissões arbitraes a decisão de questões que o separavam da metropole e de outros paizes, como a Grã-Bretanha e a França. Em 1856, com nossa aludida adhesão aos resultados do Congresso de Paris, foi o voto de que "nas dissensões internacionaes, sempre que as circumstancias o permittissem, antes de lançar mão das armas, se recorresse aos bons officios de uma nação amiga". Em 1863 decidiu o arbitramento a questão da fragata **Forte**, com a Grã-Bretanha; e em 1870 o caso de um brigue naufragado na costa brasileira, com os Estados Unidos: e, tanto aqui como ali, pareceu periclitár, não por intenções nossas, a paz. Em 1889 acceitamos em Washington, reunida a Primeira Conferencia Internacional Americana, o principio do arbitramento amplo, assim como em 1907 votamos pelo obrigatorio sem reserva de nenhuma especie. Tínhamos assignado, naquelle anno de 1889, com a Nação Argentina, o compromisso que resolveu, sem nenhum abalo, a secular questão de limites entre ambos. Em 1895 entregou-se ao Presidente dos Estados Unidos da America a solução do caso dos protocollos italianos, como em 1874 se lhe confiara a questão chamada do Chaco paraguayo. Em 1897 o compromisso arbitral franco-brasileiro liquida pacificamente a questão da Guyana, da mesma forma que em 1901 o anglo-brasileiro põe termo á de terras ao norte do Amazonas. Perdendo ou ganhando (e ora nos deu razão, ora nol-a tirou a decisão judicial) foi nosso empenho invariavel acatar a sentença dirimidora. Trinta e dois tratados de arbitramento tinha o Brasil assignado ao estalar a grande guerra.

Cumpre notar, ainda neste assumpto do arbitramento, que como juiz tomou o Brasil parte em casos de alta relevancia. No de **Alabama** deu elle arbitro, entre os cinco que compunham o Tribunal, na pessoa do



Visconde de Itajubá. No de 1880, entre a França e a Grã-Bretanha, para liquidação das questões relativas á guerra de secessão, o Barão de Arinos foi o Presidente do Tribunal; e por duas se lhe pediu o renascimento do concurso, quando prolongados os trabalhos. E, finalmente, nos de Santiago do Chile, instituidos para julgar, de 1884 e 1888, as mais serias questões de direito internacional com a Suíça, a Grã-Bretanha, a França, a Allemanha, a Italia, foi ás personalidades brasileiras, os conselheiros Lafayette Rodrigues Pereira e Lopes Neto, e Barão Aguiar de Andrada que coube a direcção dos trabalhos.

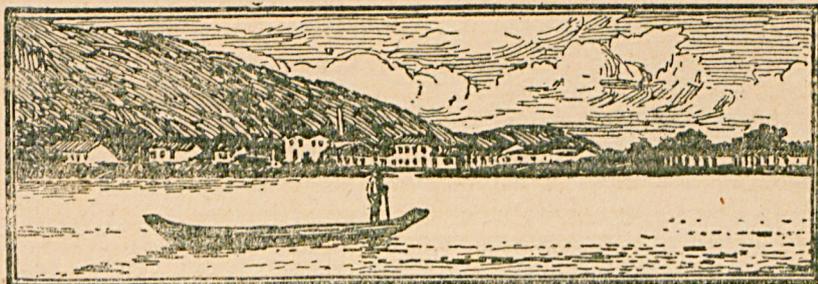
Estava o Brasil, portanto, de accordo com suas tradições mais caras, quando, perante a Segunda Conferencia Internacional da Paz, em 1907, se fez campeão do principio da egualdade politica das nações. Talvez fosse outra a lição da hora actual si nações se não medissem somente pela escola dos seus recursos militares e navaes.

Era nosso prazer essa norma, pois tambem prohibimos, na letra da Constituição Federal, as guerras de conquista. A abstenção de appetites de hegemonia militar ou de annexação foi, em nosso territorio, regra invariavel. Paiz de enorme extensão territorial, capaz de todos os climas e de todas as culturas, o Brasil fadava-se para o trabalho pacífico e fecundo. Mostrou o tempo quão infundada era, ao occorrer a guerra do Paraguay a accusação de que nos moviamos á cata de zonas menos tropicaes. E no nosso passado politico uma declaração official deu logo, apenas nos ensaiavamos para a vida autonoma, o norma do paiz no seu trato com os visinhos, o pretender a provincia boliviana de Chiquitos, em revolta contra o Governo Central, annexar-se á provincia brasileira de Matto-Grosso. Esse acto, no juizo expresso do Rio de Janeiro, foi considerado "inteiramente contrario aos principios de direito publico, reconhecidos por todas as nações cvilizadas", pois o Governo do Brasil era invariavelmente guiado pelos dictames mais sãos da justiça e da politica, procurando o maior bem da nação que dirige sem quebra dos direitos dos outros". (15)

(Londres, fev. 1920, 15)

(15) Ver, sobre a contribuição do Brasil, Clovis Bevilacqua, **Direito Internacional Publico**, Rio de Janeiro, 1910, Alves. — Tambem meus livros **O Brasil e seus principios de Neutralidade**, Rio de Janeiro, 1915, Imprensa Nacional; *Cousas Diplomaticas* cit., e as conferencias que realizei perante as Universidades de Montevideo e Buenos Aires, em 1918, todas reunidas no volume **Aos Estudantes do Rio da Prata**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1918, e tambem publicadas, em castelhano, nos annaes do mesmo anno das duas universidades.





BANDEIRANTE

OTHONIEL MOTTA

Jeca Tigre, como as antas e jacutingas, ia-se internando pelos sertões “de verdade”, á medida que a linha ferrea avançava naquella zona, ás margens do Paranapanema. Nada de modernices! O pae, o avô, o bisavô nunca andaram senão a pé ou a cavallo. E deram-se com isso perfeitamente, attingindo o pae um seculo e morrendo com todos os dentes e sem rheumatismo. Nada! O que dá rheumatismo e derriba os dentes e deixa um homem *creca* é esta lufa-lufa de trens que chegam e trens que partem, transportando cometas pernesticos ás duzias, a cantarem umas cantigas geitosas e a impingirem carapetões; são os jornaes que annunciam mentiras e escandalos... Nada! Toca para o mato, para a vida simples, que foi o socego e as delicias dos antepassados.

E lá iam os seus cargueiros, sertão a dentro, acompanhando o picadão alinhado ás tontas, trepando comoros, descendo grutas, resvalando por precipicios — taimbés vertiginosos — com aguas rumorosas a esbravejarem lá embaixo, occultas sob as balsas virentes, ou a cochicharem, por entre o tapume do caeté cerrado.

Aqui era um macuco assombrado, que erguia o vôo ruidoso, para abatê-lo a distancia, num barulho de ramos agitados; acolá era uma anta surpresa, que abalava num galopão cavo e desabrido; e não raro era uma sussuarana, que laceava o pulo macio, cortando o picadão e desaparecendo, sem ruído, na espessura fresca; rapida como um corisco, subtil como uma idéa.

E os aventureiros audazes lá se iam, selva a dentro, refugindo á peste da civilização.

*
* *

Foi assim que elles abriram a vivenda onde occorreu o facto que originou estes rabiscos.

O sitio em que Jeca Tigre fincou as estacas de sua tenda era um desses recantos sertanejos "em que a mão da natureza esmerou-se em quanto tinha". A terra era nababesca, com toda a soberba vestimenta do solo uberrimo e virgem, em cujo coração parece fremir uma supplica ao braço humano, para que o faça desentranhar-se em fructos. Cortava-o de ponta a ponta o abundoso ribeirão de Anhumas, a arrastar em suas aguas um mundo de energias adormecidas. Fontes claras borbotoavam nas alfombras, sob as arvores pendidas, através de cujas frondes rendilhadas sorria, como uma infinda esperança, o azul do céu brasileiro.

O chalar dos passaros verdes em bandos innumeraveis, desde a rude arara até o tuim mimoso; a bigorna estridente das arpongas ringindo nas copas altivas dos guaritás; o vira-vira fazendo retinir as notas marciaes do seu clarim festivo, em bandos que pontilhavam de negro a limpidez dos ares, — tudo aquillo era um como concerto intencional de optimismo irresistivel, que mettia á bulha a lamuria dos vencidos e convencencia-os logo de que a melhor coisa que lhes tocava fazer era entrarem tambem no largo fandango da natureza agreste.

*
* *

Foi ali que Jeca Tigre iniciou uma fazenda, já quando a geada dos cincoenta lhe polvilhava os altos da gaforinha.

O machado, a serra, a enxó, a plaina trabalharam dias inteiros; mas no fim de algumas semanas a casinha sorriu no amago da selva, toda perfumada e fresca, na virgindade das táboas de peroba.

E o filho de bandeirantes sentiu o coração dilatar-se-lhe numa ventura simples, que o civilizado ignora, quando pôde dizer a si mesmo: "Estamos accommodados. Haja saude, e tudo irá bem; louvado seja Deus!" Sim, tudo lhe sorria na nova residencia. Sómente á bocca da noite a nenia dos macucos, á hora de alçarem o vôo para os poleiros patentes nas clareiras do arvoredo, era uma nota de melancolia na solidão dormente. Ai! um não sei quê de nostalgia funda de um algures que a alma, num pesadelo, quer discernir e não pôde, cõa-se em nosso peito ao piado triste do macuco, á hora em que morre o dia nos sertões longinquos.



*
* *

Ao lado daquella casinha foram-se erguendo as choças dos empregados, feitas de pau a pique e cobertas de taquaras mace-tadas, na ausencia do sapé.

E principiou a derrubada. Durante dias consecutivos, da alvorada ao crepusculo, as arvores rangiam aos golpes dos machados e ao vae-vem das serras devoradoras, erguendo a poeira rosea das perobeiras immoladas.

Depois veio a queima. Rolos de iumo baço, moroso, e, após, as labaredas, como labaros sangrentos, zimbrando o espaço, annunciavam a victoria do homem sobre a natureza bruta. E logo mais, do solo cinzento, foram repontando as folhas largas, reluzentes, do milharal sadio. Emfim, veio o capim-gordura, côr de amarantho, pasto succulento para as futuras criações.

*
* *

Jeca Tigre tinha um filho de doze annos, o Tico, rapazinho de constituição magnifica, rosto moreno, sanguineo, grave, olhar resolutivo e queixo napoleonico. Ninguem como elle estava tão radiante em a nova moradia.

O pae lhe havia comprado uma espingardinha em recompensa de serviços. Do couro de uma irara fez-se-lhe uma patrona vistosa, que elle pendurava á parede, com a espingarda, ali no quarto de dormir, bem rente com a sua cama, porque lhe era grato conciliar o somno tendo na retina, para lhe suggerir os sonhos, aquellas imagens, tão queridas de todos nós no despon-tar da adolescencia, quando o sentimento de que somos homens reclama tudo quanto faz o homem forte e o predispõe a vencer.

E que alvoradas ineffaveis lhe eram aquellas, quando, ao abrir os olhos no quartinho bafejado pelas auras oxygenadas das selvas, os fixava nos dois objectos preciosos, que tinham para elle alguma coisa de tutelar!

Prelibando as sensações das caçadas, erguia-se do catre, alisava a arma num transbordar de caricias, experimentava os fechos, fazia pontarias a esmo, pelo simples prazer de levar ao rosto aquelle presente regio que lhe dera o pae.

*
* *

Certo dia a madrugada lhe foi ainda mais risonha. Uma alegria nova viera juntar-se ás outras. Iam tirar cipó, afim de começarem o pasto.



A madeira já se via empilhada. Em breve ali estaria *Mimosa*, a potranca marchadeira, dádiva de sua madrinha. Nella iria elle ao povoado mais proximo, aos sitiecos incipientes, afogados, como o de seu pae, em plena mataria.

Com verdadeiro afan o neto de bandeirantes acompanhou a turma á procura de cipós, de que facilmente se fizeram dezenas de rolos.

Seguiu-se a labuta com a cerca, suavizada pelas cantigas dolentes dos sertanejos em tercetos. Tico, esse não cantava. Nunca lhe haviam ouvido mais do que um como resmoninhar baixinho, quando lavava na bica a sua arma para as batidas. Havia naquelle espirito infantil algo de concentrado, de soturno, que revelava um temperamento excepcional.

Tico era o orgulho do pae. Naquelle menino o Jeca Tigre revia as qualidades de seus maiores. Seu pae fora bandeirante intrepido, cuja fama ainda echoava nos sertões. No filho, pensava elle, as tradições de bravura, trabalho e honradez — apañagio da raça portugueza que naquella estirpe se ostentava em todo o vigor dos tempos aureos — não sómente seriam conservadas, mas ainda enriquecidas. E para fazer medrar as aptidões que elle via debuxadas naquelle character promissor, era seu costume, á noite, reunida a familia á luz de uma candeia primitiva — um pavio pelo qual a chamma chupava o unto da lamparina — narrar, de modo o mais pittoresco e impressionante, as façanhas dos antepassados.

Tico escutava, emocionado, as narrativas do pae, e sentia que lá no fundo da sua grande alma desabrochante uma voz bem clara lhe dizia: “Tu és o herdeiro dessa raça. Não deixes morrer em ti o animo varonil de teus maiores. Sê homem, sê forte, domina as selvas e as feras!”

*

* *

Uma linda tarde, de céu esbraseado formando um fundo solenne em que se destacavam os vultos dos guaritás sobranceiros, chegava um dos camaradas, tirando á sogra, já arreada, a potranca de Tico.

Era um soberbo animal baio-encerado, de crinas negras, descanelado, cascos largos, raiados de branco.

Foi completa a alegria do menino. Sem um gesto revelador do jubilo que fazia transbordar sua alma, chegou-se para junto da egua, deu-lhe palmadinhas na tabua do pescoço, repuxou-lhe os beiços para examinar as mudas e disse, entregando-a ao camarada: “Neste pasto ella vae ficar uma bola de gorda”.



E fechou-se de novo, para gozar em silencio o alvoreço do coração.

*
* *

De facto, Mimosa começou logo a agradecer o trato e o pasto. Principiou a deitar corpo, a avelludar o pello, enchendo o pastinho de nitridos folgazões. Tornou-se em breve tão affeçoada a Tico que este a cavalgava em pello e até mesmo sem cabresto.

Quando elle, com a patrona á direita a tira-collo, a espingarda a pender-lhe do hombro esquerdo, ao ranger do soccado novo sob o pellego fofo e alvo, cavalgava a sua Mimosa faceira, quem era na terra, como elle, soberano? Quando se via só nos picadões sombrios, dava redeas á sua satisfação, corria o calcanhar pelas ancas do animal fogoso e tinha guinas de praticar actos heroicos. Era como que um rude cavalleiro medieval em demanda de conquistas.

*
* *

Como era de esperar, cresceu pujante o milharal, em que havia pés com tres espigas: uma colheita de arromba, se as baetacas, as maracanans e outros passaros verdes, “numa farra dos infernos”, como lá diziam, não estivessem a estragar a roça. Os tatetos e os queixadas não se haviam associado áquella devastação, porque não haviam ainda aprendido a saborear o milho, como aliás acontece com as primeiras roças do sertão.

A espingarda de Tico, se o serviço era folgado, fazia rasoura nas baetacas.

*
* *

Num dia em que Jeca Tigre e os camaradas enchiam jacás e mais jacás de espigas gordas, — uma verdadeira fartura para o anno inteiro — Tico foi ter com o pae. Ia livido, visivelmente incommodado. Jeca Tigre, apenas encarou no filho, percebeu que havia alguma coisa séria naquella alma recolhida, pouco sujeita a abalos que a puzessem assim fóra dos eixos.

— Pae — disse o menino —, a egua não está no pasto.

— Ora, Tico, como não ha de estar? Por onde havia ella de fugir? A cerca é nova...

— Não sei por onde fugiu nem se fugiu: sei que não está no pasto.

— Impossivel! Você não procurou direito.

— Procurei. Remexi o pastinho. Não está.



Jeca Tigre calou-se. O tom de convicção daquelle menino merecia-lhe toda a confiança.

— Está bem — observou afinal, “assumptando” o sol. Você não precisa trabalhar mais hoje. Vá outra vez procurar a egua. Quem sabe se alguém deixou a porteirinha aberta e ella agarrou por esse picadão a fóra. Mas não ha de estar longe, de certo. Vá logo.

— “Sim, senhor”, disse Tico, e tocou para casa.

Tomou a arma, enfiou a patrona, collocou á cinta o facão roceiro e lá se foi a percorrer o pasto novamente, ao correr da cerca nova, ainda branquinha e cheirosa. Chamava pelo animal. Silencio. O rinchar costumeiro com que a potranca respondia ao seu appello, não se fazia ouvir. Os grotões respondiam, nos echos bem distinctos, os seus gritos reboantes. Nada!

Até que emfim, lá na baixada, perto do corrego, o menino avistou um lanço de cerca tombado sobre o solo, para o lado da mata-virgem confinante.

— “Olhem lá onde foi ella parar!” — exclamou elle cheio de gozo. — “Ha de estar por ali mesmo, a fujona. Por esse lado ella não tem vereda. Está bonito! Se agarra com essa manha de arrombar cerca, está tudo atrapalhado!”

Tico aproximou-se. Havia um longo arrastão acamando os arbustos e coívaras, bem como um rastilho de sangue ainda fresco, que penetrava na selva.

De prompto acudiu-lhe ao espirito a verdade esmagadora: um “tigre” arrastara por ali a pobre da Mimosa.

O menino ficou estatelado, não de medo, mas de dor. O odio faiscou-lhe nos olhos, que duas lagrimas ungiam.

Pensou apenas um momento; a resolução foi prompta. Tirou do hombro a arma idolatrada, sacou fóra a bucha do chumbo, virou a carga na mão e guardou-a no chumbeiro. Arrancou a bucha da polvora, reforçou sobejamente a carga, e depois a bucha, para que descesse a custo, afim de evitar um tiro frouxo. Tomou do chumbo grosso e fez rodar, tinindo, uma carga respeitavel. Com a ponta do facão arrancou a espoleta lisa, da véspera; observou se havia polvora no ouvido; escolheu uma espoleta rajada, das garantidas no perigo, e, sem titubear, barafustou pelo mato a dentro, espreitando á direita e á esquerda, com o peito oppresso, sedento de vingança.

Não! A sua Mimosa não ficaria morta impunemente! Só se lhe não fosse dado ver a fera traiçoeira. Do contrario, aquella carga não voltaria para casa.

E na penumbra da mata parecia-lhe ver a figura veneravel de seu avô, a sorrir-lhe, orgulhoso do neto destemido.



Não tinha andado cincoenta braças, seguindo o arrastão, quando avistou um montículo de folhas e de ramas, através das quaes surdiam, inteiriçadas, as patas de Mimosa.

Tico sabia que é esse o processo vezeiro da onça: guardar os restos da presa para devorá-los mais tarde. O caçador que ali esperasse teria segura oportunidade de desfechar o tiro. Que lhe restava fazer? Esperar, ao menos enquanto houvesse sequer a luz mortiça de um sol já moribundo.

Esperou, pois, atrás de um tronco, em absoluta immobildade, cercado de folhas de palmitos ainda tenros.

Pungia-lhe o aspecto daquellas patas rijas, erguidas para o ar como numa supplica de vindicta. Era a sua querida Mimosa que ali se achava. Ah! quando lhe seria dado possuir outro animal? E ainda quando lhe fosse facil obter dez ou mais, nenhum lograria renovar as primitivas sensações que Mimosa lhe havia proporcionado. Aquelle vácuo do coração não se encheria nunca mais. Era um ideal desfeito, em que os remendos só servem para aguçar a saudade do que se foi...

*
* *

A tarde ia morrendo e os últimos jacás de milho estavam cheios. Os macucos mais ousados já começavam a piar aqui, ali, avivando os desejos dos matutos. A algazarra das baetacas ia cessando pouco a pouco pela retirada de bandos successivos.

Jeca Tigre estava pensativo. Que seria feito de Mimosa? Se ella acaso se perdesse, grande ia ser a magua do menino.

*
* *

Com os jacás nos hombros, repletos de milho, coroados alguns por aboboras maduras que promettiam um *quibebe* assucarado, "casadinho na igreja" com o peito bem salgado de um nambu-guassú, — a caravana afinal tocou para o pouso, justa recompensa de um dia de labor a serio.

Pouco haviam caminhado, quando se ouviu o estampido de um tiro que os echos reproduziram de um modo desusado.

— Éta *bruta* panasio! — disse um dos empregados.

— Nem não parece da espingarda do Tico — observou um segundo.

— E' algum macuco que elle empacotou — rematou Jeca Tigre. Isso quer dizer que elle achou Mimosa; do contrario não ia caçar, de fórma alguma.



E o seu coração paterno desopprimiu-se.

*
* *

Chegaram com a noitinha. Em breve desceu a noite fechada, com um ceu esplendido a latejar no seu braseiro infinito. E Tico ainda não viera.

Nha Hortensia, a mãe, começou a affligir-se mais e mais. "Minha Nossa Senhora!" — exclamava ella. "O que significa essa demora do menino?!"

— Não ha de ser nada — respondia Jeca Tigre, apparentando calma, quando o certo é que uma idéa pungente já estava tambem a perseguil-o.

E o tempo corria, e o menino não chegava.

Nha Hortensia, por fim, desandou a soluçar.

Jeca Tigre tambem não pôde mais encobrir o seu lugubre sentimento. Saiu para fóra e poz-se a berrar pelo filho, com todas as forças dos pulmões valentes.

As grotas respondiam na quietude da noite. Mas era só.

Os camaradas, espontaneamente, se foram ajuntando ao patrão querido.

— Minha gente, — disse Jeca Tigre — sabem o que mais? Apromptem-se e vamos procurar o Tico. Tragam candeias e foices, que eu levarei a *cravina*.

E momentos após a procissão macabra ia seguindo a cerca do pasto, em direcção ao ponto de onde partira aquelle tiro estrondoso, ao morrer do dia.

E lá na baixada, palmilhando o mesmo trilho seguido ha pouco pelo menino-homem, penetraram na selva sinistra com as luzes vacillantes das candeias. Pouco tiveram que andar. A pequena distancia dos restos de Mimosa, encontraram o "tigre" morto, enorme, com as presas formidaveis cravadas nas fontes da criança heroica. (1)

(1) Este episodio me foi narrado por amigo, que o presenciou.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



W.

FAGUNDES VARELLA

*Patrono da cadeira
n. 11. Nasceu na villa
Rio Claro, do Estado
do Rio de Janeiro, a
17 de Agosto de 1841 e
falleceu em Nictheroy,
a 18 de Fevereiro de
1875.*

BIBLIOGRAPHIA

- 1 NOCTURNAS — poesias, in 8.º — S. Paulo — 1861.
- * 2 O ESTANDARTE AURI-VERDE — cantos sobre a questão anglo-brasileira — 24 pags. — S. Paulo, Ty. Imparcial — 1863.
- 3 VOZES DA AMERICA — poesias, in 8.º — S. Paulo — 1864. Houve duas outras edições em 1876: a de S. Paulo, Ty. do "Correio Paulistano", de 240 pags. in 8.º, por J. R. de Azevedo Marques, e outra no Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, com 275 pags. in 8.º e acrescimo de poesias ineditas.
- * 4 CANTOS E PHANTASIAS, com um prefacio de J. Ferreira de Menezes — 193 pags. — S. Paulo, Garraux, De Lailhacar & Cia. — 1865. No mesmo anno foi, segundo Sacramento Blake, impresso em Paris, com 193 pags. in 8.º — 1865. Tambem foi tirada uma edição á parte, no Rio, do *Cantico do Calvario*.

- 5 CANTOS MERIDIOANES — in 8.º — 174 pags. — S. Paulo — 1865 — Houve 2.ª edição no Rio, com 174 pags. in 8.º — 1869.
- 6 CANTOS DO ERMO E DA CIDADE — 192 pags. — in 8.º — Paris — 1869.
- 7 ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS — poema — 10-337 pags., com noticias biographicas de Ferreira de Menezes e do Anglo Brazilian Times — in 12º — Rio, 1875. A impressão foi concluida depois da morte do autor.
- * 8 CANTOS RELIGIOSOS — coll. com a irmã D. Ernestina Varella — 61 pags., com uma apresentação de Octaviano Hudson, obra posthuma. Rio, Eduardo e Henrique Laemmert — 1878.
- * 9 DIARIO DE LAZARO, poemeto com estudo critico por Franklin Tavora e retrato do autor — LXVIII — 34 — 2 pags., seguido de uma nota de Ferreira de Menezes. Rio, Typ. Nacional (edição da Revista Brasileira) 1880.
- * 10 OBRAS COMPLETAS — edição organizada, revista e precedida de uma noticia biographica por Visconti Coaracy e de um estudo critico por Franklin Tavora — 3 vols. (I vol.: Vozes da America, Nocturnas, Pendão auri-verde, Cantos religiosos, Avulsas — II vol.: Cantos e phantasias, Cantos meridionaes, Cantos do ermo e da cidade — III vol.: Anchieta ou o Evangelho das selvas, Diario de Lazaro) 285-331-328 pags. — Rio H. Garnier.

Visconti de Coaracy declara que, segundo consta, deixou ineditos um fragmento da "Vida dos Apostolos" e tres dramas: "A fundação de Piratininga", "Ponto negro" e "O Demonio do jogo", os tres em verso, sendo o ultimo extrahido dos "Contos fantasticos" de Hoffmann. Sacramento Blake affirma que esses originaes foram encontrados entre grande cópia de ineditos do mallogrado poeta; Gomes Cardim, nas "Tradições nacionaes", cita o terceiro drama com o titulo "O Demonio no fogo", visivelmente enganado.

No archivo da Academia Brasileira de Letras, encontram-se autographos authenticados pela sua irmã D. Ernestina: "A morte do Capitão-mór", drama em 3 actos, e algumas composições poeticas.

Escreveu um poema erotico contra os conegos da Sé de S. Paulo.

Pessanha Póvoa nos "Annaes Academicos" (1860-64) declara que se perdeu o 1.º canto, conhecido de cór pelos contemporaneos de Varella e publica o capitulo II da satyra "A Terra da Promissão" (pag. 227 a 230) e nas notas affirma que o poeta tinha poemetos, romances e dramas ineditos e cita, entre outras obras publicadas, a "A guarida de pedra" que não consegui encontrar.

Escreveu na *Revista Dramatica* (1860), com Salvador de Mendonça, Pessanha Póvoa, Macedo Soares e Pires de Almeida; na *Revista da*

NOTA — Os livros precedidos do signal (*) fazem parte integrante da minha bibliotheca.



Associação Recreio Instructivo (1861); na *Revista da Associação Triluto às Letras* (1863), associação acadêmica de que foi 1.º orador; *Semana* (1865), revista litteraria de Recife, com Victoriano Palhares e Souza Pinto; *Correio Paulistano* (1866) onde escreveu os contos "Ruínas da Gloria", "Esther" e "Inah".

Encontram-se retratos seus no Diário de Lazaro, na *Lyra Popular*, na *Littérature Brésilienne* de V. Orban, etc.

FONTES PARA UM ESTUDO CRITICO

- 1 *José Verissimo* — Estudos de literatura brasileira, vol. II pag. 131.
" " — Historia da Literatura Brasileira, pag. 329.
- 2 *Machado de Assis* — Critica pag. 94.
" " " — Semana Litteraria no "Diario" do Rio de Janeiro de 6-2-1866.
- 3 *J. Manoel de Macedo* — Anno Biographico, vol. II pag. 475.
- 4 *Franklin Tavora* — Estudo critico nas Obras completas.
" " — O diario de Lazaro — Rev. Brasileira (2.ª phase) vol. 5.º pag. 357, reproduzido na edição do Diario de Lazaro.
- 5 *Visconti Coaracy* — Notas biographicas nas Obras completas.
- 6 *Sylvio Romero* — Historia da Litteratura Brasileira, vol. II pag. 436.
" " — Livro do Centenario, vol. I pag. 58.
" " e *João Ribeiro* — Compendio de litteratura brasileira, pag. 211.
- 7 *Julio Barbuda* — Litteratura brasileira, pag. 333.
- 8 *C. Castello Branco* — Cancioneiro alegre — II pag. 211.
- 9 *Teixeira de Mello* — Ephemerides nacionaes — 18-2-1875, vol. I pag. 101 e 17-8-1841 — vol. II pag. 86.
- 10 *Barão do Rio Branco* — Ephemerides brasileiras.
- 11 *Victor Orban* — Littérature brésilienne pag. 86.
- 12 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira pag. 494.
- 13 *Pessanha Póvoa* — Annaes academicos pag. 223.
- 14 *Alberto de Oliveira* — Conferencia na Sociedade de Cultura Artistica, cujo resumo se acha na "Revista do Brasil" n.º 14.
- 15 *Ramiz Galvão* — Fagundes Varella — Revista de Lingua Portuguesa n.º 1 — 1919.
- 16 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira pag. 236.
- 17 *Lucio de Mendonça* — Gazetinha de 18-5-1882.
- 18 *Carlos de Laet* — Microcosmo — "Jornal do Commercio" — 1879.
- 19 *Ferreira de Menezes* — Prefacio do Evangelho das selvas ou Anchieta.
- 20 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.



- 21 *Ernestina Fagundes Varela* — “Jornal do Commercio” de 19-6-1899.
- 22 *Ventura Boscoli* — Historia da Litteratura Brasileira.
- 23 *Almeida Nogueira* — Tradições e reminiscencias.
- 24 *Antonio Manoel dos Reis* — Album Litterario, S. Paulo.
- 25 *Affonso A. de Freitas* — A imprensa periodica de S. Paulo.
- 26 *Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro* — Novo Almanack de Lembranças — 1887.
- 27 *Lery dos Santos* — Pantheon Fluminense.
- 28 *Alvaro Guerra* — Os meus serões.

NOTICIAS BIOGRAPHICAS E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Pertence Fagundes Varela á ultima geração romantica, ao lado de Pedro Luiz, Machado de Assis, Tobias Barreto, Luiz Guimarães, Castro Alves e outros.

Não teve, porém, o influxo dos themas sociaes, do genero denominado *condoeiro*, como alguns dos contemporaneos, embora tivesse pago o tributo em “Pendão auri-verde”, talvez a mais fraca contribuição do seu estro.

A sua vida agitada e o temperamento irrequieto, desde tenra idade manifestado, emprestaram á inspiração do poeta uma feição quasi indefinivel, mixto de amargura e misanthropia, de scepticismo e crença, de revolta e resignação; teve como directriz o estylo descriptivo e a capacidade de reproduzir paysagens, aspectos e scenas da natureza.

Em “Nocturnas”, seu livro de estreia, composto graças á iniciativa de Sizenando Nabuco que colleccionou as poesias e venceu o indifferentismo do collega, nota-se o character indeciso do poeta e predomina a influencia byroniana, atravez do dominio exercido por Alvares de Azevedo no meio academico. “Fragmentos” constituem exemplo frisanste para confirmar tal asserção. E alem disso o testemunho de Pessanha Póvoa que narra a sua vida de bohemio, nomade, em ceias e caçadas, excursões e serenatas, extravagancias e orgias. Era um typo grotesco, no dizer do critico coevo que lhe descreve excentricidades e accentúa o seu pendor por Heine, Byron, Espronceda e George Sand, a determinar-lhe o espirito sceptico e as tendencias revolucionarias, como se manifestaram no anti-clericalismo da “Terra da promissão” e em outras poesias com que divertiu os collegas, depois de haver passado uma noite no Convento do Carmo.

“O estandarte auri-verde” tambem foi publicado em S. Paulo e teve intuitos patrioticos, a proposito do conflicto anglo-brasileiro de 1862. E', como disse, a parte mais fraca de sua producção litteraria, onde revela incapacidade para o genero.



Surtem em seguida as "Vozes da America" e manifesta-se a sua admiração por Gonçalves Dias, em cujo estro se inspirou, de quem conseguiu a pericia no manejo dos versos soltos, como demonstrou mais tarde, e herdou o americanismo do "Evangelho nas selvas" e da lenda selvagem — "Esperança".

A inspiração do seu lyrismo emanou tambem de Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo e Junqueira Freire e proveio das leituras de Byron, Musset, Lamartine, Espronceda e Zorrilla, conforme attestam imitações confessadas e influencias indirectas.

No terceiro livro manifestou-se o caracter subjectivo mais accentuado de sua obra, — o amor paternal — que irrompeu em "O proscripto" e assumiu a perfeição no excellento poemeto "Cantico do Calvario".

Em "Cantos e phantasias" é notavel o progresso da forma, da concepção e da expontaneidade. Só a elegia citada, á memoria do filho morto, e "Juvenilia" bastam para justificar o conceito. Toma incremento o seu culto á natureza e firma-se o caracter expontaneo e simples de seu estro, de seu lyrismo.

A vida rustica que sempre lhe seduziu o espirito desde o tempo de folia, durante a vida academica em São Paulo, consegue dominar-lhe a inspiração e predominar em "Cantos meridionaes" e "Cantos do ermo e da cidade".

Explica-se o phenomeno pelos desgostos que lhe pungiram a alma e lhe envolveram o espirito em nevoas de tristeza. Não é, porém, essa tendencia ao bucolismo, essa attitudo de solitario, a demandar os campos e as selvas, a cantar a vida campesina, a indole caracteristica do poeta. Elle era dotado, alem do poder descriptivo, de outras faculdades preciosas que lhe integram o merecimento. Subtil nas phantasias, vibrava tambem perante o mundo real; devoto á natureza, seduziam-lhe simultaneamente os estados psicologicos, os sentimentos e idéas abstractas; as scenas do sertão despertavam-lhe impressões identicas aos motivos da vida urbana. Assim como produziu as obras citadas, compoz outrosim os "Cantos religiosos", "Anchieta" e o poemeto "Diario de Lazaro".

Os pezares que soffreu, a perda da companheira querida e do idolatrado filhinho, lhe incutiram o lyrismo selvagem, a predilecção pelo deserto, a contemplar florestas e veigas, a amplidão celeste e o horizonte sem fim. Emprestando-lhe ainda o sentimento religioso e as concepções dramaticas.

"Diario de Lazaro", esse poema inspirado na dôr humana, como o foram a "Alma de Lazaro" de Alencar e o "Leproso de Aosta", de Xavier de Maistre, symboliza o seu estado d'alma, a curtir magoas e chorar de saudade.

De todos os seus criticos, o que menos o comprehendeu foi certamente José Verissimo; poz em duvida o seu merito proporcional á fama adquirida, salientou no poeta escassez de cultura, de imaginação e até de



pensamento, provocando justo protesto da irmã, Ernestina Fagundes Varella.

Está, semelhante juízo, em contraste com os de Syvio Romero, Franklin Tavora e Alberto de Oliveira, sendo que os dous ultimos, apesar de reconhecerem defeitos de fórma e imperfeições de esthetica, não lhe negam o devido valor e externam enthusiasmo pelo desventurado poeta fluminense.

Era, Luiz Nicoláo Fagundes Varella, filho legitimo do Dr. Emiliano Fagundes Varella e D. Emilia de Andrade que tiveram 17 filhos. Nasceu na freguezia de N. S. da Piedade, mais tarde villa do Rio Claro, provincia do Rio de Janeiro, a 17 de Agosto de 1841.

Recebeu o ensino primario do professor José de Souza Lima, em Angra dos Reis. Com a idade de 11 annos teve de acompanhar o pae em penosa e fatigante viagem para Catalão, em Goyaz, onde o progenitor fôra exercer o cargo de juiz. Ahi iniciou-se no estudo do latim e manifestou-se o seu talento poetico. Regressou poucos annos depois, fôi matriculado em um collegio de Petropolis, dirigido pelo professor Jacintho Augusto de Mattos, e continuou os estudos preparatorios em Nictheroy.

O professor de philosophia, um desembargador aposentado, contrariava-lhe a vocação poetica, dissuadindo-o de proseguir na mania. Fagundes Varella, para certificar-se do erro do prognostico, compoz duas oitavas e subscreveu-as com o nome de Camões e copiou outras dos Lusíadas, assignando-as. Interpellado o mestre, verificou-se o que esperava o astucioso alumno, proferiu a sentença condemnando os versos legitimos de Camões e louvando os do discipulo.

Em 1860 transferiu-se para São Paulo onde completou o curso de humanidades e matriculou-se dous annos depois na Faculdade de Direito e ahi despertou a mais viva sympathia, pela sua vocação poetica e pelas habilidades que manifestava em relação ao desenho, á musica e á arte de declamação.

Apaixonou-se pela formosa Alice, filha de Alexandre Loande, empresario de uma companhia equestre, e desposou-a no seu primeiro anno de curso juridico.

Da união veio-lhe o filho Emiliano, fallecido, com poucos mezes de idade, em fins de 1863.

Já se habituara elle á vida desregrada de bohemio e contrahira o vicio da intemperança com máos companheiros.

Perdeu o primeiro anno, cujos exames prestou em 1863, e logrou terminar a 2.^a serie juridica no anno immediato.

Para afastal-o do meio e suavizar-lhe a dôr cruciante com a perda do filho, deliberou o pae removel-o para a Faculdade de Recife. E a 24 de Fevereiro de 1865 partiu no vapor Béarn, deixando a esposa enferma ao lado dos paes, em Rio Claro.

Victima de um naufragio, interrompeu a viagem na Bahia, depois de soccorrer os companheiros.



Em Recife continuou a vida irregular a que se habituara, e pouco se demorou, por haver recebido a infausta noticia do fallecimento de D. Alice. Abandonou os estudos e procurou o convivio da familia.

Contrahiu segundas nupcias com D. Maria Belisaria de Brito Lambert, sua prima, que não lhe modificou as tendencias para o isolamento, a observar as maravilhas da natureza, nem mesmo depois do nascimento dos tres filhos: Ruth, Lelia e Emiliano.

A minuciosa biographia redigida pelo distincto escriptor Ramiz Galvão, o mais completo trabalho sobre o poeta fluminense, fornece muitos detalhes sobre a vida infeliz do autor do "Cantico do Calvario".

Vendida a propriedade dos avós, a fazenda de Santa Rita, situada em Rio Claro, transferiu-se Fagundes Varella, acompanhando o pae, para S. João Marcos onde contrahiu solida amizade com José Anfriso de Sá. Ahí começou a escrever o poema "Anchieta".

Em 1871, sem abandonar o Dr. Emiliano, fixou residencia definitiva em Nictheroy onde terminou a obra encetada, longe dos encantos das florestas e da vida sertaneja que tanto o seduziam.

Começou a frequentar os meios litterarios do Rio e da Capital fluminense, na *republica* da rua de Santo Amaro, de que eram visitantes assiduos Mello Moraes Filho, Arthur de Oliveira, João Julio dos Santos e outros; ou reuniam-se no *Café de Londres*, á rua do Ouvidor. Em Nictheroy eram seus companheiros predilectos os Marianos, irmãos do poeta Alberto de Oliveira, e então foi apresentado a Lucio de Mendonça que lhe dedicou um artigo publicado na *Gazetinha* de Arthur Azevedo.

Contou como amigos Ferreira de Menezes, seu collega em Angra, Victoriano Palhares em Recife, o Barão do Rio Branco, collega de anno em S. Paulo, e foi contemporaneo, na academia, de Xavier da Silveira, Candido de Oliveira, José Carlos Rodrigues e Ubaldino do Amaral.

Em S. Domingos (Nictheroy) conquistou dous amigos, o negociante sr. Eduardo Araujo e a respectiva consorte D. Leocadia, que lhe dispensavam carinhos de paes. Foi na residencia desse casal feliz que, em 1875, recitou o seu canto do cysne, uma poesia de saudação a D. Leocadia que festejava o anniversario natalicio. Esses versos foram, depois de sua morte, confiados por Octaviano Hudson, outro amigo do poeta, á familia Araujo que os offereceu aos remanescentes da familia Fagundes Varella.

Ao terminar o banquete, sahiu o poeta, arrostando o tempo inclemente; foi accommettido do primeiro insulto apopletico e em casa do pae falleceu a 18 de Fevereiro.

Diz Sacramento Blake: "Seus derradeiros momentos foram os de um justo: despediu-se das pessoas presentes, beijou a mão de seus paes que junto d'elle choravam, osculou a imagem de Christo, a quem consagrara os ultimos accordes de sua lyra, estendeu-se no leito, fechou os olhos e exhalou o ultimo suspiro de vida".



Acha-se o seu tumulo no cemiterio de Maruhi, em um mausoléu construido por Ludovico Berna, onze annos depois.

A imprensa da epoca, principalmente "O Globo", rendeu-lhe merecidas homenagens.

Graças á iniciativa de Affonso Celso, Martins Junior, Xavier da Silveira, Raymundo Corrêa, Leoncio Corrêa, Osorio Duque Estrada e outros, foi o esculptor R. Bernardelli incumbido de preparar a herma, inaugurada em Petropolis, a 1. de Novembro de 1902, em presença de Quintino Bocayuva, então presidente do Estado.

De outras homenagens semelhantes é credora a memoria do suave poeta que soube amar os entes caros e a Natureza, com a mesma sinceridade com que compoz os seus versos simples e expontaneos.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Primeira phase — Os prenuncios do poeta — O bohemio em S. Paulo — Na Faculdade de Recife — Os infortunios e os desesperos — Isolamento e tristeza — Versos do periodo academico — As elegias — Manifestação do solitario — As ultimas producções — Posição e influencia de Varella na poesia brasileira — O valor de sua obra — Apreciação dos criticos — Os derradeiros momentos — Homenagens posthumas.



LUCIO DE MENDONÇA

*Fundador da cadeira n.
11. Nasceu em Barra do
Pirahy, Estado do Rio de
Janeiro, na fazenda do
Morro Grnade, a 10 de
Março de 1854 e falleceu
em 23 de Novembro de
1909.*

BIBLIOGRAPHIA

- 1 A CAMISA DO CRUZADO — legenda traduzida do francez — e MARINHEIROS — poesia-conto — folheto de 24 pags. — S. Paulo, edição do Ypiranga — 1869, (exgottado).

- * 2 NEVOAS MATUTINAS — poesias — (Carta de Machado de Assis) 121 pags.—Rio, Frederico Thompson—1872, (exgottado).
- * 3 ALVORADAS — 1870-71 — X — 159 — XI pags. — Rio, B. L. Garnier — 1875, (exgottado).
- * 4 O MARIDO DA ADULTERA — romance — 189 pags. — edição do Colombo — Minas, Campanha — Typ. M. de Oliveira 1882, (exgottado).
- * 5 O ESCANDALO — pamphletos ns. 1 a 5 — (coll. com Valentim Magalhães) 20, 16, 16, 16, 16, pags. — Rio, Typ. J. Assis Climaco dos Reis — 1888. Ha 3 edições exgottadas. Foram depois publicados na “Gazeta da Tarde” e na “Rua”.
- * 6 VERGASTAS — poesias — 94 pags. — Rio, Typ. Carlos Gaspar da Silva — 1889, (exgottado).
- * 7 ESBOÇOS E PERFIS — contos — proemio de Salvador de Mendonça — 284 pags. — Rio, Typ. H. Lombaerts & Cia. — 1889, (exgottado) 2.ª ed. Alves, 1902.
- * 8 LICÇÕES DE POLITICA POSITIVA de Lastarria — trad. — 422 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1893.
- * 9 CANÇÕES DO OUTOMNO — poesias — prefacio de Araripe Junior — 133 pags. — Coimbra, Typ. França Amado — 1886.
- * 10 ESTUDOS DE DIREITO CONSTITUCIONAL de Boutmy — traducção — (prefacio) Rio, Francisco Alves & Cia. 1.ª edição — 1895.
- * 11 RECURSO EXTRAORDINARIO — 65 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1896.
- * 12 HORAS DO BOM TEMPO — memoriaes e phantasias — 319 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1901, (exgottado).
- * 13 MURMURIOS E CLAMORES — poesias — (Nevoas matutinas — Alvoradas — Vergastas — Visões do abysmo — Canções do outomno — Musa peregrina) 338 pags. — Rio, H. Garnier — 1902.
- * 14 PAGINAS JURIDICAS — estudos, pareceres e decisões — 273 pags. — Rio, H. Garnier — 1903, (exgottado).
- * 15 A CAMINHO — propaganda republicana — 444 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1905, (exgottado).

Deixou incompleto, escripto em 1907, o romance à clef *O Estouvado*, sobre os primeiros annos da Republica, e escreveu o prefacio do primeiro livro de versos de Julia Cortines.

Redigiu, no tempo de estudante, *A Aurora Fluminense* (1865); *A Thesoura* (1865); *A Borboleta*; *O Rebate* (1874) S. Paulo; *A Republica* (orgão do Club Republicano Academico) S. Paulo — 1877; collaborou

NOTA — Os livros e folhetos precedidos do signal (*) fazem parte integrante da minha bibliotheca.



no *Globo*, *Planeta do Sul*, *Chrisalida*, *União*, no *Omnibus* e na *Provincia de S. Paulo* (1875-77); escreveu no *Colombo* de Campanha (1879-1885), *Diario de Minas* de Juiz de F6ra (1889), no *Pharol* de Juiz de F6ra; *Mosquito*; *Colibri*; *A Quinzena*; *Republica* do Rio onde escrevia a secção "De sabbado a sabbado", *Diario do Commercio*; *Tribuna Liberal* (1887); *Diario Popular* (1895); na *Semana* de Valentim Magalhães (1.ª e 2.ª phases); na *Estação*; *Jornal do Brasil*; *O Paiz* (1888); *A Tribuna* (1897-1900); *Gazeta de Noticias* (1888); *A Gazetinha* de Arthur Azevedo; na *Revista Brasileira* (3.ª phase): Extinção do cargo de vice-presidente, tomo XIV pag. 238, Guilmar, tomo XV, pag. 5; *O Album*; na *Revista de Jurisprudencia*: Limitações do habeas-corpus; na *Renascença*; no *Almanack Garnier*: (1903) Muquita (conto), (1905): Pleno céo, trad. da poesia de V Hugo, Dialogo (poesia), (1907): As tres Julias, Ave Marieta (soneto); na *Revista do Supremo Tribunal*; *A Rua* (1889); *A Revolução* (1889); *Diario Mercantil*; *Kosmos*; *O Vas-sourense*; *A Noticia* (1895); *Folha Nova* (1905).

Encontram-se trabalhos seus nos *Annaes do Congresso Juridico Americano*: Direito publico (dissertação) e na *Revista do Brasil*: versos a Antonio Salles in Alguns autographos, n.º 32 (1)

Ha reproducção photographica na Bibliotheca dos Autores Celebres, Littérature brésilienne de V. Orban, nos Murmuriros e Clamores, no Almanack Garnier, etc.

FONTES PARA UM ESTUDO CRITICO

- 1 *Araripe Junior* — Movimento litterario de 1893, pag. 163.
- " " — A poesia lyrica, prefacio das Canções do outomno.
- 2 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira, vol. IV pag. 285 e vol. V pag. 109.
- " " — Revista Litteraria do "Jornal do Commercio".
- " " — "Revista Brasileira" (3.ª phase) vol. 9 pag. 316.
- " " — Discurso na inauguração.
- 3 *Sylvio Romero* — Livro do Centenario — vol. I — pag. 93.
- " " — Quadro synthetico da evolução dos generos.
- 4 *Machado de Assis* — Critica — pag. 215. (carta nas Nevoas Matutinas).
- 5 *Valentim Magalhães* — Escriptores e escriptos, Litteratura brasileira e Tribuna Liberal (1887).
- 6 *Ruy Barbosa* — Dous artigos na Imprensa, 1900.
- 7 *Luiz Serra* (Tragaldabas) — Ao acaso — "Gazeta de Noticias" — 1877.

(1) E' desenvolvida a relação dos seus escriptos não reunidos em volumes.



- 8 *Assis Brasil* — “O Bohemio” (S. Paulo) — 1881.
- 9 *Luiz Murat* — “A Rua” — 1889.
- 10 *Ferreira de Araujo* — A’s quintas — “Gazeta de Noticias — 1895.
- 11 *Carlos de Laet* (Cosme Peixoto) — Chronica — 1895.
- 12 *Pedro Lessa* — Discurso (elogio na Academia) n.º 6 da Revista da Academia.
- 13 *Souza Bandeira* — Discurso, n.º 9 da Revista da Academia.
- 14 *Salvador de Mendonça* — Proemio dos Esboços e perfis.
 ” ” ” — Versos a Lucio—Revista da Academia.
- 15 *Rodrigo Octavio* — Revista Brasileira (3.ª phase) vol. 7 pag. 202.
- 16 *Victor Orban* — Littérature brésilienne pag. 229.
- 17 *Felix Pacheco* — Discurso na Academia — “Jornal do Commercio 24-7-920.
- 18 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915.
- 19 *Eugenio Werneck* — Anthologia Brasileira pag. 136.
- 20 *Almanack Garnier* — (1908) pag. 139.
- 21 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 22 *Filinto de Almeida* — Pagina de Saudade lida na Academia — 1920.
 ” ” ” — Diario do Commercio (1889) e Discurso no tumulo (1909).
- 23 *Rodrigo Octavio* — Reminiscencias lidas na Academia — 1920.
- 24 *Medeiros e Albuquerque* — Recordações lidas na Academia — 1920.
 ” ” ” — Chronica litteraria — “A Noticia” — 1901 e 1903.
- 25 *Carlos Ferreira* — Névoas Matutinas—“Correio do Brasil”—1872.
- 26 *Miranda de Azevedo* — Rev. do Centro Academico de S. Paulo—1872.
- 27 *Felix Ferreira* — A poesia na Côte—Archivo Contemporaneo—1872.
- 28 *Mello Moraes* — Revista Brasileira — Echo Americano — Londres — 1872.
- 29 *Evaristo Marinho* — Névoas Matutinas — S. Paulo — 1872.
- 30 *A. Carlos de Almeida* — Retrospecto litterario de 1875 — Paulista, Taubaté -- 1875.
 ” ” ” ” — Lucio de Mendonça — Provincia de S. Paulo — 1875.
- 31 *Manoel Carneiro* — Alvoradas — “Mosquito” — 1875.
- 32 *Gaspar da Silva* — Alvoradas — “Diario de Campinas — 1876.
- 33 *Brasílio Machado* — Alvoradas “Tribuna Liberal” — 1876.
- 34 *Carlos França* — Retr. Lit. da Acad. de S. Paulo — “A Consciencia — 1876.
- 35 *Dunshee de Abranches* — Critica litteraria — 1897.
- 36 *Constancio Alves* — Dia a dia — “Jornal do Commercio” — 1897.
- 37 *Raymundo Corrêa* — Lucio de Mendonça — “A Semana” — 1887.
- 38 *Sylvio de Almeida* — Divagações.
- 39 *Alcindo Guanabara* — “Correio Paulistano” — 1907.
- 40 *Pedro Moacyr* — Discurso na Camara sobre aposentadoria — 1907.



- 41 *Francisco Glycerio* — Discurso no Senado — 1909.
42 *Jackson de Figueiredo* — Notas — Brasileia.
43 *Almanack Garnier* — 1907.
44 *Max Fleiuss* — A Semana e Paginas Brasileiras.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Merece destaque especial a sua funcção de creador ou fundador da Academia Brasileira de Letras que lhe prestou a homenagem de um busto de bronze inaugurado no salão do Syllogeio.

Lucio distinguiu-se como poeta, jornalista, prosador e jurista.

A sua obra reflecte as manifestações do seu talento privilegiado. Como poeta deixou "Marinheiros", "Nevoas matutinas", "Alvoradas", "Ver-gastas", "Canções do outomno", "Visões do abysmo" e "Murmurios e clamores", edição esta que reúne os livros anteriores e encerra a "Musa peregrina". Do prosador ficaram "O marido da adúltera" (romance), "Escoços e perfis" (contos) e "Horas do bom tempo" (contos e phantasias). Ha ainda esparsos pelos jornaes, exigindo a collecção em volumes, — homenagem que certamente o seu filho prestará á sua memoria —, variada materia para dous ou tres volumes: artigos de critica, humorismos, phantasias, chronicas e outras producções. A obra do jornalista merece tambem ser colligida em livros, como fez o autor em "A caminho", onde reuniu os artigos de propaganda republicana, publicados no "Colombo", em "O Escandalo" e no "Diario de Minas". Do jurista ficaram as traducções das "Licções de politica positiva" de Lastarria e os "Estudos de direito constitucional" de Boutmy, o "Recurso extraordinario", as "Paginas juridicas" e os artigos, decisões, memorias e pareceres insertos em revistas de jurisprudencia.

Na sua estreia (1) revelou a tristeza caracteristica da geração romantica, a lastimar-se e assumindo a attitudo de um velho a rememorar o passado. As suas poesias de amor são lacrimosas e a lyra tange accordes elegiacos, em falso tom de scepticismo. Deixou, porém, antever a feição social ou politica de sua musa, em alguns ensaios. No segundo livro accentua-se a tendencia de propaganda republicana, ao lado de versos de amor, impregnados de nostalgia artificial, a evocar saudades aos vinte annos. Para a primeira collecção escolheu o titulo "Nevoas", censurado por Machado de Assis, si bem que realmente envolvesse o pensamento na bruma das falsas amarguras. O segundo baptisou com luminoso nome, mas no prefacio objectou que as "Alvoradas" não têm "a luz, nem as harmonias do amanhecer... Serão como as madrugadas chuvosas, desconsoladas, mudas e monotonas".

(1) Demonstrou precocidade notavel, pois as suas primeiras producções datam de 1869, quando contava 15 annos e aos 11 já escrevia em periodicos de collegias.



Deixa-se inspirar por Lamartine, Byron e Musset e traduz composições de Uhland e Heine. Mas os seus mestres, na poesia brasileira, são Alvares de Azevedo, F. Varella e Casimiro de Abreu.

A musa cívica é oriunda de Victor Hugo e Castro Alves. Em "Vergastas" é incendiado, entusiasmado e irreverente. Prega a Republica, o seu sonho; estigmatiza o antigo regimen e combate a realeza; derroca o clericalismo, como o fizera Guerra Junqueiro. E' o mesmo espirito combativo do intrepido jornalista.

O poeta é sincero em "Vergastas", porque reflecte o entusiasmo juvenil, na tuba heroica vibrada pelo seu systema nervoso, em irradiações de ideias e pensamentos.

Chega-lhe a phase do amor e surgem as "Canções do outomno". Elle que havia dedicado as "Alvoradas" aos dous idolos da mocidade — a mulher e a republica — consagra o ultimo á noiva e deixa transparecer a sinceridade do sentimento, inteiramente devotado ao culto affectivo. Já não é triste nem bellicoso; perde o dithyrambo do sensualismo e reveste a musa da alegria casta dos que sentem a alma enamorada e isenta de maculas do peccado.

No Iyrismo melancolico e sentimental, do genero *lamartineano*, não se distingue o poeta entre contemporaneos e antecessores. E' inspirado e simples, commove algumas vezes, mas trivial e sem arroubo de pensamento ou perfeição na forma.

Na poesia de combate (como se casam mal estes vocabulos!), traduzindo themas politicos e sociaes, Lucio deixou o traço caracteristico do seu temperamento combativo. As "Vergastas" e "Visões do abysmo" emanam de "Les châtiments", na parte politica, e da "Velhice do padre eterno", no espirito irreligioso; são vehementes, energicas e demolidoras. Traduzem os sentimentos ardorosos da mocidade e as satyras irreverentes dos incredulos e revolucionarios. Si se coadunam com o seu feito de jornalista e a sua intransigencia de politico, destoam do seu caracter pleno de bondade e de sua alma simples e impregnada de doçura e carinho.

"Musa peregrina" reúne as traducções que elle fez dos poetas predilectos.

O romancista apresentou um unico ensaio, subordinado ao genero de these, tão explorado por Dumas Filho. "O marido da adúltera" é a contradicta de "L'affaire Clémenceau". São antipodas os pontos de vista, pois Dumas apresenta como solução a morte da adúltera pelo ultrajado e Lucio de Mendonça sustenta que o marido deve expiar o crime da mulher por elle mal escolhida ou mal educada, para não soffrer a vergonha de sua deshonra.

Escrepto no estylo epistolar como a "Nouvelle Heloïse" de Rousseau e outros muitos, pecca pela incongruencia da these, embora revele habi-



lidade de autor. Não passa de uma tentativa cuja reincidência poderia aprimorar as qualidades reveladas pelo escriptor. (2)

Nos contos tem elle melhor attestados do prosador, principalmente em alguns que integram as "Horas do bom tempo", como "Fio reatado", "Guilmar", "Defunto alegria", "Luiz da Serra" e outros que evocam a capacidade especial de Guy de Maupassant.

Tambem em "Esboços e perfis" ha contos de intensidade dramatica, como "João Mandy" e outros de caracter regionalista. Mas a nota predominante é a humoristica; são contos leves, memorias do tempo alegre da mocidade, a narrar episodios da vida de estudante, á maneira de Murger. Essas memorias ou recordações suaves das "Horas do bom tempo" nos fazem sorrir e chorar simultaneamente, a evocar tempos que não voltam mais.

Apezar dos moldes despretenciosos dos seus contos, de que alguns aliás se destacam pela capacidade emotiva, sente-se que a vocação de Lucio de Mendonça, na carreira litteraria, era para explorar, com maior pertinacia, o genero favorito de Maupassant.

Do jornalista, a sua feição mais accentuada, além da lembrança de sua actividade na imprensa, veio até nós, no livro "A caminho", a campanha sem tregos nem desfallecimentos que desenvolveu em prol do advento do regimen republicano. A republica constituiu o ardente sonho de seu espirito revoltado. Proclamada a democracia no Brasil, volveu a sua actividade para a defesa do nacionalismo e da estabilidade da nova forma de governo. A serviço dessa causa traduziu os "Estudos de direito constitucional" de Boutmy e as "Licções de politica positiva" de Lassarria.

Era orador sobrio, o que não excluia a vehemencia caracteristica do seu temperamento.

Na qualidade de jurisconsulto e advogado deixou a obra disseminada em revistas e razões forenses. Apenas colligiu nas "Paginas juridicas" alguns estudos de caracter mais geral, pareceres syntheticos e concisos, e decisões do magistrado.

Lucio Drumond Furtado de Mendonça era filho de Salvador Furtado de Mendonça e D. Amalia Drumond de Mendonça, irmão de Salvador de Mendonça. Nasceu a 10 de Março de 1854 no municipio de Pirahy, fazenda do Morro Grande. (3) Terminado o curso preparatorio, matriculou-se em 1871 na Faculdade de Direito de S. Paulo onde deixou bom renome, quer como estudante, quer como poeta e jornalista, bacha-

(2) Deixou sete capitulos do romance "O estouvado", interrompido pela approximação da cegueira e da morte. A sua ultima producção, por elle dictada á familia, é a poesia "Steeple-chase", dolorosa referencia á extincção da vista.

(3) Orphão de pae, desde muito cedo, foi obrigado a passar a sua infancia em varias localidades das provincias do Rio e Minas. Em S. Paulo cursou, como interno, o Collegio Pimentel onde, com a idade de 11 annos, redigiu um semanario manuscripto: "Aurora Fluminense". Mais tarde transferiu-se para o Rio, matriculando-se no Collegio do Padre Guedes. Ao seu irmão Salvador deveu, aliás, o melhor de sua instrucção secundaria.

relando-se a 27 de Novembro de 1877. Perdeu dous annos, por haver tomado parte na *revolução academica*.

Exerceu os cargos de promotor publico e curador de orphãos de Itaboraahy, em 1878, inspector de instrucção publica nas provincias de Minas Geraes e Rio de Janeiro, vereador e presidente da Camara Municipal de S. Gonçalo do Sapucahy, secretario do Ministro da Justiça do Governo Provisorio, curador fiscal das massas fallidas do Districto Federal, director da Secretaria da Justiça, fiscal das Faculdades de Direito do Rio, vogal do Conservatorio Dramatico, Ministro do Supremo Tribunal Federal, em 24 de Março de 1895, e procurador geral da Republica, durante a presidencia de Prudente de Moraes, Manoel Victorino e Campos Salles. Aposentou-se a 17 de Outubro de 1907.

Advogou nos municipios de Campanha, Valença e no fôro de outras cidades.

Foi o iniciador da ideia de se fundar a Academia Brasileira de Letras, membro honorario da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Ayres e do Centro de Sciencias Sociaes e Juridicas da mesma cidade, de varias associações litterarias e scientificas brasileiras.

Caracter complexo, em que se mesclavam o espirito revolucionario e a extrema bondade do coração, as irreverencias religiosas de atheu e a caridade feminina, o demagogo propagandista e demolidor e o juiz integro, apresentava Lucio de Mendonça qualidades apreciadas por seus amigos.

Redigia com extrema facilidade; exigia, entretanto, silencio nas immediações do seu gabinete de trabalho. (4)

A sua feição mais original foi a do jornalista franco, leal e corajoso que nunca fugiu á oportunidade de uma polemica nem poupou o adversario, fosse quem fosse.

D. Pedro II soffreu o seu ataque impetuoso e injusto. Na historia da Academia é conhecida a discussão que elle manteve com Garcia Redondo, a proposito da escolha que o ultimo fez, do nome de Gonçalves Crespo como patrono de sua cadeira. O nativismo de Lucio de Mendonça, a sua exteriorização de jacobino, não supportou a preferencia, por haver o poeta das "Miniaturas" vivido em Portugal.

Tambem é curiosa a exposição, feita por Felix Pacheco, do incidente entre o ministro do Supremo Tribunal e o jornalista estreiante do "Debate", estendendo-a a Constancio Alves, a proposito de uns versos humoristicos de Francisco de Castro, sob o pseudonymo de Luciano de Mendazza. Suppuzeram que o autor fosse Lucio, incapaz de render homenagens a Prudente de Moraes, e o ministro, attribuindo a pilheria a Felix Pacheco, atacou-o a fundo, sem guardar a compostura do seu cargo, porquanto a combatividade de Lucio, analoga a de Castello Branco, não encontrava barreiras.

(4) Costumava passar as ferias forenses em Therezopolis onde se lhe aguçava a vontade de produzir e era estimulada a sua inspiração.



E' difficil conceber que Lucio de Mendonça fosse um magistrado correcto, conhecido o seu temperamento irrequieto; mas na realidade o foi, porque o seu character impolluto, a sua honra respeitada por todos e o seu espirito recto de justiça, qualidades essenciaes ao homem, em qualquer emergencia da vida, eclipsaram qualquer defeito que porventura tivesse o magistrado, mesmo a paixão politica de que foi acoimado, ou a neurasthenia que lhe determinou largas interrupções de trabalho. (5)

Devemos, os brasileiros, render homenagem ao cidadão prestadio e patriota e ao escriptor de muitas qualidades, fallecido a 23 de Novembro de 1909.

Já recebeu a da Academia, com o busto de bronze e a sessão em sua memoria; da Municipalidade do Rio que deu a uma rua o seu nome; dos litteratos fluminenses que o escolheram como patrono de uma das cadeiras da Academia Fluminense; de seu berço natal que fundou o "Gremio Lucio de Mendonça" e pretende erigir a sua herma em um jardim (semelhante homenagem pretende prestar-lhe Therezopolis). A Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo vae promover uma conferencia a cargo de Veiga Miranda.

Falta agora a da familia que deve cuidar da reedição de suas obras exgotadas e reunião em volumes dos seus escriptos de polemica juridica e politica, critica litteraria e outros artigos esquecidos nas columnas dos jornaes.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Periodo de formação — O estudante jornalista — O poeta adolescente — Lyrismo melancholico — Alvoradas — Musa social — As Canções do outomno — Edição definitiva das obras poeticas — O romance de these — Os contos — Memorias da juventude — O jornalista — Phase de propaganda — O advogado e o juiz — Temperamento combativo — Perfil moral — A funcção do escriptor em nosso meio litterario — A fundação da Academia — Commemoração.

ARTHUR MOTTA

(5) Os ultimos doze annos de labor foram absorvidos pelo estudo de *autos* e as occupações absorventes de seu cargo no Supremo Tribunal Federal. Era madrugador e trabalhava de preferencia ao despertar.





CONCURSOS LITERARIOS

A Academia B. de Letras abriu varios concursos deste genero, para os quaes chamamos a attenção do leitor.

Obras ineditas

Academia Brasileira torna publico que estão abertas até 31 de dezembro proximo, as inscrições para o concurso de obras ineditas aos premios literarios do corrente anno, os quaes serão distribuidos em 20 de julho de 1921.

São os seguintes:

I — Premio de poesia (liberdade de genero); a composição ou composições deverão ter no minimo 500 versos: 2:000\$000;

II — Premio de romance: 2:000\$000;

III — Premio de novellas, contos e obras menores de ficção (allegorias, fantasias, etc): 2:000\$000;

IV — Premio de theatro (tragedia, drama, alta comedia, em prosa ou verso): 2:000\$000;

V — Premio de erudição (critica, historia, philosophia, philologia, e ethnographia): 2:000\$000.

Os originaes deverão ser apresentados em manuscripto legivel, dactylographados ou já impressos, mas, neste caso, não divulgados, constituindo motivo de nullidade a inobservancia desta condição.

Devem ser os originaes assignados por pseudonimo com indicação externa de seu destino; em envolvero fechado virá o nome do autor e seu endereço.

As commissões julgadoras serão opportunamente sorteadas entre os membros da Academia presentes no Rio de Janeiro.

Obras Publicadas

A Academia Brasileira torna publico que está aberta até 31 de dezembro proximo, a inscrição para o concurso ao premio annual denominado "ACADEMIA BRASILEIRA" (a ser concedido á melhor obra de autor brasileiro publicada em 1919, que mais se distinga por originalidade de concepção e excellencia de linguagem e estylo e pela boa influencia que possa ter na literatura nacional.

Os autores deverão entregar á secretaria da Academia pelo menos dez exemplares da obra, no acto da inscrição.

A commissão julgadora do Concurso será opportunamente sorteada dentre os membros da Academia presentes no Rio de Janeiro.



Concurso para os premios "FRANCISCO ALVES"

Está correndo desde o dia 1 de janeiro do anno corrente o prazo do concurso aberto pela Academia Brasileira de Letras para a instituição dos premios "Francisco Alves".

São as seguintes as bases do concurso, publicadas no "Jornal do Commercio" de 3 de janeiro:

Art. 1.º — Ficam instituidos:

a) — um 1.º premio de 10:000\$000; um 2.º premio de 5:000\$; um 3.º premio de 3:000\$000 destinados aos autores nacionaes ou estrangeiros, das tres melhores obras sobre a lingua portugueza;

b) — um 1.º premio de 10:000\$000; um 2.º premio de 5:000\$; um 3.º premio de 3:000\$000 destinados aos autores, brasileiros, das tres melhores obras sobre divulgação do ensino primario no Brasil.

Art. 2.º — A distribuição destes premios será feita, em sessão solemne, no dia 7 de setembro de 1921.

Art. 3.º — O concurso comprehende as obras publicadas no periodo de 1 de janeiro de 1920 a 31 de março de 1921, só sendo aceitas as que tiverem a fórma de livro e em primeira edição.

Art. 4.º — E' condição preliminar para admissão ao concurso a declaração do autor, por meio de carta ao chefe da secretaria, de que deseja concorrer aos premios.

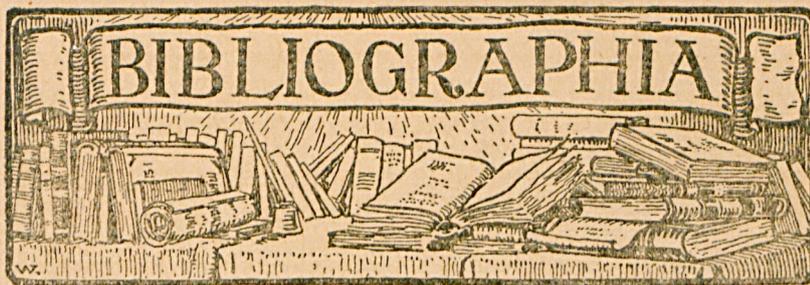
Art. 5.º — O autor concorrente deverá remetter á secretaria 10 exemplares, impressos, da obra ou obras com que concorer.

Art. 6.º — O prazo para a entrada desses exemplares, na dita secretaria, terminará irrevogavelmente no dia 31 de março de 1921.

Art. 7.º — As commissões julgadoras, sorteadas na ultima sessão ordinaria de 1920 entre os academicos presentes no Rio, serão de 5 membros, sendo permitida a excusa motivada, aos academicos designados pela sorte.

Art. 8.º — E' fixado a essas commissões o prazo de 31 de março a 31 de agosto de 1921 para o desempenho da sua incumbencia.





POR

BRENNO FERAZ

SOROR DOLOROSA. — *Guilherme de Almeida.* — Edição da "Revista do Brasil" — S. Paulo — 1920.

Quando havia conventos e eram possíveis as monjas, uma existiu que se chamou, para maior poesia e maior gaudío nosso, Soror Dolorosa, "a que morreu de amor." Existiu, decerto. Foi bella e soffreu. Foi santa e amou. Foi mulher e morreu. Della não nos dizem as chronicas, nem as lendas, nem as tradições. Mas, figura-a o poeta e é quanto basta. Elle, o verdadeiro historiador. Interprete das almas e dos tempos, se aprofunda no intimo da gente, se mergulha entre as éras e entesta com os monumentos submersos das edades, é para restaurar as almas e as cousas, a que empresta vida nova e novo encanto. O que nos conta é a verdade. O que crêa existe. Atravessando um temperamento ao nascer, a phantasia, se pode viver nelle, é porque viveu na realidade, anonyma embora...

Soror Dolorosa existiu, pois. Resta-nos della o **Livro de horas**, em que recolheu as orações pagans dos seus momentos de desespero e as preces mysticas de suas horas de consolação. Poema fragmentario, inscripto a character em descosidas paginas, colligiram-no agora em precioso alfarrabio. Impregna-lhe o texto estranha fragrançia. E' uma reliquia, a reliquia de uma santa. Paginas escassas as do antigo "quaderno", que os annos carcomeram, mais escassas com a illuminura á margem, do manuscripto irregular transbordam os versos, cuja poesia, no ardor da inspiração viva e premente, não coube senão em linhas quebradas. Acima — chancellada da casa — uma epigrapha latina; ao fim da lauda — caracterisação do seu tempo — uma syllaba de chamada... Não o desejaria melhor apaixonado paleographo.

Num livro assim, Guilherme de Almeida deixa falar uma alma medieval. E' um typo verdadeiro, que se não limita en-

tre os extremos de uma Santa Thereza, em sua ebridez de amor divino e os anceios sensuaes de uma Sulamita, ambas, aliás, tão irmãs nos seus transes. Sorror Dolorosa não se define. E', de seu natural, indecisa, porque inconsciente. Entre mulher e semi-sacerdotiza, embala-se-lhe a vida intima que é o seu destino. Os impulsos da fé e do instincto não se entrechocam: resvalam-se, amoldam-se, confundem-se, entresachados. Não ha inclinal-a para aqui ou para alli. Ingenua e innocente, parecerá sacrilega e, todavia, é uma santa. Fructo da vida que sazou no morno ambiente da religiosidade christã, propicia a equilibrar todas as incoherencias psychologicas, é ella mesma, quando muito, uma doce blasphemia.

Não avancem mais os juizos ligeiros. Provavelmente, trãe o véo mystico uma pujante sensualidade. Mas, assim velada, não importa.

*

Para os effeitos de tão bella criação, encontrou o victorioso poeta de Messidor a poesia hoje em voga, toda liberdade e imprecisões, simpleza verbal complicada de complexidades de intenção, bagatellas poeticas e cinematographia literaria, tudo muito cabivel nos moldes pretraçados, afóra certos excessos. A impressão de encanto, que nos communica, não vem sem intempetivos desencantamentos,

abalos inesperados e quédas subitas...

O byroniano spleen, impossivel na epoca e insolito em labios de monja, á força de insistencia toma proporções desabuadas. Assim, umas "loucuras assobiadas", umas "pontas dos braços", um "amor que põe brotos, como o lotus, á flor do lago espiritual" e mil outras imagens e figuras, que são arrojos barbaros, quinquilharias desconcertadas, partidas e colladas ao acaso, o gesso a brigar com o marmore e o ouro com o barro, numa promiscuidade e hybridismo lamentaveis... Phantastico bric-a-brac, ás vezes.

As "Estancias" são como esta:

"Breve é o prazer; a dor é eterna.
[Quem não ha de
Querer provar a sensação da eter-
[nidade?"]

Como poesia é pouco menos que esboço. De resto, desassombrado, sophisma.

Uma charada:

"Talvez... Quem sabe?" — E soffro. E abatida e descrente, entrando em tua alma pelo teu [olhar, começo a procurar desesperadamente uma cousa qualquer que não posso [encontrar."

As estancias **Sobre o orgulho** e **Sobre a pureza**, prosaica uma, outra vazia, têm por si a feição biblica. Falta-lhes qualquer coisa... O cunho idiomatico de uma expressão? A ideia feliz? A textura do pensamento menos vulgar?...



O facto é que outras se tole-
ram:

SOBRE O AMOR

Meu amor fel-o rei. Depois a mi-
[nha historia
foi a de todas: no esplendor que
[o deslumbrava,
esqueceu-me — esqueceu que tinha
[o throno e a gloria
no coração da escrava.

Exprime-se bem claramente
nesses bons versos o estado
psychologico, subsecente a uma
decepção de amor. Pois não é
verdade que o repudio de um
amor vale a abdicação de um
throno ?

SOBRE A BONDADÉ

E's bom. E porque és bom tua
[bondade
encanta-me e commove-me. Ella
[é o dom
com que me prendes. — Que per-
[versidade.
ser bom !

Sobre a vida encerra um
bello conceito:

Si a virtude é uma força e si o
[peccado
é uma fraqueza, nosso ser cançado
sente que a vida é uma deshar-
[monia
entre a força e a fraqueza. E, de
[tal sorte,
sendo a lucta do fraco contra o
[forte,
a vida é apenas uma covardia...

Mas a serie termina sob o ridi-
culo desta tirada:

"Si a morte fosse um mal
O demonio tambem devia ser mor-
[tal

O demonio, genio eterno do
mal, devia morrer si a morte
fosse um mal. Comprehendem ?

Si a morte fosse um mal, attri-
buição do demonio, o demonio
devia ser mortal. Devia, pois,
em lingua de gente — suicidar-
se. Ora, o noticiario da policia
não accusou ainda o seguinte:

"Hontem á noite o sr. Diabo
tentou contra a existencia, inge-
rindo forte dose de sublimado.
A assistencia compareceu. O
tresloucado moço está em esta-
do desesperador."

Conclusão: — a morte ainda
é um bem...

Deixando as estancias, não fal-
tam bellezas no **Livro de Ho-
ras**. "Offerenda" é uma feliz
tentativa em que o poeta aven-
tura intercalar toantes entre ri-
mas, trazendo para a nossa lin-
gua o que o francez ensaia e o
hespanhol consagrou ha muito.
Exito completo, renova-se em
"Verdade", onde já não ha ri-
ma alguma.

Quem amou demais — é li-
cito perguntar — o coração ou
a nuvem? O coração, certamen-
te. Convenhamos, pois, que o
conjunctivo **que** está em posição
critica, parecendo antes referir-
se a "nuvem", absurdo que nem
as liberdades da escola auctori-
sam no caso.

Um admiravel trecho biblico,

A amphora de argilla:

Está cheia demais minha amphora
[de argilla.
Transborda a essencia: és pobre
[e eu posso repartil-a
contigo, ó tu que vens de tão longe
[e tão perto
passas de mim! E' longo e esteril
[o deserto...



Meu vinho é puro e toca os bordos
 [do meu vaso:
 antes que o beba o chão, Peregrin-
 [no do Acaso,
 chega-te, e vem matar no boccal
 [generoso
 a eterna sede do teu cantaro po-
 [roso!
 Enche-o e parte! Depois, olha
 [atrás... e recorda!
 Todo amor não é mais do que um
 ["eu" que transborda.

Esse biblicismo encantador toma todas as formas na lyra de Guilherme de Almeida, constituindo a mais bella e característica feição de **Soror Dolorosa**. Encontramol-o ainda no "Cantico dos Canticos", outra pagina typica e perfeita, onde as mais extranhas associações, as comparações mais arrojadas estão bem, á vista das hyperboles de Salomão. E' uma obra viva, palpitante.

"Verdade" é outro exemplar de belleza, uma bella variante de um dos poemetos de Oscar Wilde. Eis os seus versos finaes:

No olhar do meu Senhor, como
 [num poço,
 procurei o reflexo mysterioso

Da verdade encantada; mas, no
 [fundo,
 tremulo e pensativo como um
 [junco,

achei apenas, num reflexo morto,
 a harmoniosa mentira do meu
 [corpo!

Não lembra o apologo de Narciso e a fonte?

O "apologo do espelho", que seria um encanto, está positivamente estragado por uma meta-

phora intoleravel como "a ponta hallucinada dos meus braços" e por um fecho muito aquém das forças do poeta e da viveza e dramaticidade da ideia exposta. A "ponta dos braços" é a mão. "A ponta hallucinada dos braços" difficil é identificar-se... O facto irreal da subdivisão da imagem pelas parcellas de um espelho, ficção de grande effeito, eis como se exprime:

"Depois, num gesto de salgueiro
 [e pluma,
 sobre elles debrucei-me; e vi que
 [em cada
 pedaço a imagem, que era apenas
 [uma,
 ficou multiplicada!"

"Ficou multiplicada!" E' phrase indigna do verso, expressão verbal frouxa, morta, incolor, por onde se arrasta empallidecida a significação. Ficar — verbo neutro; multiplicada — forma passiva da violenta acção de multiplicar-se alguma coisa; duas inocuidades, no mister forte da descripção!

Imperdoavel sob o criterio classico, mais intoleravel se torna em pleno symbolismo. As escolas modernas têm a sua razão no aneio pela expressão legitima, latejante, desvencilhada de intermediarios. Só assim se comprehende o proprio "cubismo": doida tentativa de linguagem nua, de eliminação das convenções verbaes, de reproducção das proprias coisas... Guerra á periphase, ao convencionalismo, tendencia para a contrac-



ção, cujo modelo é Pindaro, ce-
lebre pelos "vãos" entre os
quaes poz o espirito laconico
dos seus — admira que a esque-
cesse quem tão galhardamente
se bate pela renovação da nossa
poetica sob moldes mais viris.
Admira, tanto mais que Guilher-
me de Almeida é capaz de uma
expressão precisa, concreta e ho-
mogenea, qual a destes dois ver-
sos maravilhosos, em que uma
velha ideia refulge em scintilla-
ções novas:

"Muda em belleza a dor! A ave
[presa tem tanta
saudade do seu céu, que já não cho-
ra canta."

E é quem se exprime assim
que nos impinge, como chave
de poesia, phrase pilhada ao no-
ticiario dos "Factos diversos".

Não fecharemos esta chroni-
ca, que só tem por pretensão a
sinceridade, sem assignalar o
melhor do Livro de horas: —
"Soror Saudade". Nelle colmou
o poeta o seu impressionismo.
Nitido, bem delimitadas as suas
porções, em exacta correspon-
dencia, é uma construcção ma-
gica, pequeno monumento de um
grande mysticismo:

SOROR SAUDADE

Soror Saudade, no convento do
[Passado,
numa suave emoção de quem des-
[folha flores,
desfia o seu rosario — e vae como
[um peccado,
pallida e lenta, pelos claros cor-
[redores...

Quando o sol canta como um pas-
[saro dourado,
accendem-se na pedra os vitraes
[multicores:
e, ella só, pôde vêr, no claustro
[abandonado,
esse sonho que vem das luzes ex-
[teriores.

Mas quando a noite chega e, si-
[lenciosa e boa,
descendo a longa mão que em-
[bala e que abençoa,
fecha os olhos azues dos anjos
[nos vitraes,

Soror Saudade accende os cirios:
[e as rosaças
brilham ao teu olhar sómente, ó
[tu, que passas,
meu irmão de tristeza, e que tão
[triste vaes!

Isto percebe-se, enxerga-se e
é bonito. Não ha ahi chocalhos
e guizos de quem canta arvores
desgalhadas, caminhos desertos,
leguas, cortejos funebres... Ha
alguma coisa, que se vê e agra-
da á vista.

Com o Livro de horas de So-
ror Dolorosa — não importam
as restricções — mais uma vez
se affirmam as nossas letras e
o peregrino talento de Guilher-
me de Almeida.

PÔR DE SOL — *Faria Neves So-
brinho* — Ed. "Imp. Industrial"
— Recife — 1920.

Entre os nossos poetas ha os
que tudo fiam do espirito, da
alma e inspiração que poem
nos seus versos. São a grande
maioria, notadamente os estrea-
ntes. Pouco lhes importa o que
as palavras dizem. Para além
dellas ha a intenção, a "poesia",
a "belleza"... E, no geral, dão-

nos o que se poderia chamar "generosidades poeticas" — revoadas sonoras, que passam sobre as coisas sem nunca se deter. Abstracções, não se fixam, não se estadeiam em toda a sua contextura.

Em compensação, outros procedem inversamente. Restringindo-se á letra e ao pormenor, não raro se esterilizam, circumscriptos num circulo demasiado estreito. O sr. Faria Neves Sobrinho, da Academia Pernambucana de Letras, se, felizmente, está longe do primeiro caso, não foge ao segundo. Tendo a virtude de dizer o que diz, não interessa e, menos, transporta.

Porque? Dir-se-á que a objectivação intensa de seus versos roubou-lhes o ultimo resquicio de subjectivismo. Enregelou-os, materializou-os, pois?

Decerto. O sr. Faria Neves é um caso curioso. Tem a predilecção do movimento. A agua, agua corrente, toma a maior parte do livro. "O rochedo e a lympha", "Chuvas", "A fonte", "O rio", "A lagôa", "O pantano", "Aves immigradoras", "Urubús", "A queimada" — são os seus titulos, que contém todas estas suas ideias: agua e movimento. E', portanto, um typo motor?

Não o auctorisa a crer o seu estylo, a sua frieza e secura, absolutamente incompativeis com aquella feição mental, a mais rica e tumultuosa.

ANNA ROSA — *Jeronymo Osorio*
— Ed. Casa Duprat — S. Paulo
— 1920.

"Anna Rosa", romance do sr. Jeronymo Osorio, é historia interessante de uma caipirinha paulista, bella como os amores e disputada por toda a colonia e pela visinhança inteira. Em torno do seu casamento desenrola-se uma tragedia, de que são protagonistas um colono de origem italiana e um caboclo. Casada com este e infeliz no consorcio, Anna Rosa, entretanto, passados tempos, tem artes de conquistar o seu peculio, com o que tudo se acaba no melhor dos mundos.

A narração decorre como a da reminiscencia de um menino, que reconstrôe as scenas da sua infancia.

O auctor escreve correntiamente, revelando boa observação e certo estudo dos personagens. Nem sempre, comtudo, sabe discernir o interessante do anodyno, malbaratando paginas innocuas e dialogos perfeitamente incaracteristicos, que não logram dar á obra o tom da verdade, dependente d'elles, sobre tudo.

A confecção material, da Casa Duprat, muito recommenda aquelle estabelecimento.

FLORULAS — *Gil Lopes* — S. Paulo — 1920.

Não falta quem se exaspere com a avalanche de versos que vem assoberbando a bibliogra-



phia nacional. Ha quem se arpepele com isso. Ha quem se encomende a todos os demônios para não lêr linhas interrompidas a meio da pagina... Não importa que o poeta seja bom e, menos, que seja novo. O simples nome de verso sensibilisa as nossas pilhas electricas feitas criticos e o choque é infallível.

Ora, vae nisso grande inconsequencia. Que mal ha em mais uma, mais duas, dez ou vinte collecções de paginas metrificadas? Nenhum, decerto. Se o poeta é bom, melhor para elle e para nós. Se não, com um pouco de paciencia é para garantir-se que o céo não virá abaixo com isso. Demais, uma composição poetica nunca é uma má acção. Por via de regra inspirada no amor, o mais santo e o mais universal dos acontecimentos, a poesia, sublime ou mediocre, é uma obra de fé, piedade e ideal. O amor tudo sublima. Com elle, não haja receios de uma queda ou simples descahida. E' da sua natureza elevar-se e elevar consigo aquillo a que se atem. Só o odio rasteja. Só a descrença cae e apenas a materia chafurda.

Livro de versos, livro do amor, é sempre uma affirmação. E' proprio d'elle o crear e conservar. Não nega e nunca destróe.

Florulas, do sr. Gil Lopes, é assim. Livro sincero, livro ingenho, ahí o seu encanto. Não ha nelle pagina que destóe do estalão de um grande amor.

A DOR EM MEDICINA LEGAL

—Leonidio Ribeiro Filho — Ed. Leite, Ribeiro & Maurillo — Rio —1920.

Raras vezes um trabalho neste genero — these de doutoramento — tem conseguido tanto em nosso paiz. "A dor em medicina legal" abriu caminho por entre a mediocridade e vem fazendo o ruido dos estudos serios e verdadeiramente merecedores.

Laureado pela Academia Nacional de Medicina e francamente louvado pelas summidades na materia, apresenta, de facto, credenciaes de alta valia.

Analysando os artigos do nossoCodigo Penal que capitulam a dor physica entre as lesões corporaes, o dr. Leonidio Ribeiro Filho desenvolve abundante e cerrada argumentação, que esgota o assumpto, aliás novo. Com carradas de razão, prova-nos elle o absurdo de taes disposições de lei, pela impossibilidade de se provar e medir a dor.

Elegantemente escripto, em linguagem de quem diz coisas e só pretende dizel-as, merito não vulgar entre nós, o livro se lê com prazer, mesmo com olhos profanos como os nossos. E' que á copiosa erudição do auctor, que nos relata numerosas pesquisas de psychologia, sempre interessantes, se junta o proprio interesse da argumentação, conduzida com vigor e unidade.



CANÇÕES DA EDADE DE OIRO

— Lima Junior — Typ. Fonseca
— Maceió — 1920.

A poesia do sr. Lima Junior se resente do defeito de, atendo-se a generalidades, nunca positivar as coisas. Seus themas são vagos como "A floresta". "O Visionario" e outros em que cabe o mundo inteiro, mas que, em algumas estrophes, nada comportam.

Basta, porém, que o poeta se resolva a descer aos factos e ás ideias nitidas para que nos prenda a attenção, interessando-nos á sua musa, que ainda nos ha de dar algumas bellezas.

Vejam-se as despretenciosas quadrinhas intituladas "Menino". São, pelo menos, interessantes, porque dizem coisas palpaveis:

Se me não fôra dado tanto,
Se glórias taes não me chegassem,
Dessem-me ao menos este encanto:
Daquella escola me tirassem.

Pois eu não via pela rua
Gente deixando apparecer
Tanto prazer na vida sua
E que jamais soubera ler?

E' o que se quer e o que o talento do sr. Lima Junior, servido pela sua simplicidade e facilidade de metrificacão, fará um dia com successo.

PAMPA — Sylvio Julio — Typ.
Commercial — Fortaleza — 1919.

Volume de 300 paginas onde o A. reúne varias conferencias — A Independência, Norte e Sul, Alma Gaucha, Politicalha, A lei do pampa, O amor e a mulher, e

Colonisação — pronunciadas em varias epocas. O sr. S. J., autor já de varios livros de verso e prosa, revela-se neste um observador arguto das coisas brasileiras. Pertence á categoria preciosa dos que escrevem sobre o Brasil e se guiam não pela phantasia mas pela impressão pessoal, pela observação sincera do que lhe cahiu sobre as vistas. Tem o estylo correntio e sabe amenisar a narrativa com casos, anedoctas e citações de versos populares de maneira a ornar seu livro um verdadeiro livro de consulta. Toda a alma gaucha está nelle retratada com cores veristas — essa alma gaucha tao rica de cambiantes e pittoresco, ora rude, ora meiga, cruel ás vezes, ás vezes tão magnanima. Em varios trechos estabelece o contraste entre o sulino "que ama a alegria e bem merece o nome de povo dançarino, povo musical, povo da habanera", e o povo tristonho do norte, esmagado pelas forças da natureza.

Não ha nada mais bonito
Do que este céu tão azul,
Do que estas verdes cochilhas
Do Rio Grande do Sul.

Eu sou aquelle que disse
— Depois de dizer não nego —
Que achando amor do meu gosto
Morro secco e não me entrego.

Eu não sou tronco de páo
Nem raiz de canneleira,
Mas sou mimo das casadas
E regalo das solteiras.

Eu me chamo Gasparino,
Por sobrenome Fumaça.
Tudo que quero fazer
Ninguem me diz que não faça.

Assim canta, alegremente, festivo e fanfarrão, o sulino sadio; já o sertanejo do norte, triste e humilde, canta com resignação magoada:

*Pomba do matto, seu ninho
Dentro da moita escondeu;
O gavião os filhotes
Lá mesmo dentro comeu.*

*Meu coração socegado
Dentro do peito batia;
De lá mesmo foi tirado
E posto aos pés de Maria*

*De que serve, passarinho,
Ter azas e penna ter,
Si lá em cima nos ares
Gavião vae te comer?*

*Meu coração quiz voar,
Quiz fugir, qual passarinho...
Tu viraste gavião
E comestes o pobrezinho.*

*Ai, mulher! ai, gavião!
Dê-me outro coração!*

“A antithese é solenne, diz o Auctor. Ao sul, a franca alegria carnavalesca que faz de cada gaucho uma risada imperturbavel. Ao norte, este sussurro de onda nocturna, este ruflar compassado de alas angelicaes que vão aos céos, este suave cheiro das plantas olorosas, quando a brisa as agita muito de leve”.

L.

NOTTURNO DI UN POETA VAGABONDO. — *Vin. Ragnonetti*
— S. Paulo — 1920.

Aqui está um typo de livro bellissimo, como raramente se editam nesta nossa terra e que ga-

nha, á simples vista a sympathia do curioso.

Está impresso em papel superior, com a capa e as paginas vinhetadas, com graça e leveza de traço, por Mik Carnicelli — que revela nessas e nas illustrações com que ornou o texto, procurando interpretar a musa do poeta, um fino artista do lapis.

Alem disso, o livro tem, em paginas de fundo azul celeste, duas composições musicaes do sr. Crescenzo Carline — que os criticos elogiaram — e que tornam “O Notturmo di un poeta vagabondo” um volume de attracção singular, que a gente se punha, com visivel agrado, a folhear.

O miolo da obra, comtudo, faz respondencia ao luxo da edição.

Os seus versos tem pretensões innovadoras, como se depreheende do lemma que poz entrada do volume:

“Musa cinica: poesia che é prosa umana”.

Entretanto, o sr. Ragnonetti levou a preocupação da prosa um pouco alem de onde devia.

Não quer isto dizer que lhe falleçam requisitos artisticos. Pelo contrario, elle possue, evidentemente, a veia poetica e ha nos seus versos notas e accentos que promettem muito.

Deixou-se, porém, levar pela mania da originalidade “á outrance” e encheu o livro de extravagancias que afogam o que de bom existe no livro.

S. M.



O ESQUARTEJADO DE 1720

Ha, exactamente, 200 annos. Manhã brumosa de inverno mineira. O levante de Villa Rica, que puzera em sobresalto rechãs e socavões, planícies e montanhas das Minas Geraes, tivera seu fim com o triumpho estrepitoso das armas reaes. O socego fôra imposto a carga de cavalrarios e investidas da infantaria. No seu melhor uniforme, commandando quasi 3.000 homens, o capitão-general d. Pedro de Almeida fez a sua entrada triumphal na fidalga e alevantada Villa Rica.

Entre os revoltosos, sobresahia um que se impuzera pelo seu arrojo e bravura: Filippe dos Santos. Nesse, cahiram as iras do capitão-general. Condemnou-o á morte. Ao enforcamento? Não. Seria muita clemencia dum governador que, como d. Pedro de Almeida, passára, transido de medo, o quarto de hora de Rabelais. O castigo deveria ser exemplar, mistér se fazia um requinte de nequicia aterrorizante. Mais impressionaria, nesse dia do triumpho, um esquitejamento. Filippe dos Santos deveria ser amarrado em cavallos bravios e esquitejado vivo. E conta uma testemunha presencial, em documento que se encontra além-mar:

“Hera treviso o dia pelo tempo ser de inverno pezado. O capitão-general, á frente das tropas, fez vir o condemnado á sua presença e querendo mostrar sua bondade, disse-lhe que o mandaria enforcar, dispensando-o do esquitejamento em vida, si elle, condemnado, saudasse, em altas vozes, o Senhor Rei, que Deus guarde. Com a mesma petulancia com

que se armara contra El-Rei, o reprobo exclamou, possesso:

— “Morro sem me arrepender do que fiz e certo de que a canalha do rei ha de ser esmagada pelo patriotismo dos brasileiros, num dia que ha de vir e que será a minha vingança.”

Então o sr. capitão-general mandou amarrar-o com couro cru’ em cavallos indommados, escolhidos com cuidado, e pondo-se panno queimado nas ventas dos animaes, espatifaram num abrir e fechar de olhos o corpo do diabolico revoltado, que queria Republica das Minas, sem a auctoridade do sr. governador e dos juizes d’El-Rei Nosso Senhor. E noto que O caso ficará de escarmento.” (Carta do secretario do governador de Minas a d. José Menezes de Alboim Figueirôa, da casa real).

Em officio ao rei, datado de 2 de agosto de 1720, diz o conde de Assumar, executor de Filippe dos Santos:

— “A revolução tomou grande vulto, sendo esmagada por duas companhias de dragões reaes e 1.500 homens de infantaria; e o intuito dos revolucionarios era fazer uma Republica do povo, expulsar do governo todos os ministros; prendemos Filippe dos Santos, um dos cabeças que nessa revolta havia praticado os maiores desatinos; pelo que lhe mandámos fazer logo summario de suas culpas. e, como tudo confirmasse e nada negasse, o mandámos arrastar e esquitejar, pela necessidade urgente de darmos um exemplo de rigor e por estarmos certos que si Sua Magestade estivesse presente, maior seria ainda o castigo.”

E por ter confirmado tudo, proclamando suas idéas, Filippe dos Santos não foí devidamente castigado ao ser esquarterado vivo, pois, diz o governador, si o rei estivesse presente maior seria ainda o castigo.

Assombrosa justiça! Admiráveis juizes! Pretende-se que Filippe dos Santos tenha sido um misero aventureiro. Não é verdade. A confiscação de seos bens, avaliados pelo meirinho d'El-Rei, montou a 60.000 cruzados, afóra varios escravos, como se vê no processo que folheámos.

Dizem que Filippe dos Santos não era mineiro. Já elucidámos este caso e temos no prelo um livro sobre este grande revoltado. Ahí se verificará quão mal tem andado nossa historia official, menosprezando em suas consagrações aquelle que fez jus ao eterno respeito do Brasil.

Convicto, bateu-se como valente; venceu-o a força tres vezes maior do capitão-general das Minas, o conde de Assumar. Nem por isso se acovardou. Suas últimas palavras foram um latego de fogo que fustigou a frente da tyrannia de colonizadores impiedosos, de governantes sem entranhas.

Entretanto, 72 annos depois, Tiradentes foi enforcado, pelo mesmo crime de rebellião. E antes de galgar os degráos da forca deblaterou na devassa:

— *"Só si estivesse bebado ou louco fallaria em independencia"*.

Tiradentes, negando seos ideaes, e Filippe dos Santos affirmando sua fé, — num computo de merito patriotico, quem se altea mais? Tiradentes? Filippe?

Diz a patria enganada pelas mentiras de nossa historia official:

— *Tiradentes.*

Dizemos nós:

— *Filippe dos Santos, o verdadeiro proto-martyr.*

Ha 200 annos succumbiu o heroe. Ainda é tempo de lhe fazermos justiça.

Bemdito seja, pois, aquelle que morreo pela liberdade e pela independencia! Que a gratidão nacional se curve, reverente, ao defrontar, na galeria da historia, com a figura augusta e majestosa do rebelado de 1720.

Assis Cintra.

(*"Correio da Manhã"* — Rio).

AS ADVERTENCIAS DO RECENSEAMENTO

.....
 Todos os factores concorrerão, nesta definitiva operação censitaria, para um resultado sério. O que é indispensavel, após a divulgação desse resultado, é a deducção clara e imparcial dos seus ensinamentos. Porque toda a estatistica é uma lição. Vamos colher, por exemplo, uma informação pela qual muita gente aneia nervosamente: —terá o Rio de Janeiro um milhão de habitantes?

A anciedade é pela affirmativa, numa vaidade mal comprehendida, como si, para honra do Brasil, a sua capital não pudesse ficar inferior em numero de habitantes á da Argentina.

Si, entretanto, a hypothese do milhão carioca se verificar, eu, longe de com ella regosijar-me, considerarei o phenomeno como francamente desolador... E' que se assignalará com eloquencia o progresso de um mal cujas consequencias se estão dia a dia tornando mais incommodas— o urbanismo.

A intensificagão dos nucleos urbanos nem sempre corresponde a incremento do trabalho. O Rio, por exemplo, é uma cidade de ociosos. Ociosos de todos os niveis, ociosos de todas as classes, desde o elegante extasiado nas portas da Avenida até ao moleque peralta e carnavalesco. O almofadismo e a capadoçagem, eis os dois extremos da immensa cadeia da vadiagem carioca...

Ora, o recenseamento nos trará advertencias positivas. Virá facilitar o confronto entre o computo de habitantes do Districto Federal e a sua efficiencia em trabalho. Temos um milhão de criaturas, das quaes se presume originar-se actividade. Qual o valor dessa actividade?

Acredito que formal decepção estará reservada a quem se dispuzer á semelhante investigação.



Creou-se um agglomerado urbano parasitario, frouxo de energias, perturbador em suas manifestações, porque se torna preponderante, muitas vezes, na marcha das cousas governamentais. E esse agglomerado vaee crescendo, vegetativamente e, por adherencias, conservando todos os habitos que deploramos e adoptando consecutivamente outros mais deploraveis...

Ha dias falava-me o illustre ministro Alfredo Pinto do problema da infancia ociosa, errante pelas ruas do Rio de Janeiro. São camadas e camadas novas de gerações votadas á capadoçagem e aos sambas carnavalescos, com o desfalque que inflinge a tuberculose. Sonhava o ministro com a derivação dessa massa superflua para os campos... Quando o conseguiremos empregar?

O recenseamento, comprovando irrefutavelmente a indolencia, o peso morto, do milhão carioca, talvez induza os legisladores a uma obra de providencia e de decoro nacional: restringir á metade, por meio de um persuasivo encaminhamento para o interior, essa população polychromica, e conseguir que a restante se vista e calce com asseio e decencia...

VEIGA MIRANDA.

(Correio Paulistano — S. Paulo)

"CAVAR"

Ahi está um dos termos mais notaveis do "argot" brasileiro que adquiriu nos ultimos tempos prestigiosos foros de cidade

"Cavar"!

Quando houver alguém nesta terra que realize a aspiração do sr. Monteiro Lobato — libertar-nos da tyrannia dos lexicons lisboetas, compilando um dictionario portuguez tal qual falamos e escrevemos, nesse dia, "cavar" com a sua nova accepção estará

incorporado definitivamente ao patrimonio da lingua.

Pois hoje neste paiz todos querem "cavar" um negocio, um emprego, dinheiro, todos se dispõem a "cavar" a vida. Quer dizer que cada um procura fazer o negocio por meios inconfessaveis; obter o emprego não pela competencia, mas pelo pistolão e o nepotismo; embolsar o dinheiro, ganhando-o equivocadamente. Pretendem, em summa, levar a vida de maneira milagrosa.

Assim, eu cavo, tu cavas, elle cava; nós cavamos, vós cavais, elles cavam... Ha uma conjugação geral do verbo deploravel. A todo o pretexto em todas as occasiões, por todos os meios...

Uma des "cavações" mais "roxas" de que se está falando agora aqui é a de certos sujeitos que pretendem entregar ao rei Alberto albuns commemorativos de sua proxima visita. Para isto começaram dirigindo-se ao commercio. Por um conto de réis, adeantado já se vê, o vendeiro ali da esquina pôde ter numa das paginas o retrato seu e o do estabelecimento, com "versos vis" do poeta Beldroegas e calungas idiotas do caricaturista Fagundes. Tal é, em essencia, esse plano, essa "cavação" que parece deus já a ganhar boa maquia aos seus espertos autores e que está na imminencia de pôr uma nota de ridiculo obeliscal na recepção do rei-soldado, ameaçado de receber uma obra inexpressiva de um mau gosto unico com a réclame de quanta bodega haja por ahi cujo dono queira fazer figuração...

As ratas nas nossas homenagens ao soberano e sua familia hão de ser inevitaveis, mas esperemos do governo que não consinta nessa dos famosos albuns. O presidente Epitacio está felizmente dirigindo em pessoa a organização do programma das festas. S. exc., que tem sido accusado até de excessivo na observancia das normas protocolares, ha de impedir por



certo que se consumme a tentativa imprudente d'alguns mestres da arte de "cavar"

Rio 17, junho, 920

S. — (*Jornal do Commercio*, — Recife).

AS CONSEQUENCIAS DO URBANISMO

Uma das causas, senão uma das principaes, que mais influem na Capital da Republica, para tornar a vida cada vez mais difficil, cara e cheia de necessidades, é, não existe a menor duvida — o Urbanismo, vicioso e improductivo, accumulando hostes enormissimas na cidade em detrimento dos centros ruraes que vivem ao abandono.

Ninguem faz idéa desse accumulo de gente sobre gente no seu infecundo viver, adquirindo tudo, occasionando a carencia geral dos mantimentos e encarecendo a oferta dia a dia.

Não pôde realmente haver maior desastre economico no equilibrio das forças productoras de um paiz, do que esse que se dá entre nós, quando o grosso, o escól da sua população encontra-se nas cidades, agglomerada, sem nada absolutamente produzir e debatendo-se na angustiosa vida das grandes populações industriaes, commerciaes e burocraticas.

Basta comprehender-se perfunctoriamente, que sem o florescimento da lavoura, sem a intensidade do trabalho rural, não pôde haver industria fecunda, nem commercio prospero — porque a produção agricola é o alicerce, é a base que mantém todas as outras organizações sociaes em equilibrio estavel.

Dá-se depois o facto que o Urbanismo carioca é um dos mais desoladores do mundo: aqui ninguem quasi produz e se nós nos abstermos de sondar a zona propriamente urbana e visitarmos

a suburbana e a rural, tudo é da mesma fôrma lastimavel.

Ninguem planta e nem cria cousissima alguma, mesmo na zona rural, as hortas são rarissimas e a criação não passa, quando se faz, de meia duzia de gallinhas cheias de vermes e piólhos, para o consumo domestico, encerradas em um gallinheiro sem hygiene alguma.

A população da cidade se agglomera em casas de commodos abjectissimas, em barracões, em porões, em apartamentos escuros, sem a menor sombra de conforto e passando a "brisa".

Preferem, porém, ser miseraveis na cidade do que felizes no campo.

Mas nesse fojão se a população cresce e se avoluma dia a dia a um milhão e quinhentos mil habitantes, como se estima, as suas necessidades augmentam em proporções demasiadas, constituindo o exercito de consumidores que ahí se vê a pleitearem os meios de vida urbanos em uma extensão das mais trabalhosas e mortificantes, engrossando a caudalosa vaga da grande massa improductiva.

Não sómente do exterior, como do norte, sul e centro do paiz as levas de familias que aqui aportam, se deslumbram ante o Urbanismo carioca e aqui ficam á cata de uma occupação ou funcção que sómente não seja rural.

Os campos se encontram em abandono completo e no Rio de Janeiro ha carencia das cousas mais comensinhas á nossa variada alimentação.

O Rio de Janeiro é um vasto hospital de tuberculosos, consumptivos, fatigados, emmagrecidos, pallidos, deprimidos e estiolados pelo meio urbano. E' a Estatística Demographo-Sanitaria Official que o affirma com os seus algarismos eloquentes:

Tomemos á mão o Annuario Demographo-Sanitario de 1915 que accusa um obituario de 4.500 pessoas fallecidas de tysica, equivalente a 375 por mez, 93 por semana e a 13 por dia (!) devendo considerar-se que é isso sómente na zona urbana e suburbana e o que se dá á Saude Publica como casos notificados, que muitos são sonegados afim- de evitar o constrangimento das familias e o expurgo sanitario.

Isso é o indice flagrante do de-pauperamento de um povo pelas fadigas extenuantes e consumptivas do Urbanismo.

Ninguém pôde affirmar que não existe essa plethora urbana, augmentando desproporcionalmente, porque a propria Estatistica Demographo-Sanitaria Official accusa que sómente no movimento da população de fevereiro de 1920 houve um excesso de 5.166 entradas sobre as sahidas por via maritima e terrestre.

Segundo a mesma estatistica, a população do Rio de Janeiro (Districto Federal) em 31 de dezembro de 1918 era de 886.453 habitantes.

Nasceram em 1919 30.455 crianças.

Houve um excesso de entradas sobre sahidas por via maritima e terrestre de 93.936 pessoas perfazendo um total de 950.844.

A deduzir:

Total dos obitos occorridos nas zonas urbanas e suburbanas em 1919, 24.300.

População do Districto Federal em 31 de dezembro de 1919,..... 926.544.

Anno de 1920:

Janeiro — População em	
31 de dezembro de 1919	926.544
Nascimentos	3.122
Excesso de entradas . . .	790
Somma	930.456

A deduzir:

Obitos	1.962
População urbana	928.494
Fevereiro — População em 31 de janeiro de 1920.	928.494
Nascimentos	2.652
Excesso de entradas . . .	5.156
Somma	936.302

A deduzir:

Obitos	1.782
População	934.520

E a progressão continúa em março e abril com maior intensidade, tanto mais em situação alarmante quanto nós olhamos para a zona rural do Districto e vemos-a clamorosamente deshabitada e sem culturas, porque o urbanismo absorve todos os braços validos e despovôa os campos.

pos.

Quem sahe da zona urbana e penetra em qualquer parte da zona suburbana e rural e mesmo fluminense tem a impressão terrivel dessa desolação.

Não é possível que essa inversão fatídica continue; precisamos de leis que ponham termo a este estado de cousas, que prohibam esta perniciosissima agglomeração de seres á guiza de lagartas.

Rumo aos campos, ao trabalho, á riqueza e á saude. Propaguemos por todos os meios na cidade o anathema contra o "urbanismo" fallido e estenuante que a empolga. Bebamos as lições dos povos civilizados e modernos que o profligam e o execram.

Precindindo de falar na Europa, que tem combatido por todas as formas o urbanismo, queremos sómente nos referir á America do Norte, onde se procura combater por todas as fórmulas o urbanismo, organizando pequenas lavou-ras ou "Basse-Cours", mesmo nos centros urbanos.

Em Nova York são innumeradas as hortas dependentes das escolas pri-



marias especialmente adaptaveis ás areas congestionadas da grande cidade onde os terrenos são escasos.

E' tão acanhada a terra em alguns locais que se não pôde offerer as crianças áreas superiores a 10 ou 12 pés quadrados.

São muito limitadas como se vêtaes áreas mas servem para demonstrar as possibilidades da horticultura de uma maneira adequada, dando gozo e prazer ás crianças que adquirem magnificos conhecimentos de trabalhos experimentaes ruraes.

Experiencias que se têm feito provam que desde que se orientem bem as crianças ellas pôdem colher de 18 de área de terreno hortaliças no valor de 50 ou 100 dollars annuaes.

Calculando sómente a terça parte das crianças dos Estados Unidos ellas produziram 300,000,000 de dollars annuaes na "urbs".

A criação de aves e produção de ovos é uma occupação extraordinaria e rendosissima para senhoritas e donas de casa da cidade.

As aulas de cozinha são frequentadissimas pelo escól das senhoritas cidadôas.

Até 1913 dos 203 collegios que conferjam grãos de bacharel, nenhum exigia a "arte-domestica", como o assumpto obrigatorio para a admissão.

Hoje 79 dessas instituições incluíram essa disciplina como obligatoria e há mais 10 que procuram incluí-la, se já não o fizeram.

Nas aulas de cozinha da cidade as alumnas aprendem a classificar os alimentos, a comprar nos mercados mantimentos a preparal-os em casa a servir as refeições e em curso complementar aprendem a preparar e fabricar os artigos alimenticios e conservas de legumes e frutas.

Os clubs de conservas se encontram por toda a parte com uma

frequencia extraordinaria, as directoras se incumbem de mandar instruir as famílias ensinando-lhes a fabricação domestica dos productos bem como o seu acondicionamento em latas, frascos e caixinhas, fornecendo-lhes a preços modicos os aparelhamentos necessarios ao trabalho.

Os mesmos directores encarregam-se egualmente de vender no mercado esses productos de fabricação domestica, depois de minuciosamente fiscalizados.

E os clubs de Milho, de Fructas, de Flores — occupam uma multidão de associados, procurando-se de toda fórma transformar o urbanismo vicioso em occupações utilitarias e operosas, desurbanizando mo enervante e dissoluto.

Mas a organização que combate mais o Urbanismo é o Club de Trabalhos Agricolas, onde existem mais de 150,000 moços e moças em verdadeira actividade e nenhum rapaz ou rapariga ali hoje trocaria o seu palminho de terra rural pelas grandes riquezas e opulencias da cidade.

E essa é que é a sabedoria do bom senso pratico. Sómente a vida dos campos é venturosa e viril, cheia de encantos e attractivos naturaes.

Sigamos os antigos preceitos e as lições valiosas dos nossos antepassados nos seus sabios apherimos, que nos legaram:

Semeia, cultiva e cria
Que dia e noite terás alegria.

Planta flôres, cultiva a horta
Que dinheiro e fartura terás á
|porta.

Da saude queres o segredo?
Dirige a agua, planta o arvored.

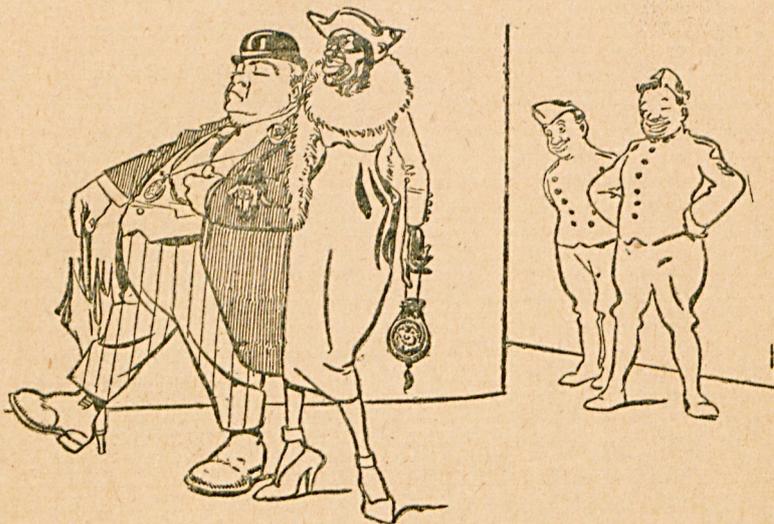
PASCHOAL DE MORAES.

("Jornal do Brasil" — Rio).



CARICATURAS DO MEZ

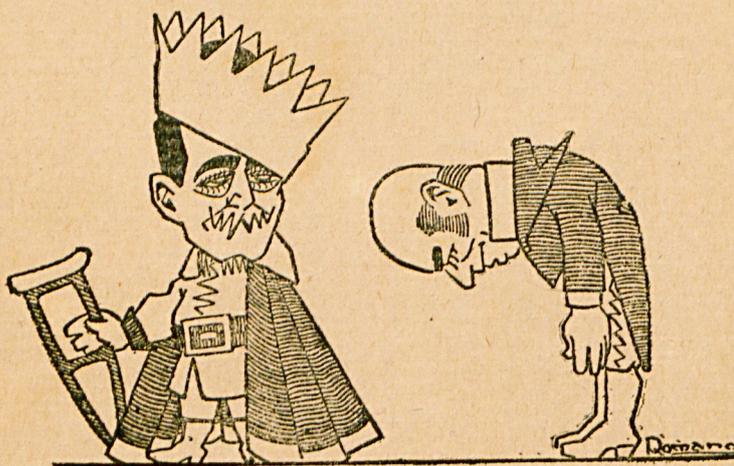
O ESPIRITO DAS RUAS



Um fuzileiro: — Eta, bicho, tá queimando carvão nacioná!

KALIXTO (D. Quixote).

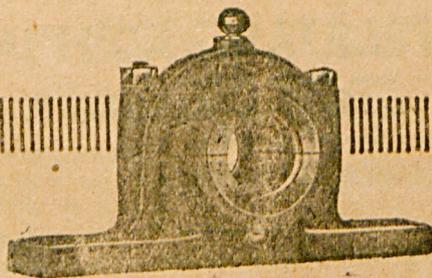
EM COPACABANA



Pita I — Vá buscar o sabão que eu vou para o banho de mar...

SKF

O
MANCAL
IDEAL



Companhia **SKF** do Brasil

RIO DE JANEIRO
141, Rua da Quitanda, 141
Caixa Postal, 1452

SÃO PAULO
57-A, Rua São Bento, 57-A
Caixa Postal, 1745

NOVIDADES LITTERARIAS ARGENTINAS

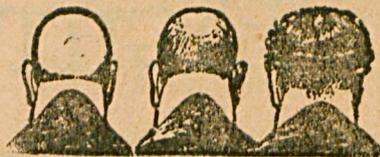
No intuito de pôr os leitores da "Revista" em contacto com a litteratura argentina cujo movimento é hoje notavel, já em obras originaes já em traducções, podemos hoje annunciar algumas obras da "Cooperativa Editorial Limitada" á venda em nossa redacção.

JOSÉ INGENIEROS — <i>La Locura en la Argentina</i>	\$5000
<i>Este notavel estudo trata da loucura e bruxaria no periodo colonial, dos antigos "loqueros" de Buenos Aires, da loucura durante a revolução, no tempo de Rosas e hoje.</i>	
CARLOS IBARGUREN — <i>La literatura y la gran guerra</i>	\$5000
BENITO LYNCH — <i>Raquel</i> (romance da vida argentina)	\$5000
RABINDRANATH TAGORE — <i>La cosecha de la frute</i> , versão de Muzzio Saenz-Peña	\$3000
MANOEL GALVEZ — <i>La maestra normal</i> (romance da vida de provincia)	\$5000
MANOEL GALVEZ — <i>El mal metafísico</i> (romance)	\$4000
BERNARD SHAW — <i>El heroe y sus hasañas</i> (comedia anti-romantica)	\$5000
ALIPIO CHIAPPORI — <i>La belleza invisible</i> (estudios de esthetica)	\$5000
H. QUIROGA — <i>Cuentos de Amor, Locura y de Muerte</i>	\$5000
ARTURO CAPDEVILA — <i>El amor de Schahrazada</i>	\$4000
MARIANO BARRENECHEA — <i>Historia Estética de la Musica</i>	\$6000
DELFINA BUNGE DE GALVEZ — <i>La nouvelle moisson</i>	\$4000
MANOEL GALVEZ — <i>Nacha Regules</i> (romance)	\$4000
MANOEL GALVEZ — <i>La sombra del convento</i> (romance)	\$5000
ALVARO MELIAN — <i>Litteratura contemporanea</i>	\$5000
ALEJANDRO COSTINEIRAS — <i>Maximo Gorki</i>	\$5000

Pedidos á "REVISTA DO BRASIL", caixa 2-B, acompanhados de mais 500 réis por volume para o porte



O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Sempre o PILOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o Phospho-Thiocol Granulado de Giffoni. Pelo phospho-calcio physiologico que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo sulfoguaicol tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo e appetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescencia da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: Drogaria Giffoni RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCOES intestinaes e do apparelho urinario, evitam-se usando Uroformina, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar. Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: Drogaria Giffoni, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

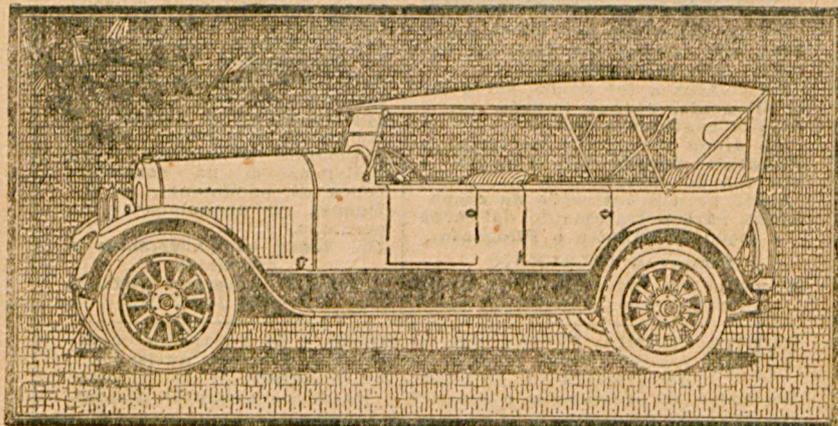
Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Cole Aero-EIGHT



Oito cylindros — 85 cavallos — 2800 revoluções por minuto

O MOTOR DE MAIOR ROTAÇÃO QUE SE FABRICA
PARA AUTOMOVEIS

Luxo -- Commodo -- Elegante -- Silencioso.

GRANDE VELOCIDADE E RAPIDA CELERAÇÃO

Destaca-se entre os carros de luxo pela sua belleza e excellencia

ISRAEL COMPANY LIMITADA

SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu N. 79

Rio de Janeiro

Av. Rio Branco N. 35-A

Porto Alegre

Rua dos Andradas Nos. 273-275

Acaba de aparecer as duas
últimas edições da ———
"REVISTA DO BRASIL"

NEGRINHA,

finos contos por Mon-
teiro Lobato broc. 2\$500,
encd. 3\$500

Historias da nossa historia,

um dos mais interes-
santes trabalhos de Vi-
riato Corrêa broc. 4\$000,
encd. 5\$500

PEDIDOS AOS EDITORES
MONTEIRO LOBATO & CIA.

Rua Boa Vista, 52 sob.

----- Caixa, 2-B -----

Para o interior, mais 10 o|o para o porte



A NOVELLA NACIONAL

Acaba de apparecer o primeiro volume desta interessantissima collecção, collaborada pelos mais notaveis novellistas nacionaes e publicada sob a direcção de AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira). Cada exemplar, artisticamente confeccionado, impresso em excellente papel e illustrado com varias gravuras, contém de 60 a 80 paginas em formato 16 1/2 por 12 1/2 centimetros e custa 1\$000. Pelo correio, registrado, 1\$200.

Já está á venda o primeiro volume:

A PULSEIRA DE FERRO — por AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira), com illustrações de Ruy Ferreira.

A seguir:

OS NEGROS — por MONTEIRO LOBATO, o festejado auctor

A NOVELLA NACIONAL é série de pequenos livros, nos qual se mira o seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Para alcançar esse triplice objectivo, que se pode condensar no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS, põmos á disposição dos autores e do publico toda a nossa boa vontade, e pedimol-a egual, tanto a uns como a outro.

Aos primeiros, como aos segundos, não serão indifferentes os beneficios que de iniciativas desta ordem poderão advir: maior divulgação da boa literatura e melhor educação literaria das massas populares. Para obter taes resultados, era preciso um intermediario: o editor que buscasse o meio de pôr o livro ao alcance de todos, evitando, porém, o grosseiro recurso ás edições mal compostas, mal impressas, sem resquicio de elegancia, sem traço de arte, não só porque o livro materialmente mal feito é livro que repugna a muita gente, como também porque se torna um detestavel agente de propagação do mau gosto, entre aquelle que o toleram. Esse intermediario, nós pretendemos sel-o, e esta série de pequenas novellas é o nosso primeiro ensalo nesse caminho.

O TEXTO — Constará este, em cada volume, de uma curta novella, a cujo autor deixamos completa liberdade de concepção e execução, só exigindo que a obrinha possa entrar em toda parte sem o menor inconveniente.

OS AUTORES — Os autores serão, de preferencia, escripto-

res já vantajosamente conhecidos. Entretanto, não recusaremos a contribuição dos que ainda não alcançaram maior nomeada, e até dos inteiramente obscuros.

Se a obra tiver valor, se merecer entrar em concurso com as que disputam as boas graças do publico, nestes torneios flo-raes da intelligencia, não vemos porque não deva ser incluída na collecção. Ao contrario, teremos grande prazer, se pudermos cooperar para que se affirme alguma nova personalidade brilhante, para maior gloria das nossas letras. Nestas condições, estamos promptos a receber os originaes que nos quizerem confiar para exame.

O VOLUME — Constará cada um de 60 a 80 paginas, no formato de 16 1/2 por 12 1/2 centimetros, em bom papel, com illustrações de verdadeiros artistas, e não de pretensos artistas ou de curiosos.

ORDEM DA PUBLICAÇÃO — Apparecerá approximadamente, um volume por mez, o qual será exposto á venda, ao mesmo tempo, em todos os Estados.

O PREÇO — É de dez tostões por volume, o mais barato possível, nas actuaes condições da industria typographica, com a carestia do papel e da mão de obra, e com a necessidade, tão essencial como qualquer outra, de retribuir, embora modestamente, mas devéras, o trabalho dos autores e illustradores.

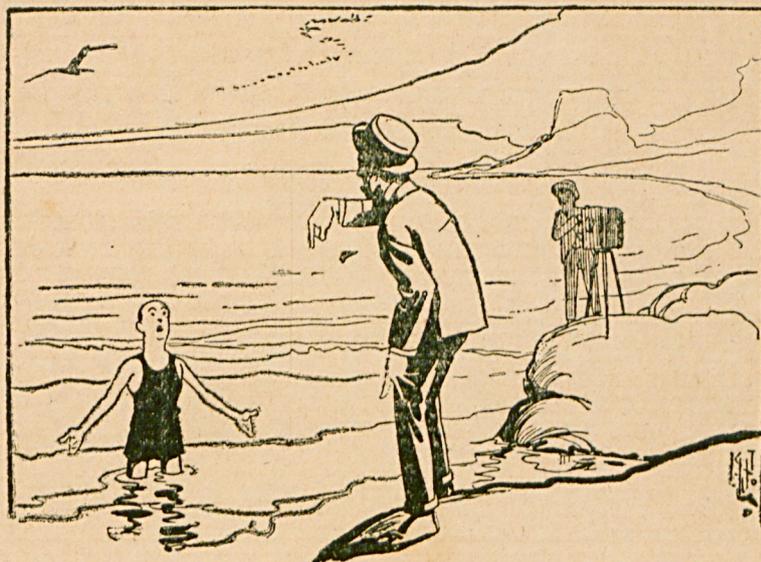
Eis ahí clara e lealmente exposto o nosso programma, para todos quantos queiram trabalhar connosco, e para o publico a quem desejamos sinceramente servir e cujo favor impetramos.

OS EDITORES

Pedidos á Soc. Editora Olegario Ribeiro

RUA DIREITA, 27 (2.º andar - Caixa Postal, 1172 - S. PAULO

CINEMATOGRAFIA NACIONAL



- Ahi, no momento em que ella cae ferida, você avança pelo mar a dentro e mergulha.
- Mas eu não sei nadar...
- Não faz mal; o personagem não apparece mais na fita...

KALIXTO (D. Quixote).

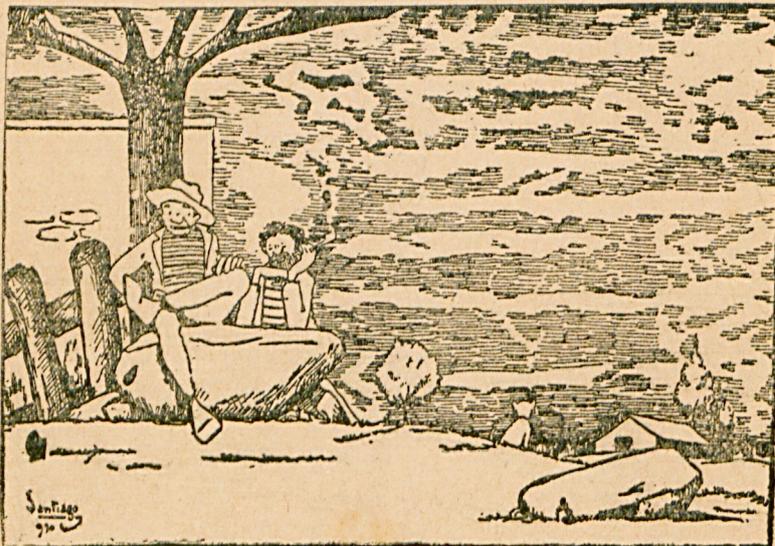
O "RIGOLETTO" PELA... "PRIMEIRA"



- Ora, papae! Então o senhor crê que um moço de familia nobre desça até a uma menina do povo?
- Mas, minha filha; repara que alem de bonita ella tem uma vóz de soprano !...

JEFFERSON (D. Quixote).

O RIO REPLETO DE LADRÕES



— Eu quiz hontem abrir a porta de uma casa e não pude.
 — Porque?
 — A fechadura estava estragada; cahiu dentro della um pão de cem réis...
 SANTIAGO (D. Quirote).

NA QUINTA

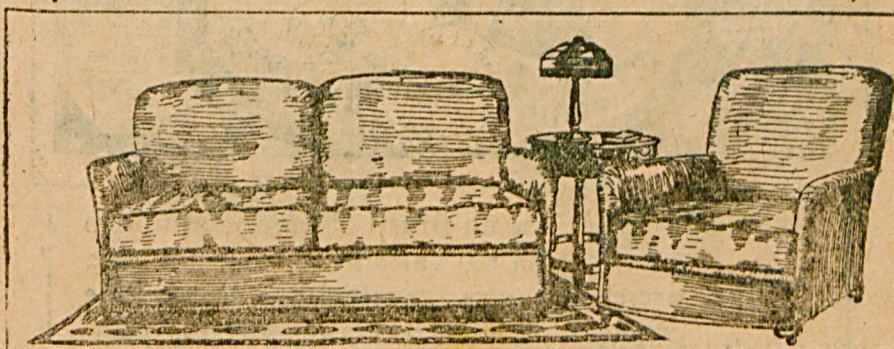


— Mais força, meninos, mais força, para o rei vêr que isto é cantiga
 a la menor.

RAUL (D. Quirote).

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ———

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

BIBELOTS E OBJECTOS DE ARTE



NENHUMA casa no Brasil oferece ao publico uma escolha tão variada em objectos para presentes, para cavalheiros, senhoras e crianças, de todas as classes sociaes, quanto a nossa. — Estes objectos - de metal, prata, terra-cotta, de louças, inglezas, holandezas, suecas, allemans e japonezas; de crystal, marmore, bronze e de seda, estão artisticamente espalhados pelos *cinco andares* do nosso vasto predio.

Brinquedos - Vehiculos para crianças - Moveis de vime - Artigos de viagem - Tapetes e oleados - Victrolas - Grafonolas - Discos - Perfumarias e Esporte, e uma grande infinidade de objectos de utilidade completam o sortimento das

Galerias Edison

S. Paulo

Rua 15 de Novembro, 55

CENTRAL 2131

Gustavo Figner

A maior casa existente no Brasil em artigos para presentes.

Telephones em todas as secções. Elevador.

Rua 15 de Novembro N. 55

GUSTAVO FIGNER

O Vinho Reconstituente

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros. **Silva Araujo**



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionais ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



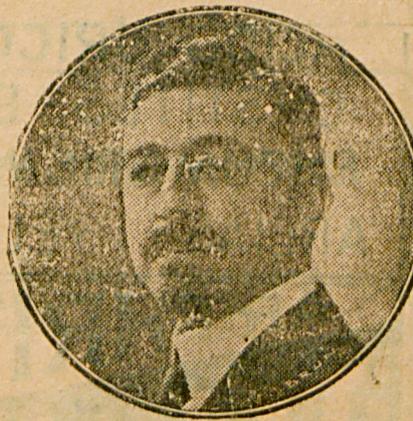
"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof. MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE
INAPPETENCIA

ANEMIA
ESCROPHULOSE.

RACHITISMO

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escritorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escritorio: Travessa do Comercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escritorio: Travessa do Comercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5567 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

==S. PAULO==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo

MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Galberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"

